

BASEADO NA SÉRIE CRIADA POR
RYAN MURPHY, BRAD FALCHUK E IAN BRENNAN

SOPHIA LOWELL



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

SOPHIA LOWELL

glee
O INÍCIO

Tradução
Sabrina Garcia



GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2011

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L953g Lowell, Sophia, 1965-

Glee [recurso eletrônico] : o início / Sophia Lowell ; tradução Sabrina Garcia.
– Rio de Janeiro : Record, 2011.

Recurso Digital

Tradução de: Glee : the beginning

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-09686-9 (recurso eletrônico)

1. Conto brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

11-
4686

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Copyright © 2010 Twentieth Century Fox Film Corporation.
GLEE TM & © Twentieth Century Fox Film Corporation.
Copyright in Portuguese translation © 2010 Grupo Editorial Record
All rights reserved.

Publicado mediante acordo com Hachette Book Group, Inc.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou
em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Texto revisado pelo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa
somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09686-9

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

um

Sala do diretor Figgins, segunda-feira pela manhã

Rachel Berry parou em frente à sala do diretor Figgins pelo tempo necessário para endireitar as meias $\frac{3}{4}$ e alisar as laterais da saia de veludo cotelê. A camisa social incrivelmente branca e o colete com estampa de losangos cor-de-rosa e verde-escuro pareciam gritar “eu me esforço demais” — não que o diretor Figgins precisasse ser lembrado de que Rachel era especial. McKinley High School não era o tipo de colégio onde os alunos quisessem se destacar. E Rachel se destacava.

— Bom-dia, Sra. Goodrich. — Rachel mostrou seu melhor sorriso para a mal-humorada secretária. A Sra. Goodrich cheirava a biscoitos e, por alguma razão, sempre olhava para Rachel com uma expressão de reprovação, o que parecia injusto. Ela deveria ficar feliz ao ver alguém que não fosse um delinquente juvenil ir à sala do diretor. — O diretor Figgins está?

— Você tem hora marcada, Rachel? — Os olhos pequenos e brilhantes da Sra. Goodrich a encararam por cima dos óculos bifocais

minúsculos.

— Não, mas o diretor Figgins disse que sempre fica feliz em me ver. — Rachel passou despreocupadamente pela mesa da Sra. Goodrich, sentindo uma leve vontade de comer biscoitos. Enquanto seus mocassins acolchoados atravessavam a porta que levava à sala do diretor e pisavam silenciosamente no carpete gasto, ela não conseguiu deixar de pensar que era um pouco triste um diretor não ter sequer um piso de madeira decente. Mas Rachel não deixaria a tristeza da existência do diretor Figgins abalá-la — não hoje. Talvez ele estivesse enfurnado numa sala decadente na decadente cidade de Lima, em Ohio, mas Rachel Berry não ficaria ali para sempre. Não se ela pudesse fazer alguma coisa em relação a isso.

Para Rachel, o primeiro ano fora um pequeno fracasso. Ela achava que, ao chegar ao ensino médio, se revelaria e ajudaria as pessoas ao seu redor a perceberem como ela era incrível e talentosa de verdade. Em vez disso, quando levantava a mão para dar uma resposta — sempre correta — na aula de história, seus colegas reviravam os olhos; quando ia à frente da sala de aula resolver um problema de álgebra — corretamente — no quadro-negro, colocavam o pé na sua frente para que ela tropeçasse; sempre que se oferecia para um dos papéis — geralmente o principal — numa peça qualquer de Shakespeare que os alunos estivessem lendo na aula de inglês do Sr. Horn, eles protestavam. Somente em Lima alguém era ridicularizado por querer sair de Lima.

O ponto culminante da sua humilhação, porém, foi perder a campanha para representante de turma. Os cartazes que ela fizera com tanto cuidado, combinando listras patrióticas vermelhas, brancas e azuis com suas estrelas douradas características, eram praticamente profissionais. Mas os cartazes, assim como os slogans cativantes que ela e seus dois pais criaram, foram profanados das mais diferentes formas pela concorrência. Alguém, com uma caneta

pilot, transformara “Vote em Berry — Ela arrasa” em “Vote em Berry — Ela é bizarra”. Após as eleições, vencidas pelo popular Sebastian Carmichael (que não foi uma surpresa para ninguém), Rachel pediu que os votos fossem recontados. Jessica Davenport, uma das apuradoras oficiais da eleição, disse que nenhum outro candidato perdera por uma margem tão grande. Na história do colégio. E disse que recontariam os votos porque achavam que tinha havido algum erro. Não havia.

— Rachel, bom-dia. — O diretor Figgins a olhou rapidamente, sentado à sua mesa. A janela atrás dele dava para o estacionamento dos estudantes em toda a sua glória, onde alunos se escondiam atrás de seus carros para dar um último trago em seus cigarros. Um grupo de jogadores de futebol americano rondava dois calouros, provavelmente ameaçando trancá-los em um dos banheiros químicos perto das arquibancadas do estádio. — Estou muito ocupado hoje. Alguém despejou quarenta litros de suco de amora Kool-Aid na piscina e o time de natação inteiro está tingido de azul — disse ele com um suspiro profundo.

Seu leve sotaque indiano parecia mais forte quando ele estava agitado. Sendo filha de dois pais gays, Rachel apreciava o fato de que Lima era surpreendentemente diversificada para o centro-oeste.

— Desculpe interrompê-lo, diretor Figgins, mas é muito importante. — Ela se sentou graciosamente em uma das cadeiras diante da mesa, tentando ignorar o barulho deselegante que o estofado de couro fez abaixo dela, e cruzou as pernas com cuidado. Sim, o primeiro ano havia passado. Nada além de uma distante lembrança ruim.

— Sim, Rachel... — Ele esfregou as olheiras, e Rachel se perguntou, momentaneamente, se estaria tudo bem na sua vida pessoal. Ele nunca aparentava estar muito feliz. — Por que você não me diz do que se trata?

— Como você sabe, diretor Figgins, o colégio McKinley, infelizmente, possui um número limitado de atividades criativas para alunos que gostam de performances, como eu. — Era verdade. Até onde conseguia se lembrar, seus pais deixaram que ela se matriculasse em todas as atividades que queria: sapateado, balé e, por um breve período, hip-hop. Treinamento de voz, aulas de piano e de atuação. Oratória, improvisação, concursos de beleza. Qualquer coisa que permitisse a Rachel estar no palco.

Porém, quando chegou ao ensino médio, era como se suas opções tivessem desaparecido. Tudo girava em torno de política.

— Sim, bem... — O diretor Figgins passou a mão pelo cabelo, mostrando um princípio de calvície. — Os cortes no orçamento fizeram desse um assunto complicado. Acho que não há muito o que eu possa fazer.

— Há, sim, senhor. — Rachel acreditava que quando as pessoas diziam “não” como resposta, elas simplesmente estavam com preguiça de descobrir como dizer “sim”.

— Explique-me, então.

Rachel havia preparado um longo discurso essa manhã, enquanto fazia seus trinta minutos de exercícios no transport em seu quarto. Ela acreditava firmemente na saúde holística. Acordava cedo todas as manhãs para fazer um exercício cardiorrespiratório ou ioga. Essa rotina a ajudava a se manter equilibrada.

— Percebi que existe um espaço subutilizado, que tem sido desperdiçado... E que eu gostaria de assumir. Os avisos matinais. — Ela balançou os braços com um movimento elegante, como se acabasse de anunciar um vencedor do Oscar.

— Mas a Sra. Applethorpe sempre...

— Eu sei, senhor. — A Sra. Applethorpe era a inspetora, que, todas as manhãs durante a primeira aula, lia os avisos diários com o entusiasmo de um agente funerário. — Mas acho que seria justo se

outra pessoa tentasse. Alguém que pudesse ler os avisos com mais animação.

Era difícil para Rachel ficar parada quando se sentia tão perto do sucesso. Que jeito melhor para fazer com que ela — e sua voz maravilhosa — ficassem conhecidas? Era o mais próximo que o colégio chegava de uma transmissão de rádio. E era um público cativo — ninguém poderia mudar a estação! Além disso, muitas celebridades importantes começaram no rádio, como Ryan Seacrest. “Não que ele seja tão talentoso quanto eu”, pensou Rachel.

O diretor Figgins se recostou na cadeira.

— Não é uma ideia tão ruim. A Sra. Applethorpe tem reclamado de vertigens quando fica em frente ao microfone.

— Excelente! — exclamou. O problema da Sra. Applethorpe era a solução de Rachel.

O diretor Figgins assentiu, mordendo os lábios com uma expressão preocupada.

— Você pode começar, mas somente como um período de experiência. Duas semanas. — Ele olhou para o relógio. — Pode começar hoje, se falar com a inspetora a tempo.

Dez minutos depois, Rachel ajustou o microfone e passou sua escova de cerdas duras pelos cabelos escuros. Não importava se ninguém pudesse vê-la, ainda assim, ela queria estar com a melhor aparência possível. O aparelho era um pouco simples — não havia todo o equipamento com o qual ela gostaria de trabalhar —, mas era um começo.

— Apenas aperte o botão vermelho e leia o que está escrito no papel — ordenou em voz alta a Sra. Applethorpe enquanto se afastava da sala, segurando seu tricô.

— Obrigada — respondeu Rachel educadamente, grata pela Sra. Applethorpe deixar a sala. — *Da da da da da da da daaaaa...* — cantou baixinho, aquecendo a voz. Sentiu um frio na barriga e o

sangue pulsando nas veias. Cada parte do seu corpo se sentia viva, como se ela chegasse à primavera depois de um inverno longo e gelado. Era isso que significava se apresentar.

Ela apertou o botão vermelho.

— Bom-dia, colégio McKinley. Sou Rachel Berry, trazendo os avisos matinais. — Ela respirou fundo. — Eu gostaria de começar com uma melodia do clássico musical que todos conhecemos e amamos, *Cantando na chuva*. — Um segundo depois, ela cantava sua versão de “Good Morning” e, enquanto cantava, imaginava suas palavras flutuando através dos alto-falantes de cada sala, e todos os alunos encantados com a beleza da sua voz. Ela os imaginou cochichando: “Quem é ela? Rachel Berry? Eu não tinha ideia do quanto ela era incrivelmente talentosa.” Não havia sinal da Sra. Applethorpe vindo interromper seu show. Ela também estava enfeitiçada pela voz de Rachel ou enrolada com seu tricô. De qualquer forma, Rachel reconhecia uma vitória quando a via.

Quando parou de cantar, ela rapidamente pegou a lista dos avisos.

— E, agora, as notícias do dia. Espero que todos vocês planejem vir ao recital de outono, “Apaixone-se pela Música!”.

Rachel pensou se deveria inscrever-se; mas se preocupava que a escola não estivesse preparada para vê-la no palco em toda a sua glória.

— E, também, a votação para escolher o rei e a rainha do baile de Boas-Vindas deste ano começa hoje, na hora do almoço. — “Que tédio”, pensou ela. Como se o rei e a rainha fossem alguma surpresa. Era sempre a garota mais bonita e mais loira, e o garoto mais bonito e mais estilo boneco Ken. — O rei e a rainha serão anunciados e coroados na tão esperada festa, que acontecerá após o jogo de futebol na próxima sexta-feira.

— Gostaria de terminar essa transmissão anunciando o primeiro vencedor do prêmio Estrela de Ouro da Semana, um prêmio muito especial que será entregue todas as semanas para alguém que tenha feito algo marcante para melhorar o colégio McKinley. — Ela havia pensado nisso durante a noite passada e achou que seria um modo apropriado de ajudar a escola. — Essa semana, eu gostaria de premiar com a Estrela de Ouro... — Ela fez uma pausa dramática. — Eu mesma! Por assumir os avisos matinais e trazê-los de volta à vida.

Rachel estava contente que a Sra. Applethorpe não estivesse ouvindo. Talvez fosse um pouco demais dar a si mesma a primeira Estrela de Ouro, mas estava prestando um grande serviço à escola. E o que havia de errado em dar a si mesma um leve tapinha nas costas quando ninguém mais o fazia?

— Espero que eu tenha tornado a manhã de todos um pouco melhor. Até amanhã!

Ela apertou o botão de desligar e encarou o microfone. Seus dedos vibravam diante do sucesso. Tinha conseguido! Tinha dado o primeiro grande passo do ano para se tornar uma pessoa realmente reconhecida e admirada. Quem sabe? Talvez no próximo ano as pessoas votassem nela para rainha do baile de Boas-Vindas. O pensamento a fez sentir calafrios.

Rachel colocou sua mochila sobre os ombros enquanto saía da sala dos inspetores. O corredor estava lotado de alunos mexendo em seus armários e de garotos fazendo aqueles cumprimentos de bater os ombros. Tinha poucos minutos para chegar ao seu armário antes que começasse a primeira aula. O rosto estava ruborizado de tanta excitação. Ela se sentia uma nova mulher.

Mas... Ninguém parecia olhar para ela. Ela observou os alunos enquanto continuavam a passar, esbarrando nela e ignorando sua esplêndida atuação através dos alto-falantes. Seria possível que

todos sentissem tanta inveja do seu evidente talento que não conseguissem manifestar qualquer apreço? Esse pensamento a fez se sentir um pouco melhor.

Ela olhou para cima e viu Sue Sylvester, a rigorosa treinadora das Cheerios. Rachel ajeitou ainda mais sua postura. Ela não gostava propriamente da treinadora, mas parte dela admirava aquela mulher por melhorar ao máximo a própria situação. Precisar se contentar em ser a treinadora de um time de líderes de torcida de um colégio era provavelmente decepcionante, mas a treinadora Sylvester transformara a equipe do colégio McKinley em uma das melhores do estado, mantendo as Cheerios na disputa nacional por doze anos consecutivos. As prateleiras de troféus nas paredes dos corredores principais estavam entupidas com estatuetas banhadas a ouro das líderes de torcida.

— Espero que esteja preparada para ser comida viva por seus colegas, depois dessa pequena e repugnante autopromoção. — A treinadora Sylvester enfiou os polegares nos bolsos do moletom vermelho.

— O quê? — disse Rachel, mas a treinadora Sylvester já havia ido embora. — Se eu não falar a meu favor, quem falará? — respondeu Rachel, tarde demais.

— Tome uma estrela de ouro para você. — Rachel ouviu alguém dizer enquanto se virava, mas tudo o que viu foi um borrão de uniformes do time de futebol americano antes que um líquido vermelho gelado atingisse seu rosto. As risadas dos garotos ressoaram pelo corredor enquanto eles continuavam andando.

Respire fundo. Não havia nada de inédito em levar uma raspadinha no rosto. Esses garotos do futebol poderiam aprender a ser mais criativos. Jogaram raspadinha nela ao menos umas doze vezes no ano passado. Ela mantinha algumas roupas no seu armário por essa razão. “Boa tentativa, garotos, mas vocês precisarão se

esforçar um pouco mais para colocar Rachel Berry para baixo esse ano.”

E, pelo menos, eles ouviram sua transmissão.

“As coisas vão mudar”, pensou ao caminhar em direção ao seu armário, ignorando os olhares enquanto o líquido gelado escorria pelo seu pescoço. As próximas duas semanas seriam importantes no colégio McKinley, e ela estaria no centro de tudo.

Depois de colocar um agasalho limpo.

dois

Refeitório do colégio McKinley,
segunda-feira, horário do almoço

O cheiro das batatas mal fritas e do macarrão com queijo empapado fluía pelo ar, vindo da cozinha do colégio McKinley, enquanto os alunos invadiam o refeitório. Os populares — as líderes de torcida, os atletas e os alunos bonitos e/ou ricos que usavam calças jeans caras — se agrupavam no território mais cobiçado do refeitório: as mesas perto da longa parede de janelas, que davam para o pátio. Os jogadores de futebol americano, com seu vigor característico, esguichavam leite pelos canudos e arremessavam pedaços de frutas uns nos outros, em seus esforços constantes para dominar o reino animal. Eles acreditavam estar no topo da cadeia alimentar, e todos concordavam.

— Não posso comer essa comida — gemeu uma das líderes de torcida enquanto girava seu garfo no ar. Um pedaço de macarrão esponjoso balançava, preso nos dentes do garfo. — É como se eu estivesse em uma dieta forçada.

— A treinadora Sylvester disse mesmo que suas cambalhotas estavam um pouco preguiçosas — sussurrou a garota ao lado dela. — Talvez não seja uma má ideia.

As mesas do centro eram ocupadas por grupos neutros — aqueles que querem ser alguém e que são mais próximos dos populares, olhando-os com inveja. As mesas próximas da parede eram o lugar dos grupos mais rejeitados — os góticos, os nerds da banda escolar, os garotos que cutucam o nariz durante as aulas, e, no canto mais distante, perto do lugar onde as bandejas eram devolvidas, os alunos do Glee, o clube do coral. Tina Cohen-Chang, uma menina bonita de ascendência asiática, com mechas azuis nos reluzentes cabelos escuros, levava um pouco de iogurte de amora à boca e batia o pé no chão enquanto cantarolava a última música da Lady Gaga.

— Vocês viram que péssima aquela garota no *American Idol* ontem à noite? Aquela que cantou uma versão jazz de “Imagine”?

Kurt Hummel afastou o cabelo do rosto.

— John Lennon deve ter se revirado no túmulo. — Seus olhos deram uma geral no refeitório. Ele não gostava de sentar ali, longe das pessoas bonitas, mas parecia que o colégio McKinley não estava preparado para ele. Era o aluno mais bem-vestido da escola, o que não o impedia de ser jogado na lixeira por garotos que nunca ouviram falar sobre Alexander McQueen. Se ele se inclinasse o suficiente para a esquerda, conseguiria ver a cabeça de Finn Hudson devorando uma fatia gordurosa de pizza. Ah, quem dera ser uma rodela de pepperoni naquele pedaço de pizza...

— Não, elas *não* estão fazendo isso! — chegou a gritar Mercedes Jones, cutucando com o cotovelo as costelas de Tina e apontando. Mercedes, uma das poucas alunas afro-americanas, às vezes se sentia deslocada e se mantinha na defensiva. — Aquelas líderes de torcida estão *vendendo* votos para rei e rainha do baile!

Tina e Kurt se viraram na direção indicada pelo dedo acusatório de Mercedes. No centro do refeitório, a Cheerio principal, Quinn Fabray, e suas amigas ligeiramente menos bonitas, Santana e Brittany, tinham pegado uma mesa e a transformado em uma cabine de votação. Um grande cartaz cor-de-rosa fluorescente dizia: VOTE NO REI E NA RAINHA DO BAILE DE BOAS-VIDAS: 1 DÓLAR POR VOTO! PATROCINADO PELAS CHEERIOS. As garotas, com seus uniformes impecáveis e lábios cobertos com gloss, faziam um bom negócio com estudantes ansiosos para entregar o troco do almoço em troca do privilégio de preencher uma cédula de votação para o baile.

— Vender votos? — bufou Mercedes. — Era assim que se oprimia as pessoas no Sul antigamente. Eles não saíram impunes naquela época, como podem fazer isso agora?

— V-você vai até lá? — gaguejou Tina, roendo a unha nervosamente. Ela odiava confrontos.

Mercedes suspirou. Ela se recostou de volta na cadeira e mordeu uma fatia de maçã verde.

— Para quê?

— Aquela é a tal Rachel, dos avisos? — Kurt deu um tapinha no braço de Mercedes e apontou em direção à mesa de votação.

Rachel Berry, agora limpa e vestindo um suéter azul-marinho com gola em V levemente amarrotado de ficar guardado na prateleira mais alta do seu armário, aproximou-se da mesa das Cheerios.

A cena dos alunos entregando seus dólares para Quinn Fabray em troca do próprio direito de votar fez com que Rachel se sentisse um pouco enojada — ou talvez fosse a visão dos pedaços de macarrão com queijo que alguém arremessara contra as janelas de vidro. Uma parte da massa havia deslizado, deixando um rastro pegajoso.

— Duas coisas — disse Rachel, colocando-se na frente de uma menina do primeiro ano que usava um suéter cor-de-rosa da Victoria's Secret. — Primeiro, vocês escreveram "Boas-Vindas" errado no cartaz.

Quinn ergueu os olhos da pilha de dólares em suas mãos e logo ajeitou a postura. Quem Rachel Berry, uma das maiores perdedoras que já andou pelos corredores dessa escola, pensava que era para falar com ela daquele jeito? Quinn só sabia seu nome porque colou dela em um teste sobre história mundial na aula do Sr. Prospero, no ano anterior. Ela abriu a boca para responder algo cruel, mas Brittany, que era loira demais para seu próprio bem, acabou falando no seu lugar.

— E qual é a segunda coisa? — perguntou ela, inclinando a cabeça para o lado como se tivesse água nos ouvidos.

— Não nos interessa qual é a segunda coisa — interrompeu Quinn. Ela se levantou para que Rachel não olhasse para baixo ao falar com ela. — Agora, se não se importa, afaste-se gentilmente e deixe as pessoas que estão na fila que você furou votarem.

— A segunda, e mais chocante — falou Rachel em um tom de voz mais alto —, é que vocês estão *vendendo* votos. Isso não é justo! — Por mais que amasse ser o centro das atenções, não era por isso que Rachel estava enfrentando as Cheerios. Ela simplesmente não podia ficar parada, assistindo às líderes de torcida manipularem os outros a fazer exatamente o que elas queriam.

Quinn podia praticamente sentir a fumaça sair das suas narinas.

— Talvez, se você não gastasse tanto dinheiro com essas roupas de bibliotecária pré-escolar, pudesse comprar votos suficientes para ganhar. E, então, poderia calar a boca.

— Mas ela teria que comprar muitos votos — falou Santana Lopez, olhando para a roupa de Rachel. — Muitos mesmo.

Brittany e os garotos aglomerados ao redor da mesa começaram a rir, nervosos, e Rachel deu um passo para trás. Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas sua mente estava vazia. Por que ela só conseguia pensar na resposta perfeita com uma hora de atraso?

Porém, dessa vez, ela não precisava de uma resposta.

— Com licença, estou passando. — Acotovelando todos pela multidão para resgatá-la vinha... Kurt Hummel? Kurt, vestindo um suéter assimétrico verde-bandeira com botões em uma das mangas, tirou do bolso de trás sua carteira Gucci de couro preto. Ele estava cansado de Quinn Fabray e suas amigas bonitas e plastificadas mandarem em todos ao redor apenas porque seus poros eram invisíveis, os peitos eram firmes e os fios de cabelo continuavam no lugar mesmo quando davam estrelas durante os intervalos dos jogos. Ele tirou uma nota novinha de 50 dólares e a atirou com cuidado sobre a mesa. — Eu quero cinquenta votos para rainha, por favor.

Quinn fez uma careta.

— Para quem? — Ela olhou ao redor, impotente, como se pensasse “Como alguém poderia prever esse tipo de coisa?” — Você?

O refeitório inteiro explodiu em gargalhadas. Rachel não percebera, até então, quantas pessoas realmente assistiam àquela cena. Ela jogou os cabelos — um pouco grudentos por causa do incidente da manhã — para trás da orelha. Sem pensar, pegou a nota de 50 dólares que Kurt havia jogado na mesa. Ela não entendia o que diabos ele estava fazendo, mas não valia 50 dólares. Ele já estava indo embora com a confiança de alguém que provou sua teoria, os ombros jogados para trás em sinal de orgulho, mas a ideia de acrescentar qualquer coisa aos cofres já saturados das Cheerios deixou Rachel apreensiva.

Rachel o seguiu pelo corredor, ignorando os olhares das pessoas, com seus almoços pela metade. Ela não se importava que a olhassem ou rissem. Era melhor do que ser ignorada. Mas, ainda assim, era bom ter alguém que a apoiasse, mesmo que não fizesse muito sentido.

— Você não precisava ter feito isso! — gritou Rachel atrás dele, as palavras ecoando no corredor vazio. Ela caminhou em direção a ele rapidamente, entregando a nota de 50 dólares.

Kurt olhou para a nota por um momento antes de pegá-la com o polegar e o dedo indicador.

— Acho que isso quer dizer que nenhum de nós será a rainha.

Rachel sorriu. Ela precisava respeitar Kurt por ser tão confiante, ainda que totalmente excluído. Rachel sempre o via saindo da caçamba de lixo do estacionamento, onde os garotos do time de futebol o atiravam. Ele retirava a sujeira, alisava as roupas e seguia adiante com seu dia. Quinn Fabray, líder das poderosas Cheerios, praticamente o chamara de gay no refeitório lotado, e ele nem sequer parecia perturbado.

— Sabe — disse ela, colocando a mochila nos ombros —, meus dois pais passaram pelo mesmo tipo de coisa quando estavam no colégio.

Os olhos azuis de Kurt se estreitaram ligeiramente.

— Você tem dois pais?

— Eles são ótimos. — Rachel assentiu. — Às vezes, eu até esqueço que nem todo mundo tem dois pais.

Kurt a olhou, pensativo. Ela achou que ele talvez falaria algo sobre ser gay, mas, em vez disso, Kurt disse:

— Eu a ouvi cantar durante os avisos essa manhã. — Ele apertou os lábios como se pensasse sobre o que dizer. — Você até que foi bem.

“Bem?” Por alguma razão, a palavra soava como um grande elogio vindo de Kurt. E como não haviam chovido elogios por sua atuação matinal — uma raspadinha no rosto e alguns olhos revirados fora tudo que ela recebera —, seu coração disparou.

— Obrigada — disse ela, com uma modéstia pouco comum.

— Você talvez se interesse pelo que o Glee está fazendo. Dê uma passada na sala do coral depois das aulas para nos ver.

Ela sabia que “nós” significava a garota asiática e gaga e Mercedes Jones. Mas, se o Glee realmente voltara a ser um clube, ele precisaria ter mais integrantes.

— Ah, não sei. Falei com o Sr. Ryerson, no ano passado, sobre entrar no Glee. Ele deixou claro que eu nunca faria um solo... Disse algo sobre a importância de ter apenas solistas masculinos. De qualquer maneira, tive a sensação de que ele não aprecia um talento verdadeiro quando o ouve — disse Rachel.

— Verdade, o Sr. Ryerson não é exatamente o orientador mais inspirador do Glee — respondeu Kurt. — Mas não se preocupe. Ele nunca está por perto. Na verdade, nas próximas duas semanas ele *realmente* não estará por perto. Ao que parece, nosso líder destemido, adorador de roupas em tons pastel, participará da convenção anual de colecionadores de bonecas de Ohio. Enfim, vamos ensaiar essa tarde e, para ser honesto, um pouco mais de talento viria a calhar.

— Precisaréi checar minha agenda — murmurou Rachel. — Mas, sim, talvez eu pense a respeito.

Os olhos azuis de Kurt a fitaram.

— Talvez eu a veja mais tarde, então.

— Talvez — disse Rachel enquanto ele ia embora. Ela tentou tirar o sorriso do rosto. Seria interessante conhecer esse grupo e ver o que eles podiam fazer.

No refeitório, o tumulto ao redor da mesa de votação foi substituído por uma fila ordenada de eleitores. Quinn cutucou Brittany.

— Belo trabalho com o cartaz. Talvez fosse mais eficaz se você tivesse escrito as palavras corretamente.

Brittany piscou e tirou um pedaço de cenoura de um pequeno Tupperware que estava no seu colo.

— Você sabe que odeio gramática.

— Ortografia não é gramática — respondeu Quinn, mesmo sabendo que não faria diferença, tratando-se de Brittany. Obviamente, Quinn deveria ter pensado nisso antes de dar uma tarefa importante a ela. — Eu conserto isso — reclamou Quinn, pegando uma caneta pilot preta na sua mochila.

Ela esperou por um intervalo na votação antes de subir na mesa. O refeitório inteiro tentaria olhar sob a saia curta do seu uniforme de líder de torcida, mas dane-se, que vissem seu shortinho. Ela era a presidente do Clube do Celibato, afinal; eles podiam olhar o quanto quisessem, só não poderiam tê-la. Quinn retirou a tampa da caneta e rapidamente colocou um "n" em "Boas-Vidas".

— Está um pouco torto — disse Finn Hudson enquanto Quinn dava um pequeno passo para trás para admirar seu trabalho —, mas está bom.

Quinn olhou para Finn.

— Obrigada. — Ele era lindo; claro, daquele jeito tipicamente americano. Quando Quinn tinha 8 anos e imaginava seu casamento, com um vestido de princesa cor-de-rosa claro desenhado por Vera Wang e 10 mil tulipas brancas alinhadas pelo caminho por onde passaria, o noivo era igualzinho a Finn. Ele era tão alto que, mesmo em cima da mesa, Quinn não se sentia muito mais alta do que ele, e seu cabelo castanho e brilhante estava sempre bagunçado do mesmo jeito meio moleque.

Quinn estendeu a mão.

— Ajude-me a descer. — Santana olhava para ela. Quinn sabia que praticamente todas as garotas no colégio McKinley se sentiam, em algum nível, atraídas por Finn. O que era uma pena para elas, porque Quinn decidira havia pouco tempo que, naquele ano, ela se tornaria a namorada de Finn Hudson. Ou, mais precisamente, ela permitiria que Finn se tornasse o namorado de Quinn Fabray.

Finn sorriu. Em vez de segurar sua mão e ajudá-la a descer pela cadeira por onde ela subira, Finn simplesmente a pegou pela cintura. Ele a tirou da mesa e a segurou por um momento, antes que os pés dela tocassem o chão de linóleo laranja.

— Não foi exatamente o que eu quis dizer, mas obrigada. — Quinn riu, então abaixou um pouco a cabeça e o olhou através dos seus cílios grossos. Quinn e Finn. Finn e Quinn. Parecia o título de um livro infantil, mas fazia sentido. Finn Hudson era disparado o cara mais bonito do colégio, e também a estrela do time de futebol; se é que se pode usar a palavra “estrela” ao falar de um time que perdeu todos os jogos da pré-temporada. Mas isso pouco importava. E Quinn se esforçara muito para impressionar a treinadora Sylvester e se tornar a líder das Cheerios.

Se ela e Finn fossem um casal, certamente seriam escolhidos para rei e rainha da festa de Boas-Vindas. Quinn planejava usar seus cabelos de um jeito que não se bagunçassem quando o diretor Figgins, ou quem quer que anunciasse os vencedores, colocasse a tiara de plástico na sua cabeça.

— Você parece estar bem ocupada mesmo. Tipo, recolhendo votos e tal. — Finn tinha o hábito de observar seus pés enquanto falava, subindo o olhar apenas no final da frase. Era bonitinho, mas Quinn desejava que ele fosse um pouco mais confiante.

— Os deveres de uma Cheerio nunca acabam. — Quinn citou a treinadora Sylvester. Ela olhou para além de Finn, e seu olhar parou

em Puck Puckerman, colega do time de futebol e um dos melhores amigos de Finn. Puck estava sempre fazendo algo que não devia; ele acabara de criar um estilingue com dois lápis e um elástico de borracha e tentava atirar uma uva em alguém no final da mesa. Ele parecia idiota com seu moicano bobo esculpido onde deveriam estar seus cabelos pretos, brilhantes e bonitos. Porém, havia alguma coisa diferente nele. Sex appeal, teria dito sua mãe se estivessem falando sobre um astro de cinema. Puck transpirava sex appeal. Algo bruto e perigoso que deixava Quinn arrepiada sempre que se imaginava sozinha com ele.

— O que você vai fazer depois da aula? — Ela ouviu Finn perguntar, arrastando seu olhar para longe de Puck antes que ele terminasse a frase e seus grandes olhos de cachorrinho encontrassem os dela.

— Treinar, como sempre. — De alguma forma, o olhar de Quinn foi atraído como ímã de volta para Puck. Dessa vez, no entanto, Finn pareceu perceber, e um meio sorriso apareceu em seu rosto antes que Quinn conseguisse desviar o olhar. Ótimo. Ele certamente a provocaria com esse assunto mais tarde, e ela teria que fingir que era tudo fruto da imaginação dele. Quinn sentiu o rosto ruborizar, mas se recuperou logo.

Ela se virou para Finn e colocou a mão no seu braço.

— O que você vai fazer amanhã? Quer ir ao encontro do Clube do Celibato comigo, depois do treino? Talvez a gente possa tomar um frozen yogurt depois. — Quinn estava cansada de esperar que Finn tomasse uma atitude, então decidiu chamá-lo para sair. Embora eles tenham ficado mais próximos no último ano, Quinn e Finn ainda não eram um casal, e ela estava pronta para perder seu status de solteira por um tempo. Afinal, uma rainha precisa de um rei.

— Sim, seria legal. — Finn não conseguiu ignorar o toque quente da mão de Quinn no seu braço. Valeria a pena aturar o Clube do

Celibato, a segunda atividade pós-aula preferida por Quinn. Ir ao Clube do Celibato não soava nada divertido, mas era um preço pequeno a ser pago para passar um tempo com Quinn. Ela era a garota mais bonita da escola, mesmo sendo um pouco dura, às vezes. A competitividade que ganhou em tanto tempo dedicado às Cheerios era, provavelmente, o que a tornava tão determinada. E seus lábios... Eles tinham formato de coração e pareciam os lábios mais macios que Finn já tinha visto. Ele seria louco se não gostasse dela. E Finn Hudson era muitas coisas, mas louco não era uma delas.

três

Sala do coral, segunda-feira, após as aulas

Nas segundas-feiras após as aulas, os corredores do colégio McKinley ficavam desertos, pois os alunos corriam para suas atividades extracurriculares, práticas esportistas ou, no caso dos muitos alunos ruins do colégio, a detenção. A sala do coral, em frente ao auditório, estaria vazia se não fossem os integrantes remanescentes do clube Glee: Mercedes, Tina, Kurt e Artie Abrams, um dos poucos alunos do colégio McKinley que usava cadeira de rodas. A grande sala, forrada com um material grosso à prova de sons, possuía diversas plataformas para uma qualidade acústica ideal. Durante o dia, a sala do coral era habitada pelos nerds da banda escolar, que ocupavam, por alguma razão desconhecida, um nível mais alto na escala social do que os participantes do clube do coral. Revestindo as paredes, havia armários onde os estudantes podiam guardar seus instrumentos musicais e prateleiras cheias de partituras. Um quadro-negro em uma das paredes mostrava a lista de marchinhas da banda escolar para os jogos de futebol — “We Will

Rock You”, “Another One Bites the Dust” e o tema principal de *Star Wars* — assim como a rotina de ensaios da banda de jazz: “Essa semana: de segunda a sexta, 6h30.” E, no alto do quadro, em letras grandes, lia-se: “Recital Apaixone-se pela Música: essa sexta-feira.” Um piano de cauda, preto e brilhante, ficava perto de uma bateria completa, com as baquetas apoiadas no banquinho preto redondo, esperando para serem usadas.

As evidências do sucesso das bandas escolares pareciam apenas destacar o quanto o clube Glee era desprezível, tendo retrocedido, com o passar dos anos, de um grupo de doze alunos talentosos para aqueles quatro estudantes na sala. Desde seus gloriosos dias nos anos 1990, quando o colégio McKinley era realmente uma ameaça nas competições locais e regionais, o Glee passava por períodos difíceis. Com cortes no orçamento e poucos alunos interessados, o papel de supervisor do clube se tornara uma espécie de piada. Passado de professor em professor, todos desinteressados, e com a direção, na maior parte do tempo apática, do esquisito Sandy Ryerson, o clube havia praticamente desaparecido.

Quer dizer, com exceção dos poucos alunos ainda dispostos a gastar seu tempo e a arriscar sofrer uma recriminação social ainda maior apenas para cantar.

Infelizmente, o grupo não estava muito entrosado. Enquanto Mercedes, a cantora mais talentosa, fazia o vocal principal de “Tonight”, de *Amor, sublime amor*, os outros cantarolavam e faziam os backing vocals, mas faltava alguma coisa. Não que eles fossem *ruins*. Não eram. Tina tinha um alto adorável, mesmo lhe faltando confiança. Espantosamente, Kurt conseguia atingir um fá alto. E a voz de Artie era profunda e rica. Aquilo apenas não era *suficiente*.

— Soamos como um bando de amadores — falou Kurt depois que a voz de Mercedes falhou, colocando em palavras aquilo que todos estavam pensando. Ele enfiou as mãos nos bolsos da sua

calça jeans skinny cinzenta. — Sem ofensas, Mercedes — acrescentou rapidamente ao ver a expressão dela se fechar. — Não é você. Você é maravilhosa.

— Eu sei. — Mercedes limpou a garganta e olhou pela janela em direção a um grupo de garotos usando shorts do uniforme de futebol e jogando frisbee. — Nós simplesmente... Não estamos nos entendendo.

— Estamos ficando sem tempo — lembrou Tina ao grupo, embora ninguém houvesse esquecido. Todos eles podiam ver as letras enormes tomando conta do quadro-negro. — O recital é sexta-feira.

— Seremos humilhados. Ainda mais. — Artie rodou sua cadeira de rodas em um círculo gigante. O colarinho da sua camisa social branca estava manchado de azul. — Jogaram raspadinha na minha cara duas vezes essa manhã.

— Isso é tão errado. — Kurt balançou a cabeça veementemente. — Os atletas dessa escola são animais. Animais fortes, vigorosos e suados.

— Precisamos apenas nos concentrar — disse Mercedes, batendo palmas. Ela cantava no coro da igreja desde os 8 anos, e conseguia arrancar lágrimas dos olhos da velha mais rabugenta com sua interpretação de "Amazing Grace". Ela era a estrela do Glee e não seria humilhada na frente dos seus parentes e amigos. Os outros garotos eram ótimos também — ao menos individualmente —, apenas precisavam de algo a mais para funcionar juntos. Eles teriam que continuar cantando até suas línguas caírem. — Do começo. Mais uma vez.

— Outra vez? — gemeu Tina, afundando na cadeira. Ela amava cantar, mas não tinha certeza se queria fazer isso diante da escola inteira. Ela concordou em fazer o show porque todos os outros

queriam, mas estava mudando de opinião. — Precisamos de mais do que somente praticar.

— Sim, precisamos parar de nos lamentar e começar a acertar. Eu, definitivamente, não farei papel de idiota no palco. — Mercedes disparou um olhar penetrante para cada um deles. — Vocês estão comigo?

Eles recomeçaram. Na metade da música, que estava ligeiramente melhor dessa vez, a porta da sala se abriu, batendo forte contra a prateleira de partituras. Na soleira da porta, estava Rachel Berry, parecendo ter acabado de sair de um episódio de *A Família Sol-Lá-Si-Dó*, com sua saia de veludo cotelê, suéter colegial e meias até os joelhos. Está com um sorriso de orelha a orelha. Aquilo era tão inesperado — para todos, com exceção de Kurt — que os alunos pararam de cantar e suas vozes se transformaram em silêncio.

Não por muito tempo.

— Essa é uma versão bastante condenável de um clássico da Broadway. Artie, você desafinou; Kurt, você estava acima do tom. E, garota que eu ainda não sei o nome — ela apontou para Tina —, você realmente precisa abrir a boca quando cantar. E Mercedes... — Rachel se calou ao ver o olhar de Mercedes.

— Ah, não, nem ouse — respondeu Mercedes com as mãos nos quadris. Ela deu um passo à frente, como se fosse lutar com Rachel. — Quem você pensa que é? Simon Cowell?

— Aquilo nas meias dela são lantejoulas? — cochichou Tina para Artie, olhando para as meias brancas de Rachel, que eram, de fato, ornamentadas com lantejoulas douradas. — E ela está dando conselhos a *nós*? — Ainda assim, Tina fez questão de abrir bastante a boca ao dizer isso. Ela sabia que tinha problemas de locução.

Rachel se manteve tranquila. E manteve um sorriso brilhante, porém determinado, no rosto ao entrar na sala, com suas sapatilhas

de balé estalando levemente contra o chão de linóleo.

— Depois de pensar bastante, decidi me juntar a vocês no Glee, embora eu tenha treinamento de voz profissional praticamente desde que nasci e seja muito qualificada para qualquer coisa que essa escola possa me oferecer. — Ela fez uma pausa enquanto todos se mantiveram em silêncio. — E, depois de ouvir essa paródia que vocês chamam de apresentação, estou confiante de que sou exatamente o que vocês precisam para chegarem ao topo.

Tina e Artie se olharam, confusos, e Kurt, nervoso, passou a mão pelos cabelos, arruinando o penteado cuidadosamente arrumado que ele aperfeiçoara com paciência durante vinte minutos em frente ao espelho do banheiro, com doses calculadas de spray para cabelos Frédéric Fekkai. Ele ficara tão cego pelo talento de Rachel que esquecera completamente o quanto ela era irritante, intrometida, convencida? E aquele jeito quase intuitivo de desagradar cada pessoa? Será que ele cometera um grande erro ao convidá-la para o ensaio?

Ele olhou para Mercedes, que analisava Rachel com um olhar nem um pouco satisfeito. Na verdade, ela parecia bastante irritada.

— Eu não sei quem você pensa que é, senhorita fivelas-cor-de-rosa-em-formato-de-coração, mas não é nossa diretora e ninguém a convidou, portanto você deveria simplesmente calar a boca e voltar para o seu filme da Disney.

— Na verdade... — Kurt respirou fundo e encarou o grupo. — Eu a convidei.

Mercedes piscou.

— *O quê?* — Ela o encarou como se ele houvesse dito que matou seu cãozinho de estimação.

— Olha, temos que encarar a verdade. Somos péssimos. O clube Glee está praticamente acabado, a não ser que façamos alguma coisa para salvá-lo. — Ele tocou com um dedo o relógio de ouro,

herdado de seu avô materno. — Ouvimos Rachel cantar hoje no rádio, e, do mesmo jeito que todos admitimos que sua autopromoção foi assustadoramente transparente, devemos admitir que ela *estava* incrível.

— Obrigada — respondeu Rachel, formalmente. Com o tempo, ela aprendera a ignorar as partes ruins dos comentários e focar somente no lado positivo. Com uma carreira no show business à frente, era a única forma de agir.

Kurt assentiu brevemente em direção a ela. Por um instante, ele achou surpreendente que alguém tão interessado em se expressar de modo artístico se vestisse tão mal. Aquelas meias $\frac{3}{4}$ eram abomináveis.

— Embora ela talvez não seja aquilo com o que estamos acostumados, acho que Rachel é a solução óbvia para o nosso problema.

— Não posso acreditar nisso — gritou Mercedes, esfregando as têmporas. Ela encarou Kurt. Subitamente, vestido em sua blusa de cashmere cinza-carvão com gola rulê e calça skinny cinzenta, ele parecia um estranho para ela. Kurt não a considerava boa o suficiente? Ele deveria agir como um amigo. Ela sentiu como se ele houvesse jogado uma daquelas raspadinhas geladas no seu orgulho.

— Mercedes, você é maravilhosa, n-n-não nos entenda mal... — Tina ficou surpresa ao perceber que participava da discussão. Ela também achava que Rachel realmente cantara bem naquela manhã. Muito melhor do que o zumbido monótono da Sra. Applethorpe. Tina percebeu que talvez fosse bom para ela estar perto de alguém tão corajoso e confiante. Talvez isso a ajudasse a superar um pouco sua timidez. — Mas precisamos de mais do que apenas uma boa cantora. Precisamos de alguém que possa tirar o melhor de cada um de nós.

Mercedes estreitou os olhos. Durante a manhã, na sala de estudos, quando ouviu Rachel através dos alto-falantes, pensou: “Droga, essa garota branquela sabe cantar.” Mercedes tentou imaginar os quatro alunos, sem Rachel, se apresentando no palco, diante da escola inteira, no recital *Apaixone-se pela Música*. Se não acontecesse um milagre, seria um desastre completo. Talvez, apenas talvez, a solução estivesse na frente deles, vestindo uma saia irritantemente curta e meias brilhantes.

— Tudo bem. Ela pode ficar.

Rachel assentiu. Ela queria lembrar a Mercedes que não necessariamente *precisaria* da sua permissão, mas ela se segurou, ao menos uma vez na vida.

Mercedes a olhou e completou:

— Por enquanto.

— Você não vai se arrepender. — Rachel se sentou no banquinho do piano e correu os dedos pelas teclas. — Pelo que ouvi, precisamos trabalhar muito. Chega de ir devagar. Não será fácil, e nem sempre divertido, mas, se realmente querem melhorar, precisam fazer o que eu digo. E teremos que praticar todos os dias depois das aulas, até o dia do recital.

Mercedes levantou uma das sobrancelhas. Isso seria uma aventura.

quatro

Aula de espanhol II do Sr. Schuester,
terça-feira pela manhã

Tina se virou em sua cadeira.

— Na noite passada, eu só consegui pensar em como soamos melhores quando ela cantou com a gente — admitiu para Artie antes que a aula de espanhol do Sr. Schuester começasse. Era a primeira aula do dia, e uma das favoritas de Tina. Quando a primeira coisa que fazia pela manhã era falar com Artie, ficava mais fácil enfrentar o dia inteiro de provocações. Artie era fofo. E ela gostava de olhar para o pôster gigante pendurado na parede perto da sua mesa: uma pintura de Picasso, de Dom Quixote no seu cavalo magro.

— Se, ao menos, ela fosse um pouco menos... — Artie se calou. Ele se sentava na última mesa da primeira fila, a única acessível a cadeirantes. Ele queria ser diplomático ao falar sobre Rachel. Ele tinha certeza de que ela não era uma pessoa totalmente horrível, mas simplesmente acabava parecendo ser assim. Sua mãe sempre

lhe dissera para falar apenas coisas boas sobre as pessoas, mas essa política nem sempre era prática.

— Autoritária? — sugeriu Tina, desenhando uma caveira de cabeça para baixo na capa do caderno de Artie. — Chata? Desagradável? — Rachel dissera que ela tinha a pronúncia de uma criança de 2 anos, o que Tina não achava justo. Ela tinha dificuldade de dicção, OK?

Artie ajeitou seus óculos de armação preta e olhou para a lista de palavras que o Sr. Schu cobraria naquela aula.

— Eu estava pensando em *expansiva*, mas essas palavras também servem.

A conversa deles foi interrompida pelo barulho de estática que vinha dos alto-falantes sempre que alguém ligava o microfone.

— Quero ver o que ela vai fazer hoje — sussurrou Tina, virando-se no seu lugar para ficar de frente para o quadronegro, onde o verbo “ser” fora conjugado incorretamente por alguém no dia anterior. O Sr. Schuester não havia percebido. Perto do texto, um mapa gigante da Espanha estava enrolado até a metade sobre o quadro-negro.

— Feliz manhã de terça-feira, colégio McKinley! — A voz animada de Rachel ressoou por toda a sala. — Quem fala é Rachel Berry, trazendo os avisos matinais. Nos esportes, o time de futebol masculino se esforçou bastante, mas, infelizmente, foi derrotado pelo colégio Troy nos segundos finais. Vocês pegam eles da próxima vez, meninos!

— É errado querer matar alguém por ser muito animada? — perguntou Tina olhando para trás, quando Rachel anunciou, com um entusiasmo quase artificial, os resultados do julgamento encenado pelos formandos na aula sobre administração pública.

— Acho que sim. — Artie queria ter dito a Tina que gostou da sua blusa, onde estava escrito “Pequena Miss Grouchy”, assim que a

viu no corredor essa manhã, mas teve medo de que ela pensasse que ele estava olhando para seus peitos. Seria muito tarde para dizer agora?

— E, agora, eu gostaria de dirigir a atenção de vocês para uma injustiça perturbadora, que está acontecendo bem aqui, no colégio McKinley — continuou Rachel. Artie e Tina trocaram olhares preocupados. Rachel ficara completamente louca? — Aqueles, entre vocês, que tentaram exercer seu direito cívico votando para rei e rainha do baile de Boas-Vindas provavelmente ficaram horrorizados ao encontrar certas líderes de torcida, que cuidavam da cabine de votação, *vendendo* votos.

Alguns alunos abafaram risos.

— Como qualquer um que teve aulas de história americana com o Sr. Hillburger sabe, a 24a emenda proíbe a cobrança ao cidadão que deseja exercer seu direito de votar. Se isso é o melhor para a Constituição dos Estados Unidos da América, acho que é o melhor para o colégio McKinley. Se isso estivesse acontecendo no Irã, a CNN colocaria o fato nas principais manchetes, mas apenas porque garotas loiras e bonitas fazem isso aqui, no nosso colégio, todos entregaram seus dólares.

— Ela está louca? — sussurrou Artie. — Está parecendo uma repórter da CNN.

— Não acho que seja muito f-f-forçado dizer que há algo psicologicamente errado com ela — sussurrou Tina. — Tipo, clinicamente.

A voz atrevida de Rachel continuou:

— Concluindo, proponho que todos vocês boicotem a eleição devido a essa injustiça flagrante. Tenho certeza...

— Não sei quem você pensa que é. — Uma voz prepotente e áspera interrompeu o apelo de Rachel. A escola inteira reconheceu imediatamente a voz de Sue Sylvester, a lendária treinadora das

Cheerios. Ela era poderosa, decidida e conhecida por expulsar alunas da sua equipe caso chorassem em público. — Você está passando dos limites. Desafiar o *status quo* é uma tática desonesta e traiçoeira.

Artie se inclinou para a frente.

— Isso está ficando bom — sussurrou para Tina. Toda a classe se aprumou nas suas carteiras, ávidos para ouvir a conversa no alto-falante. A maioria das pessoas sabia que não deveria irritar a treinadora Sylvester, mas Rachel parecia ignorar esse tipo de informação.

— Queria que estivessem filmando... — respondeu Tina, que, secretamente, estava preocupada que as pessoas levassem a sério o convite de boicote à eleição e boicotassem também a festa. Tina meio que esperava que Artie a convidasse para o baile, mesmo sabendo que isso era idiota. Artie ficava nervoso com coisas desse tipo e ir a um baile do colégio era, provavelmente, a última coisa que ele desejaria fazer. Ainda assim...

— Vender votos aos alunos é antiético e... — Havia um tom nervoso na voz de Rachel enquanto falava com a treinadora Sylvester.

— Eu vou te dizer o que é antiético. Antiético é você negar às minhas Cheerios o direito de arrecadar fundos para suprirem suas necessidades de bronzeamento. Elas são atletas talentosas que alcançarão o sucesso, e você, mocinha, precisa se ater à sua solitária trajetória de ambições não alcançadas.

Todos na sala de aula explodiram em gargalhadas.

— Se Rachel começar uma briga com a treinadora Sylvester, ela é ainda mais louca do que imaginamos — disse Artie, balançando a cabeça.

— Não sei. — Tina sorriu e olhou pela janela. Era um dia de sol, e o cheiro da grama recém-aparada entrava pelas janelas abertas.

Talvez o que o Glee precisasse fosse alguém disposto a lutar por ele. — Talvez devêssemos aguentar um tempo, ao menos até o recital de sexta-feira — disse dando de ombros. Talvez *ela* fosse louca, mas sentia que eles realmente teriam uma chance de cantar bem na frente de toda a escola. — Então, saberemos de uma vez por todas se o Glee está condenado.

— Espero que não esteja. — Artie se recostou na sua cadeira. Rachel ainda discutia com a treinadora Sylvester. Ele não conseguia imaginar a vida sem o Glee depois das aulas. Era onde ele podia estar com Tina, cantar e ser alguém além do “garoto na cadeira de rodas”. Lá, ele era um barítono, alguém que podia cantar os versos mais graves, alguém que fazia uma versão perfeita de “OMG”, do Usher. Ele era parte de alguma coisa, não apenas uma peça de um quebra-cabeça que não se encaixava em lugar nenhum. Lá, ele era normal. — O Glee é a melhor parte do meu dia. — Seus olhos escuros encontraram os de Tina por um momento, antes de voltarem para a lista de verbos espanhóis conjugados.

Tina ruborizou. Era exatamente como ela se sentia.

— Eu... eu... — gaguejou, com dificuldade de engrenar. — Eu entendo o que quer dizer — disse, finalmente.

Artie assentiu.

— Se Rachel pode nos ajudar a mantê-lo, estou disposto a fazer certas concessões, como tolerar sua terrível personalidade.

— E agora eu me despeço com uma canção em homenagem ao dia de hoje. — A voz de Rachel chegou das caixas de som. A treinadora Sylvester saíra da sala, furiosa, provavelmente jurando se vingar de Rachel. — E em homenagem aos seus cachorrinhos. — Com uma voz clara e confiante, Rachel cantou um verso de uma música antiga dos Rolling Stones, “Ruby Tuesday”.

Após dar aulas por quase dez anos em uma escola no meio do nada, na parte central de Ohio, o Sr. Schuester ficara muito bom em

divagar quando um dos seus alunos começava a enrolar. Naquela manhã, ele sonhava acordado sobre ter uma pousada em Bali e, por isso, não ouvira a maior parte dos avisos de Rachel. No papel, ela era o tipo de aluna que qualquer professor amaria, mas, na prática, deixava a desejar. No ano passado, em espanhol II, Rachel levantou seu braço tantas vezes que o Sr. Schuester precisou virar a mesa em outra direção, para que ela não ficasse no seu campo de visão. O entusiasmo dela era, dependendo do ponto de vista, encantador, mas também podia ser muito irritante.

Quando ela começou a cantar “Ruby Tuesday”, porém, os ouvidos do Sr. Schuester se animaram. Apesar da acústica pobre do microfone e da estática das caixas de som, percebia-se claramente que Rachel era boa. Muito boa, até. Por um segundo, ouvir a voz dela o levou de volta aos seus dias como aluno no colégio McKinley, no tempo em que o clube do coral era cheio de alunos confiantes e talentosos, que amavam se apresentar diante da escola e que sempre enlouqueciam a plateia. Ele era uma das estrelas e, embora não pudesse dizer que teria qualquer garota na escola, ele, definitivamente, tinha suas fãs. Mas sempre foi Terri quem ele quis, e com quem se casou quando ambos ainda estavam na Ohio State University.

— Até amanhã. — Rachel se despediu alegremente. — Lembrem-se de *não* votar.

Sorrindo, o Sr. Schuester se levantou. Ele olhou para a sala e as fileiras de alunos entediados, alguns mastigando seus lápis, outros mandando mensagens pelo celular embaixo da mesa, como se ele não percebesse. Ele preparara uma tarefa sobre a conjugação de verbos terminados em “er”, mas subitamente decidiu fazer algo diferente. Algo novo e excitante.

— Pessoal, o que vocês acham de aprender a letra de “Guantanamo”? — Ele se sentiu inspirado novamente, lembrando-

se da época em que ele e os amigos do Glee cantavam e improvisavam juntos. Tudo era tão... tão mais feliz.

Os alunos trocaram olhares, como se fosse uma espécie de pegadinha.

— É uma música? — perguntou alguém.

— Apenas a música mais popular da história de Cuba. — Ele limpou a garganta e começou a cantar. Primeiro, os alunos riram e olharam para ele como se fosse louco, mas, em alguns instantes, ele percebeu que os alunos se balançavam nas suas carteiras, como se não pudessem lutar contra o ritmo. Duas líderes de torcida, sentadas no final da sala, começaram a bater palmas. Sentindo-se bem, ele fez uns rápidos movimentos de salsa, para divertir os alunos.

Ele esquecera que dançar era algo capaz de fazer a pessoa se sentir bem — embora Terri afirmasse que ela poderia ter lúpus caso dançasse, o que costumava acontecer em sua família. Em toda a sala, sorrisos iluminavam os rostos.

O Sr. Schuester sorriu também. Ele se lembrou de que ensinar podia ser divertido.

cinco

Campo de futebol, terça-feira depois das aulas

Os vastos campos esportivos cobertos de grama, que se estendiam atrás do colégio, sempre ficavam bastante movimentados quando o último sinal tocava. Garotos e garotas vestindo shorts de corrida e camisetas da aula de educação física circulavam pelos terrenos da escola e pelas ruas vizinhas nos treinos de cross-country. Os campos de futebol ficavam repletos de adolescentes correndo pela grama, cheios de energia e disputando para tocar na bola. O time de futebol americano utilizava o campo central, e as Cheerios realizavam seus treinos na lateral do mesmo.

Aquela tarde de terça-feira estava excepcionalmente quente, e todos os times — com exceção da equipe de líderes de torcida da rigorosa treinadora Sylvester — estavam mais preguiçosos do que o normal. Os alunos corriam mais lentamente, enquanto flertavam com espécimes do sexo oposto.

A equipe de futebol americano, especialmente, com seus uniformes pesados e acolchoados, movia-se devagar. A maioria dos

jogadores descansava ao longo do campo em diferentes posições, fingindo terminar algum exercício quando o técnico Tanaka olhava na direção deles. Ele estava na outra extremidade do campo, treinando Daniel Duffy, o kicker do time, que, até o momento, só conseguira acertar a bola entre as traves do gol uma vez, em 23 tentativas. O restante do grupo recebera ordens para praticar alguns exercícios, mas algo no ar quente fazia com que todos relutassem em se mover. Parecia impossível ficar concentrado.

Talvez fosse porque as Cheerios estavam excepcionalmente animadas, gritando, com suas vozes femininas, instruções que os garotos do time de futebol americano não conseguiam entender. Sob a luz forte do sol de setembro, com seus rabos de cavalo balançando enquanto executavam perfeitamente suas séries, elas pareciam pássaros. “Pássaros acrobáticos e flexíveis”, Finn não conseguia deixar de pensar. Ele trocava passes pelo campo com Puck Puckerman, que sempre deixava a bola cair enquanto olhava para as garotas.

— Cara, elas são tão gostosas. — Puck chegou por trás de Finn e socou suas ombreiras. Eles eram amigos há anos, desde que jogaram em times opostos na Liga Infantil. Puck havia atingido Finn na cabeça com a bola, em um lance rápido. Ele insistiu que Finn o marcava muito de perto, e este, então, atacou Puck. Depois do jogo, a mãe de Finn os levou para tomar sorvete e tudo foi perdoado. — É um castigo cruel e estranho nos fazer treinar enquanto elas estão ali, sacudindo as minissaias.

— Eu sei. Elas são realmente boas.

Ambos olharam quando Quinn Fabray começou a correr. Eles seguraram a respiração enquanto ela executava uma cambalhota dupla perfeita antes de rodar no ar em espiral, num movimento que poderia estar nos Jogos Olímpicos. Quinn aterrissou com um “humpf”, seu rabo de cavalo balançando. Ela retornou

imediatamente à posição original, sem uma gota de suor. “Garotas suam?”, Finn se perguntou. Por que elas nunca fediam como o vestuário masculino depois de um treino? Ele tinha quase certeza de que Quinn sempre cheirava bem.

— Quinn, hein... — Puck olhou para Finn. Ele tirou o capacete e o segurou ao lado do corpo. — Vocês estão juntos?

— Não sei. Mais ou menos. Tipo, acho que vamos começar a sair juntos em pouco tempo. — Finn enxugou o suor da testa com a palma da mão, igualmente suada. Ele não sabia por que exatamente Quinn gostava dele, mas achava que era verdade; afinal, ela o convidara para ir ao Clube do Celibato e depois tomar sorvete. Ele sempre a considerou bonita, e, se ela começara a reparar nele, Finn sentiu que deveria tentar. Só um louco rejeitaria Quinn Fabray. — Vou ao encontro do Clube do Celibato com ela hoje.

Puck levantou as sobrancelhas.

— O que é *isso*?

— Não sei — disse Finn novamente. — Acho que ela, sei lá, gosta dessas coisas. — O que era esquisito, porque Quinn era totalmente gata e tinha um jeito todo sexy de falar, com uma voz calma que soava doce e feminina mesmo quando brigava com alguém. Como no outro dia, no almoço, quando ela gritara com Brittany, com aquela Rachel Berry e com aquele coitado que Puck e os outros garotos do time de futebol americano sempre jogavam na caçamba em frente à escola. Quinn parecia ficar com raiva muitas vezes.

Mas o jeito como ela tocou seu braço quando o chamou para o encontro do Clube do Celibato foi delicado, e realmente o deixara animado. Ele gostava dela. Realmente gostava. Finn estava certo disso — ou, pelo menos, quase certo. Era difícil dizer. Puck era, tipo, o décimo cara a perguntar sobre Quinn, e ele realmente começava a se sentir pressionado. Se ele não a convidasse para o baile, significaria que havia algo de errado com ele? Ou com ela?

— Você precisa ter cuidado com essas garotas de igreja — respondeu Puck, olhando para Quinn enquanto ela escalava uma pirâmide de garotas. — No fundo, são todas selvagens. — Não era justo que Finn tivesse alguma prioridade com Quinn só porque ele era o quarterback. O time era péssimo, então que tipo de quarterback era ele, afinal? Finn nem parecia tão a fim dela, o que não era justo, porque Puck a desejava. Muito.

Ela sempre foi gata, mas “boazinha” demais para chamar a atenção de Puck. Porém, esse ano, no primeiro dia de aula, ela se sentou na frente dele durante a aula de biologia. Quando ela levantou o braço para coçar o ombro, a manga da sua blusa se deslocou um pouco, e ele pôde ver por um instante a alça do seu sutiã cor-de-rosa claro. Normalmente, a visão rápida da alça de um sutiã não era nada para Puck. Afinal, naquele verão, ele começara seu próspero negócio de limpar piscinas, cujo sucesso fora resultado principalmente da sua habilidade em agradar mulheres mais velhas e solitárias, que usavam lingerie sexy e davam em cima dele descaradamente. Seu abdome era definido, e as coroas curtiam seu moicano.

Houve algo diferente, porém, naquela breve visão da alça do sutiã cor-de-rosa claro contrastando com o ombro bronzeado de Quinn, algo que o deixou excitado e incomodado. Às vezes, quando ele estava correndo no campo, comendo uma fatia de pizza ou jogando uma raspadinha no rosto de um calouro, a imagem voltava à sua mente, e a lembrança era tão intensa que ele jurava sentir o cheiro do xampu de morango nos cabelos dela.

— Não sei — disse Finn, parecendo desapontado. Ele pegou uma bola de futebol e jogou-a no ar. — Não acho que Quinn seja assim.

No outro lado do campo, depois que Brittany e Santana seguraram Quinn, que saltara do alto da pirâmide, a treinadora Sylvester soprou o apito de prata que usava ao redor do pescoço.

— Descansem por cinco minutos, garotas. Não, três minutos. Essa pirâmide não estava perfeita, e, se vocês pensam que podemos alcançar o sucesso com isso, estão redondamente enganadas. Vocês acham que isso é difícil? Tentem fazer uma cirurgia a laser nos próprios olhos; *isso* é difícil. — Ela deu um tapinha no ombro de Quinn. — Bom trabalho, Q. Foi o mais perto da perfeição que essas incompetentes chegarão.

— Obrigada. — Quinn e Santana andaram em direção ao banco e pegaram suas garrafas de água. Enquanto Quinn jogava a cabeça para trás e tomava um longo gole da água quente por causa do sol, ela podia sentir que a observavam do campo de futebol. Finn e Puck olhavam para ela havia uns dez minutos, e isso a fez se sentir bem. Quem não gostaria de ser observada com adoração por dois caras bonitos? Seu pai a mimava desde que era uma menininha, e Quinn percebeu que ansiava por atenção masculina. Aquilo a fez melhorar sua postura, sorrir mais graciosamente e dar o melhor de si nas cambalhotas.

— Puck não consegue tirar os olhos de mim — disse Santana enquanto acenava para Puck, flertando e inclinando seu quadril para o lado.

“Você está delirando?”, Quinn quis dizer. “Ele está olhando para mim.” Em vez disso, ela apenas emitiu um evasivo “hum”. Talvez Santana estivesse certa — talvez Puck não estivesse olhando para Quinn, afinal. “Santana era bonita”, Quinn pensou, “mas de uma forma oferecida”. Todos sabiam que Santana ficara com pelo menos seis caras no ano passado. Mas, ao mesmo tempo, Puck era conhecido por sair com uma garota durante uma semana, dar um fora nela e sair com sua melhor amiga.

Por que Quinn se importava com o que Puck pensava sobre qualquer coisa? Ele era um desses garotos que faltava às aulas, respondia aos professores e não se preocupava em sair de Lima.

Daqui a dez anos, ele provavelmente seria um daqueles caras que largou a faculdade comunitária e estaria bebendo cervejas baratas e dormindo no sofá na casa da mãe. Um típico perdedor de Lima.

Bem, Finn com certeza olhava para ela, pelo menos. E, definitivamente, ele era um partido melhor. Talvez não o cara mais inteligente do mundo, mas era alto e bonito, o que deveria ser o suficiente.

— Fato que ele vai me convidar para o baile — disse Santana, puxando a alça do seu top.

— Quem?

— Puck, óbvio. — Santana virou a cabeça para olhá-lo. — Eu sei pelo jeito como ele pediu para copiar meu dever de geometria essa manhã.

— Sério? — Quinn segurou seu tornozelo e o puxou para trás, alongando os músculos. Ela olhou para a arquibancada, para que Santana não visse seu rosto. Dois trompetistas da banda escolar praticavam para o jogo de sexta-feira, mas, fora eles, a arquibancada estava vazia. A imagem de Puck colocando as mãos na cintura de Santana enquanto eles se beijavam, balançando para a frente e para trás, embalados por um rock lento e patético de repente a fez se sentir mal.

— Definitivamente — respondeu Santana e cutucou-a. — Você está bem? Parece pálida.

— Desidratada — mentiu Quinn, abaixando seu tornozelo e pegando a garrafa de água outra vez.

— Ah... — Santana colocou o braço no ombro de Quinn. — Tenho certeza de que Finn vai te convidar, sabe? Ele está olhando para você há... O quê? Uma hora? E vocês vão formar um casal superlindo.

— É, vamos. — Quinn sorriu. Ela podia imaginar Finn aparecendo na porta da sua casa enorme, segurando algo tipo um corsage da

cor errada e aquele sorriso bobo no rosto. — Fato.

Mais tarde, quando a treinadora Sylvester soprou três vezes seu apito, indicando o fim do treino, Quinn tentou não olhar os jogadores se dirigindo para o vestiário. Santana seguiu imediatamente em direção a Puck, correndo até ele com o rabo de cavalo balançando, e Quinn precisou morder sua bochecha para não ir até lá separá-los.

Ela sabia que estava sendo ridícula. O que Puck tinha, afinal? Ela se sentia atraída por ele apenas por causa do seu estilo bad boy? Isso era tão idiota. Ela recolheu suas coisas devagar, saboreando a sensação de um árduo dever cumprido com sucesso. Ela amava a maneira como suas panturrilhas tremiam, fatigadas, e seus ombros doíam. Era uma dor boa. Todas as Cheerios correram para o vestiário para se trocarem, e era bom ter um momento sozinha. Os treinos de futebol americano e de futebol haviam terminado e o ambiente estava calmo. Ela jogou sua mochila sobre o ombro e atravessou a arquibancada, tentando não imaginar se Santana ainda estaria flertando descaradamente com Puck.

De repente, alguém a segurou por trás e a puxou para debaixo da arquibancada, no lugar onde os alunos se pegavam durante os jogos. Um pequeno grito escapou da sua boca até que mãos fortes a virassem, e ela visse quem era. Puck.

Seus olhos castanhos se arregalaram e o estômago se revirou, do mesmo jeito como acontecia no topo da montanha-russa Iron Dragon, em Cedar Point.

— O que você pensa que está fazendo? — Sua mochila deslizou pelo braço e caiu na grama macia.

— O que eu pensei em fazer durante todo o treino. Isso. — Puck a segurou contra uma viga de metal e pressionou seus lábios contra os dela antes que Quinn pudesse dizer ou pensar qualquer coisa. A boca dele era quente e surpreendentemente macia; seus lábios

estavam salgados, e o calor se infiltrou no corpo dela, começando pelos seus lábios e se espalhando até os dedos das mãos e dos pés. Ela estava, definitivamente, descendo a montanha-russa.

Quinn o empurrou. Depois, respirou fundo e endireitou a saia, tentando acalmar o próprio pulso. O último garoto que havia deixado que a beijasse foi Andrew Atkinson e havia sido como beijar um sapo. Beijar Puck foi... Totalmente diferente.

— Quem disse que você poderia fazer isso? — Ela inclinou o queixo na direção dele, de um jeito desafiador.

— Você. — Puck riu, confiante. Ele cheirava a suor, mas, de alguma forma, nele, era bom. — Eu vi você me olhando durante o treino. Achei que perderia minha chance quando Santana começou a falar sem parar.

Seu estômago parecia se contorcer. Ela não podia acreditar que ele a beijara.

— Pensei que você estivesse a fim dela — disse Quinn, cruzando os braços.

— Você sabe que gosto de você. — Puck acariciou seu braço com o dedo, e Quinn sentiu todos os pequenos pelos do braço se arrepiarem. — Não negue, Quinn. Você também gosta de mim.

Ela tentou dizer que ele estava sendo ridículo, mas, em vez disso, sentiu-se incapaz de pensar em qualquer coisa além do sabor dos lábios de Puck. Antes que ela percebesse o que fazia, inclinou-se para a frente e o beijou; os lábios dele se abriram avidamente. “Meu Deus”, pensou ela enquanto ele a pressionava contra a viga de metal, com as mãos firmes na sua cintura. “Então é assim que um beijo deve ser.” A sensação era a de que o cérebro flutuava enquanto seu corpo a controlava. Não conseguia acreditar que aquelas eram suas mãos, correndo pela camisa úmida de Puck e pelo seu moicano — ela sempre se perguntou como seria — enquanto o puxava mais para perto. Por alguma razão estranha, ele

a fez se lembrar do chiclete Juicy Fruit. Ela gostava tanto do sabor que era incapaz de mastigar por muito tempo antes de — ela não conseguia se controlar — engoli-lo. Puck era como Juicy Fruit. Ela simplesmente queria devorá-lo.

— Não, espere... — Quinn empurrou Puck para trás de repente, e ele tropeçou. — Que *horas* são? Preciso coordenar um encontro do Clube do Celibato.

— Esquece isso. — Puck segurou o braço dela e tentou puxá-la novamente. Parte dela queria nada além de passar o resto da tarde escondida atrás das arquibancadas com Puck, beijando seus lábios maravilhosos, mas o restante dela sabia que ela precisava voltar à realidade.

— Não posso. — Ela se livrou das mãos dele. Puck deu um passo na sua direção, e ela sentiu que se deixaria seduzir novamente. Aquilo não podia acontecer. — Além disso, convidei Finn para sair mais tarde.

Puck afastou-se.

— Mas vocês não... — A voz dele sumiu.

— Não posso falar. Estou muito atrasada. — Ela pegou sua mochila, jogou-a sobre o ombro e correu em direção à escola, deixando Puck sozinho embaixo das arquibancadas, olhando para ela. Mesmo que seu pai sempre a chamasse de princesa, ela nunca se sentiu tanto como a Cinderela, deixando o baile cedo demais.

seis

Corredor do colégio McKinley,
terça-feira depois das aulas

Com os cabelos ainda molhados devido ao banho após o treino, Finn Hudson jogou sua mochila sobre o ombro e atravessou o corredor do colégio em direção ao encontro do Clube do Celibato. Ele sempre se sentia bem quando o treino de futebol acabava. Durante o dia, Finn ocasionalmente via-se movimentando o braço direito pelo ar como se jogasse uma bola pelo campo; era algo que ele precisava fazer para se animar para o treino. Jogar futebol era legal, mas já não o empolgava tanto. Talvez o fizesse quando era um calouro e as garotas começaram a prestar atenção nele quando usava seu uniforme. Sério, elas ficavam em frente ao vestiário depois do jogo — mesmo que fosse um jogo horrível —, esperando por uma chance de falar com ele. Era bem legal.

Não era mais assim, no entanto. Ele estava sempre pensando em futebol. Em casa, ele às vezes fazia seus deveres em pé, para exercitar as panturrilhas e fazer agachamentos enquanto estudava. *Quando* ele estudava. E treinava pesado no campo — era sempre

um dos primeiros a chegar aos treinos. Nem sempre era divertido, mas ele esperava que todo esse trabalho o recompensasse um dia, quando um olheiro o visse e oferecesse uma vaga em uma boa faculdade. Não importava qual seria a faculdade, contanto que incluísse uma passagem para fora de Lima.

— Ei, Finn, está pronto para esmagar o Central no grande jogo de sexta-feira? — Quando Santana Lopez, em seu curto uniforme vermelho e preto das Cheerios, passou, os longos cabelos pretos fizeram cócegas no braço de Finn.

— Hum, sim. Acho que sim.

— Quinn disse que você iria ao encontro do Clube do Celibato hoje. — Os tênis de Santana faziam barulho enquanto ela andava pelo corredor, ao lado dele. — É sua primeira vez?

Aquela parecia uma pergunta estranhamente inapropriada ao se referir ao Clube do Celibato.

— Sim, eu nunca fui.

— Legal. — Finn seguiu Santana até a sala 212; seus olhos estavam hipnotizados pelo balanço da sua saia enquanto ela passava pela porta de entrada, movendo os quadris de um lado para outro. Ela não era tão bonita quanto Quinn, mas tinha um corpo realmente incrível. Parecia tão natural pensar em como as garotas eram gostosas. No Clube do Celibato diriam a ele para não fazer isso?

— Nós separamos os garotos e as garotas nos primeiros trinta minutos — instruiu Santana, pulando para se sentar em uma mesa. — Assim que Quinn começar oficialmente a reunião.

Finn fez uma pausa; ele não via os cabelos loiros e sedosos de Quinn em lugar algum. Esse encontro seria parcialmente tolerável apenas porque ele sairia com ela depois, e, talvez, ela deixasse que ele a beijasse. Em vez disso, na reunião do Clube do Celibato havia somente algumas Cheerios, provavelmente forçadas a estarem ali por Quinn, assim como um grupo de garotos com cara de babaca

que era bem provável que tivessem a ideia distorcida de que fazer parte daquele clube iria ajudá-los a pegar alguém. Havia também alguns calouros e garotas do segundo ano vestindo roupas cafonas e parecendo odiar homens.

Ele sentiu uma dor de cabeça começar. A sala estava quente demais e ele não conseguia imaginar o que conversaria com aqueles garotos durante trinta minutos. Havia um cartaz na parede, com Miss Piggy e o sapo Kermit vestidos de noivos sobre a frase: “vale a pena esperar”.

— Você acha que está tudo bem com Quinn? — perguntou, com timidez, uma garota de cabelos castanhos para Finn. Era uma caloura da equipe das Cheerios. — Ela nunca se atrasa.

— Não sei — respondeu Finn, olhando para trás. Ele *sabia* que, se ela não aparecesse, iria embora dali. Então percebeu: aquela era a desculpa perfeita para sair. — Mas, hã, vou procurar por ela. — Ele rapidamente desapareceu pela porta, grato por mais alguns momentos de liberdade.

Finn perambulou, desanimado, pelos corredores vazios, procurando por Quinn. Ele se inclinou diante do bebedouro em frente ao auditório. Um pedaço de chiclete cor-de-rosa flutuava no ralo, mas ele o ignorou. Assim que o esguicho de água gelada tocou seus lábios, alguém começou a cantar. E a voz era linda. Ele se esqueceu de manter a boca aberta e a água espirrou no seu rosto.

Finn se levantou e secou o rosto, então andou em direção à porta aberta do auditório. Uma garota cantava uma música antiga, que soava incrivelmente bonita.

Ele não falava sobre isso nunca, mas adorava cantar. No chuveiro, em casa — até mesmo no vestiário, se não houvesse um monte de garotos ao redor —, ele estava sempre cantando. Tinha a cantar as músicas do início da carreira do Springsteen enquanto passava xampu, e canções do Air Supply enquanto se enxaguava.

Quando cantava, esquecia as dores musculares e as câibras que sentia por causa das pancadas que recebia, como se fosse o para-choque de um carro, no campo de futebol. Ele se sentia como outra pessoa.

Quem estava cantando daquele jeito? Parecia uma gravação — a voz era tão confiante e profissional. Finn se dirigiu à porta, silenciosamente, e entrou no auditório sem ser percebido.

No centro do palco, sozinha, estava Rachel Berry.

Hã. Ela se sentava na primeira fileira nas aulas de história e sempre respondia às perguntas do Sr. Tucker com uma voz de sabeduro, como se estivesse surpresa por ele ainda se preocupar em perguntar. Os garotos do time de futebol americano, que se sentavam perto de Finn na aula, normalmente jogavam pequenas bolinhas de papel nela, tentando fazer com que ficassem presas nos seus cabelos brilhantes. Ela sempre usava meias até o joelho, suéteres e estampas xadrez, como se estivesse em uma escola católica para meninas e todos ao redor houvessem esquecido seus uniformes.

No palco, ela parecia completamente diferente. Sim, Finn a ouvira nos avisos matinais, e sua voz era mesmo bonita, mas, na verdade, ele ainda não conectara a voz à imagem. Finn estava completamente enfeitiçado, observando os movimentos de Rachel pelo palco, cantando com todo o coração, como se o auditório estivesse cheio de milhares de fãs admirados. Ela cantava como se o mundo inteiro a assistisse, e parecia ser o melhor momento da sua vida. Finn passou rápido os olhos pelo auditório para ver se ela realmente cantava para alguém, mas ele estava vazio.

Rachel Berry estava bem atraente.

— *What you are, what you do, what you say...* — cantava Rachel, estendendo sua mão. Parte de Finn queria alcançá-la e segurá-la. Ele não sabia bem o que estava acontecendo, mas tremia

por dentro enquanto ouvia Rachel cantar; como se ele estivesse, absurdamente, se apaixonando... Por ela?

Rachel parou de cantar, mas a música pairava no ar como um eco. Ela murmurava algo para si mesma, talvez fazendo comentários sobre sua performance. Finn saiu do seu transe. Era apenas Rachel Berry novamente, a garota das aulas de história. Mas, tendo ouvido ela cantar, era difícil imaginá-la com aquela voz de sabe-tudo outra vez.

Rachel cantarolou um pouco para si enquanto olhava para o auditório vazio. Ela tinha cantado perfeitamente, o que não era uma surpresa, levando-se em consideração que cantava desde que usava fraldas. Quando fechava seus olhos e cantava, Rachel não estava no auditório do colégio McKinley. Ela estava no palco do maior teatro da Broadway, cantando para milhares e milhares de homens e mulheres hipnotizados e com lágrimas nos olhos (até os homens!), e seu nome era o maior nos cartazes da entrada.

Tudo o que ela precisava fazer era melhorar o patético clube Glee — ignorado e rejeitado durante anos enquanto os alunos procuravam atividades mais descoladas, como animar a torcida ou ser membro do clube de matemática. Quão difícil poderia ser?

Ela abriu os olhos. Imediatamente viu Finn Hudson, perto das escadas laterais que levavam ao palco, olhando para ela.

Seu coração saltou. Ele estivera olhando para ela o tempo todo? Finn Hudson, com seus ombros largos, aqueles incríveis olhos castanhos e uma pequena e linda cicatriz na bochecha esquerda que fazia com que Rachel quisesse beijá-la. Ele estava olhando *ela* cantar? Ela nem sequer percebera que ele sabia da sua existência e, agora, ele estava ali, com um olhar estranho no seu rosto como se... Achasse que ela era especial.

— Oi, Finn — murmurou Rachel. Ela achou engraçado estar no palco enquanto ele se mantinha em um nível abaixo. Ela caminhou

em direção às escadas. — O que está fazendo aqui?

A mochila de Finn bateu contra uma bateria abandonada no depósito da orquestra.

— Eu estava naquela, hã, reunião do Clube do Celibato... E, hã, eu a ouvi lá do corredor. — Ele gesticulou em direção ao corredor.

— Ah... — Ela alisou as laterais da saia xadrez cor-de-rosa e branca. Finn Hudson estava realmente *falando* com ela! Sua pulsação se acelerou. Mesmo que, há alguns segundos, ela imaginasse milhares de pessoas assistindo à sua performance, ela se sentiu nervosa diante *dele*. Mas, é claro, sendo a primeira vez que ele falava com ela, certamente seria para dizer que ela estava fazendo muito barulho. Era isso, certo? — Já parei de cantar. Desculpe-me se te atrapalhei.

— Não, não foi o que eu quis dizer. A reunião ainda não começou. — Finn ficou nervoso e a olhou, envergonhado. — Não pude deixar de entrar. Tipo, você tem uma voz incrível!

— Ah... — Rachel pareceu aliviada. — Obrigada. Já me disseram isso. — Ela desceu os degraus do palco e aproximou-se de Finn. Talvez não tivesse outra chance de conversar com ele, afinal, Finn estava sempre tão ocupado jogando futebol e sendo popular que, provavelmente, não tinha muito tempo para falar com pessoas da classe social de Rachel, e ela queria olhar de perto aqueles olhos. Ela nunca soube se eram castanhos, cor de amêndoa ou algum tom entre esses dois.

Era estranho conversar com Rachel, mas Finn não conseguia evitar.

— Acho muito legal você simplesmente subir ali e, você sabe, cantar assim. — Ele deu de ombros. — Eu nunca conseguiria fazer isso.

Os olhos de Rachel se arregalaram. Ela chegara ao final da escada, mas se manteve no último degrau porque Finn era muito

alto e ela não queria que ele pensasse que seu 1,58 m era pouco para ele. No caso de algum dia ele se cansar de sair com loiras perfeitas e desejar algo mais desafiador.

— Não sei... Todas as semanas você entra em campo e joga futebol enquanto todo mundo olha.

— Sim, mas todos esperam que a gente perca, então não é um grande problema. — Ele olhou para as luzes do palco, que quase o cegavam. — Acho que no campo as luzes também são intensas assim.

Rachel chegou mais perto dele. Podia sentir o cheiro de sabonete Irish Spring. Ela imaginou como seria o vestiário masculino depois de um treino e como todos eles suportavam tomar banho juntos.

— Está preparado para o jogo de sexta-feira? — perguntou ela.

Finn gemeu.

— Não pode ser tão ruim — continuou Rachel. Ela não podia acreditar que sua conversa com Finn estivesse durando tanto. Ele já havia dito, tipo, umas cem palavras para ela.

— Não, é que... Eu me canso de falar sobre futebol. — Finn meio que detestava o fato de as pessoas sempre o associarem ao futebol, como se ele fosse somente O Quarterback. Ele curti futebol em alguns momentos, mas não significava tudo para ele. Devia existir mais coisas, certo? — Talvez fosse legal ser bom em outra coisa. Alguma coisa com significado. Como você e o canto.

Rachel deu de ombros, mas suas bochechas coraram de felicidade. Ela nunca se cansava de receber elogios, mas eles pareciam especiais vindos de Finn.

— Eu só estava treinando para o recital de música da sexta-feira. O clube Glee ensaiou depois das aulas, mas acho a acústica aqui melhor.

Finn virou rápido a cabeça, e a luz bateu sobre seus olhos. Eles eram, definitivamente, castanhos, com pequenas listras verdes.

Rachel abriu a boca para dizer algo, mas não sabia o quê. O jeito como ele a olhava a deixava nervosa...

— O que está fazendo aqui, Finn? — A voz gelada de Quinn atravessou a sala. Ela estava na porta, usando seu casaco das Cheerios sobre a saia curta dos treinos. Seus olhos fuzilavam Rachel. — Achei que você quisesse ir ao encontro do Clube do Celibato comigo.

— Eu queria — disse Finn, com o rosto corando. — Quero dizer, eu quero. — Ele olhou para Rachel. O quanto Quinn teria ouvido? De repente, ele se sentiu envergonhado por estar ali.

— Vamos, então. — Quinn andou em direção a Finn e colocou a mão no antebraço dele de um jeito carinhoso. Ele olhou para suas unhas, em cor-de-rosa claro. Elas pareceram um pouco bizarras para ele. — Não quero me atrasar.

Ela o puxou em direção à porta exatamente quando Puck entrou. Quinn se chocou contra ele, e a cabeça dela bateu em seu peito. Eles se afastaram rapidamente, como se tivessem se queimado.

— Achei que você ia pegar carona com o Merino — falou Finn, envergonhado por Puck também o ver ali. Ele era seu amigo, mas, se soubesse que Finn gostava de cantar, grampearia uma saia de balé na testa do quarterback.

Puck limpou a garganta. Ele estava seguindo Quinn, esperando conseguir falar com ela novamente, mas agora Finn o olhava com desconfiança. Será que havia gloss espalhado pelo seu rosto ou algo parecido? Para disfarçar, ele logo perguntou:

— O que está fazendo nesse canil? Serviço comunitário?

Quinn soltou uma risada enquanto Rachel fingia olhar uma partitura na sua mochila. Com seus cabelos loiros e lisos, cílios longos e nariz minúsculo e arrebitado, Quinn Fabray fazia com que Rachel se sentisse como um schnauzer.

— Sério, Finn. — A voz de Quinn era superfria. — O que está fazendo aqui?

— Nada — respondeu Finn, colocando as mãos nos bolsos da sua calça jeans. Ele olhou para Rachel com um sorriso que meio que pedia desculpas, mas não disse nada. — Vamos embora.

Rachel observou enquanto os três desapareciam pela porta. Seu coração ficou apertado; Quinn Fabray tinha absolutamente tudo, inclusive Finn. Ela realmente precisava ofender a todos também? E Puck era um idiota; todos sabiam disso. Ele socara o nariz de um garoto só porque ele usava uma camisa da Universidade de Michigan.

Geralmente, os insultos dos garotos populares e babacas entravam por um ouvido de Rachel e saíam pelo outro. Afinal, quando fosse uma cantora famosa da Broadway, talvez recebesse uma ou duas críticas negativas de algum ignorante, então precisava não se importar.

Teria relevado tudo se não houvesse sentido algo entre ela e Finn. Realmente houve alguma coisa. Ela sabia. Ela não imaginara. Algo nele se abriu para ela. Talvez Finn estivesse de saco cheio da sua vida perfeita, porém previsível.

Por mais magoada que se sentisse, ela não podia culpá-lo muito por esnobá-la quando seus amigos chegaram. Rachel Berry podia ser uma estrela em ascensão, mas ainda estava no degrau mais baixo da pirâmide social do colégio McKinley. Não era culpa de Finn que ele se importasse um pouco demais com o que seus amigos pensavam. Ele era a realeza do colégio McKinley e, mesmo que pudesse passar cinco minutos conversando com Rachel, não podia sequer imaginar como era a vista estando por baixo.

sete

Casa de Mercedes, terça-feira à noite

O jantar na casa dos Jones era sempre algo barulhento. Além da família de Mercedes, sempre parecia haver pelo menos um amigo da família e uns dois primos. A mãe de Mercedes acreditava com veemência no antigo ditado “quanto mais gente, melhor”. Seu pai tinha uma clínica odontológica e, todas as noites quando chegava, dava um tapinha de brincadeira na bunda da sua mãe, para o eterno constrangimento de Mercedes. Depois de todos narrarem seus dramas diários, raras vezes sobrava tempo para Mercedes falar sobre si.

A refeição geralmente significava uma mistura de sobras ensopadas de última hora com combinações ousadas de vegetais e queijos, quentinhas de um dos restaurantes chineses ou indianos próximos, ou pizzas. Os números de todos os restaurantes locais estavam gravados na memória do telefone dos Jones. Naquela noite, havia uma pizza de massa grossa e cobertura dupla de queijo do

LaPaloma's, e os convidados eram duas mulheres da aula aeróbica de hip-hop da sua mãe e um primo de segundo grau de Mercedes.

Era bom estar de volta ao seu quarto, sozinha. Sua família acreditava que todos tinham o direito de dizer alguma coisa, e todos acabavam falando ao mesmo tempo. O quarto era silencioso e calmo, com suas paredes cinza-claras, o edredom cor de chocolate e um grosso tapete e cortinas magenta. Letras desenhadas com pedrinhas brilhantes formavam a palavra DIVA na parede acima da sua cômoda e perto de uma luminária Lava-Lamp azul brilhante, que Mercedes gostava de observar enquanto tentava adormecer. Mas, no momento, a única coisa que a fazia se sentir melhor era cantar. Ela ficou em pé na frente do seu espelho de corpo inteiro e deu uma volta em torno de si para se ver em diferentes ângulos. Ela era o que sua mãe costumava chamar de "uma garota encorpada", e gostava das suas curvas. Na maior parte do tempo. Todas as melhores cantoras afro-americanas tinham corpos curvilíneos. Aretha. Ella Fitzgerald. Beyoncé. Mercedes olhou para trás na direção do seu traseiro. Definitivamente tinha potencial para estrela.

Ela começou a praticar a música do Glee, "Tonight". Porém, tudo o que conseguia ouvir era a voz mandona de Rachel abafando a sua — o que era uma tarefa difícil, porque Mercedes tinha bastante fôlego. Rachel provavelmente esperava fazer o vocal principal, como se ele não fosse, por direito natural, de Mercedes. Era louca a maneira como Rachel se infiltrara nos ensaios, com suas roupas de jardim de infância, e passara a criticar a todos, como se fosse algum tipo de especialista. Na única hora em que eles ensaiaram, ela conseguiu insultar os tons, a postura, os movimentos e as roupas de todos. Quem ela pensava que era?

Mercedes olhou a hora no seu computador. Era terça-feira, e todas as noites de terças-feiras ela e Kurt trocavam várias mensagens durante o *American Idol*, comentando sobre quem era

horrível e quem mandava bem. Era uma tradição desde o oitavo ano, quando a professora de música pediu aos dois que cantassem “I’ll Be There For You” na formatura do ensino fundamental. Ela amava Kurt por ser inteligente e crítico e fazê-la rir tanto que ela quase fazia xixi nas calças. E ela sentia que Kurt a entendia de um jeito que mais ninguém conseguia. Mercedes sonhava que alguém importante assinasse um megacontrato de gravação com ela, grande o suficiente para tirá-la de Lima, de Ohio e da sua vida entediante. Ela tinha potencial para ser uma estrela, e sabia disso.

Mas foi Kurt quem trouxe Rachel para o Glee — como se ele não confiasse o suficiente na habilidade de Mercedes de fazê-los darem certo. Aquilo era totalmente ofensivo. A ousadia dele, trazendo uma estranha sem pensar em perguntar o que os outros integrantes do clube do coral pensavam.

Alguém batia à sua porta.

— Querida — chamou sua mãe —, você tem visita.

Mercedes franziu as sobrancelhas. Ela não recebia visitas. Ela não tinha muitos amigos na verdade, e nenhum deles era do tipo que passaria na sua casa sem avisar. Tina morava do outro lado da cidade, e a mãe trabalhava à noite, então ela nunca bateria na casa dos Jones, e Artie geralmente estudava à noite durante a semana. Sobrava apenas um. Ela abriu a porta.

Era Kurt. Dentro da sua casa, com uma camisa social azul-clara, um casaco de cashmere justo com gola em V e meias de cashmere azul-marinho com a parte dos dedos em cor amarela. Sua mãe fazia todos deixarem os sapatos na porta desde que colocara um novo piso de cerejeira brasileira, no último verão. Kurt estava sempre tão atento aos detalhes da sua roupa que vê-lo com aquelas meias fez com que Mercedes tivesse vontade de rir.

Então, lembrou-se de Rachel.

— Bonitas meias — disse ela, mordaz, colocando a mão firmemente no quadril e encarando-o. Ela desejou estar vestindo algo menos desleixado do que seu moletom de veludo fúcsia. — Mas não me lembro de te convidar. Não que *isso* impedisse você de vir.

Kurt afastou seus cabelos da testa.

— Bonita sua foto com as orelhas do Mickey Mouse, aliás — apontou para a parede cheia de fotografias no corredor. — É a Cinderela ao seu lado?

— Bela Adormecida. — Mercedes limpou a garganta. — Sério, se você não veio se desculpar, pode dar meia-volta em direção à rua.

Kurt suspirou e mexeu nos fechos de metal do seu casaco. Mercedes achava que o casaco parecia o uniforme de uma banda escolar, mesmo que Kurt insistisse que era uma peça vintage.

— Posso entrar? — perguntou ele. — Se não, posso ser convocado para dançar hip-hop com aquelas senhoras no primeiro andar.

— Tudo bem. Pode entrar. — Mercedes chegou para trás para que ele pudesse entrar no seu quarto.

— Bela combinação de cores. — Kurt olhou ao redor do quarto, aprovando-o. Ele fora à casa de Mercedes comer pizza algumas vezes, depois de irem ao shopping experimentar roupas caras na Bloomingdale's, mas nunca entrara em seu quarto. — Muito sofisticado, porém divertido. E com pequenos toques de *diva extraordinaire*. — Ele passou os dedos por uma foto da Madonna e fez uma rápida reverência.

— E as desculpas? — Mercedes se recusou a ceder. Kurt precisava saber como era ofensivo ter Rachel no grupo, atacando a todos daquele jeito. Atacando a *ela* daquele jeito.

— Olha, desculpe-me se ter convidado Rachel para o Glee feriu seus sentimentos, mas estou cansado de sermos motivo de piadas. — Ele passou os dedos pela franja marrom do abajur ao lado da

cama de Mercedes. — Somos bons artistas, principalmente você. Você é *maravilhosa*. Mas não tivemos realmente a chance de funcionar como grupo. E sinto que Rachel pode fazer isso.

As bochechas de Mercedes coraram. Tudo bem, foi gentil da parte dele dizer que ela era maravilhosa, embora fosse apenas a verdade.

— Você realmente acha que a Srta. Meias-três-quartos-cor-de-rosa fará tanta diferença? — Ela podia não concordar com Kurt, mas sempre respeitou suas opiniões. Ele sacara totalmente o que aconteceria com Adam Lambert, na oitava temporada do *American Idol*.

— Juro que acho. — Kurt olhou para seu relógio. Ele se sentou na beirada da cama de Mercedes, afundando um pouco no colchão fofo.

— Acho que pode considerar aceito seu pedido de desculpas, então.

— O que significa essa imagem? — Kurt olhava para um enorme tigre rugindo, que ocupava a tela do iMac branco de Mercedes.

Mercedes sorriu amavelmente.

— Ela me lembra que a vida é uma selva, e que, se você não souber se defender, alguém maior vai simplesmente te derrubar.

— Então você é uma otimista — disse Kurt, assentindo, pensativo. — Eu não imaginaria.

Mercedes riu. Ela amava Kurt — ele era seu melhor amigo —, mas ultimamente andava vendo-o de uma forma um pouco diferente. Ele era cheio de opiniões, confiante e sempre conseguia elogiá-la por algum motivo — suas argolas douradas, a cor do seu gloss —, todos os dias. Talvez...

Antes que pudesse terminar seu raciocínio, Kurt falou:

— Olha, você quer tomar um milk-shake ou alguma coisa assim? — balançou a cabeça, mas os fios de cabelo elegantemente

estilizados não saíram do lugar. — Meu pai me pegou assistindo a uma maratona de transformações de moda no Style Network e... *não* levou numa boa.

Mercedes riu. O pai de Kurt tinha uma oficina mecânica e era o tipo de homem que gostava de desmontar motores de carro por diversão e não entendia de nada relacionado a cantar, dançar ou se vestir bem; as paixões de Kurt.

— Como você conseguiu sair de casa? — perguntou Mercedes.

Kurt riu e pegou um porta-retratos de platina que estava sobre a mesa de Mercedes: eram eles cantando na graduação do primeiro grau.

— Não acredito que você tem isso em um porta-retratos. Estou parecendo o Macaulay Culkin — colocou o porta-retratos no lugar. — Eu disse a ele que tinha um encontro... com uma garota.

Seu pai ficara tão animado com a ideia que Kurt se sentiu um pouco mal por mentir. Ele tinha boas intenções e, se pensasse mesmo em todas as vezes em que Kurt pedira roupas elegantes ou conjuntos de chá da Pottery Barn em vez de carrinhos, ele provavelmente saberia que Kurt não estava interessado em garotas a não ser para cantarem com ele. Mas, ainda assim, ele emprestara as chaves do carro e dissera a Kurt que não ficasse fora até muito tarde.

— Eu sempre topo um milk-shake — disse Mercedes. — Deixe eu me trocar primeiro. — Ela achou que Kurt sairia do quarto, mas, em vez disso, ele virou as costas para Mercedes e observou os recortes de jornal e revista presos no quadro de cortiça ao lado da porta.

— Eu acho o máximo você guardar todas essas coisas — disse Kurt, tocando os ingressos de shows que cobriam o quadro. Alguns deles tinham, junto, papéis com autógrafos.

Mercedes tirou suas calças de veludo e vestiu uma calça jeans. Porque Kurt não saía do quarto? Será que ele... Gostava dela? Ela

começou a juntar as peças do quebra-cabeça. Ir à sua casa sem avisar, para se desculpar? Convidá-la para tomar um milk-shake? Não sair do quarto enquanto ela se trocava? Que outra explicação poderia haver?

Pela primeira vez desde que Rachel Berry entrara na sala onde o clube Glee ensaiava, Mercedes começou a se sentir um pouquinho melhor.

oito

Lima Freeze, terça-feira à noite

O Lima Freeze, assim como o Lima Galleria Cineplex 8, o Olive Garden, no shopping, e os bancos na arborizada entrada do MacArthur City Park, era um dos poucos — e conseqüentemente o mais popular — locais para encontros à noite. Costumava ser uma sorveteria Friendly's, que fechou havia alguns anos e foi comprada por um casal de moradores locais que a melhorara ligeiramente. O Freeze se localizava em uma das saídas da Rota 17, entre as fazendas da periferia e a área central, com seus vários prédios históricos em diferentes estados de ruína. Pelo caminho, Mercedes observou enquanto eles passavam pelo Wegmans, uma rede de supermercados regional, por uma escola de caratê, uma Pizza Hut, um lar para idosos, três bancos e alguns outros negócios, que sempre pareciam prestes a falir. Kurt havia ligado o som, que estava conectado ao seu iPod, e Kanye West cantava pelos alto-falantes.

— Eu me acostumaría com essas janelas escuras. — Mercedes arrumou seus cabelos cacheados, olhando-se no espelho do para-

sol. — Eu me sinto como uma estrela do rock.

— Um dia, minha querida. — Kurt entrou no estacionamento. Quase todas as vagas estavam ocupadas por minivans e carros antigos e acabados. Famílias com crianças que esperneavam faziam seus pedidos no guichê externo e se sentavam nas pegajosas mesas de madeira no pátio externo de concreto. Através dos vidros ligeiramente embaçados, todas as mesas pareciam ocupadas.

— Maldito povão. — Kurt bateu o punho contra o volante, fingindo estar com raiva, enquanto estacionava perto de uma BMW reluzente. — Eles tiveram a mesma ideia brilhante que nós.

Mercedes não se importava com a multidão. Ela gostava da ideia de ser vista em um encontro com Kurt. Ela já estava feliz por dar uma volta com ele no carro esportivo do seu pai. Era bom andar de carro pelas ruas de Lima, vendo tudo do alto, observando pelas janelas escuras a cidade onde ela viveu toda a sua vida. Parecia muito mais bonita.

— Vamos, estou louca para ter minha overdose de açúcar.

O Lima Freeze estava lotado, e as janelas estavam embaçadas devido ao calor de tantos corpos. Kurt olhou ao redor, procurando por algum dos garotos do time de futebol americano que costumavam implicar com ele, mas não viu nenhum. Uma sorte. Já era ruim o bastante jogarem bebidas no seu rosto no colégio; a última coisa de que ele precisava era de um milk-shake sendo jogado nele em um lugar público. Fora difícil explicar ao pai por que tantas camisas suas voltavam manchadas de azul, roxo ou vermelho.

— Quero um milk-shake Louco por Chocolate, por favor — disse Mercedes para o adolescente que parecia entediado atrás do balcão. — Mal batido.

— Um sundae com cobertura quente. E chantilly. Não esqueça a cereja. — Kurt viu o grupo de garotos do futebol em uma mesa no

canto. Um deles se levantou para encher seu copo de água, e Kurt observou como sua panturrilha se contraía a cada passo.

Enquanto eles procuravam em vão por uma mesa, a porta se abriu, e Finn Hudson e Quinn Fabray entraram de braços dados; ela ainda vestia seu casaco das Cheerios.

— Barbie e Ken acabaram de chegar — anunciou Mercedes.

— Hum. — Kurt olhou o casal, tentando ignorar os batimentos acelerados do seu coração ao ver Finn Hudson. — Parece que o encontro do Clube do Celibato terminou mais cedo.

— Aquela mesa ali vai vagar. Vamos para lá. — Mercedes segurou a manga da camisa de Kurt e puxou-o. Ela olhou as três garotas que sugavam os restos dos seus milk-shakes pelos canudos. A mesa era de quem chegasse primeiro e, na hora do rush, isso significava que você deveria ficar atento.

Finn e Quinn chegaram ao balcão.

— Ela é bonita, mas você já reparou em como suas orelhas são pontudas, como as de um elfo? — cochichou Kurt no ouvido de Mercedes. Ela riu. Ela não havia reparado, mas, agora que Kurt as mostrara, ela bem que podia imaginar Quinn correndo com um arco e flecha nos filmes da trilogia *O senhor dos anéis*.

— Com licença — murmurou Quinn, deixando que sua bolsa batesse casualmente nas costas de Kurt, para que ele desse um passo para o lado. Ela gostava de ir ao Lima Freeze, mas estava sempre tão cheio de perdedores. — Finn, quero uma Vaca Preta, mas com frozen yogurt e root beer diet. — Ela alisou as laterais da saia. Geralmente, ela tomava cuidado com a quantidade de calorias que consumia por dia, mas, graças aos seus bons genes (sua mãe ainda vestia 38) e à malhação durante os treinos das Cheerios, ela achou que merecia esse presente. Mas sabia que não poderia exagerar, ou suas cambalhotas ficariam desengonçadas. — Vou pegar uma mesa. Aquelas garotas estão quase acabando.

— Desculpe. Na verdade, estamos aguardando aquela mesa. — Kurt deu à garota do balcão uma nota impecável de 10 dólares.

Quinn olhou para Kurt como se ele fosse uma barata.

— Não estou vendo seu nome nela. — Ela deu meia-volta sobre seus tênis de líder de torcida, e o rabo de cavalo loiro rodopiou no ar. Mercedes e ele olharam enquanto Quinn andava, movendo os quadris de um lado para outro, em direção à mesa onde as garotas estavam sentadas, ainda saboreando seus milk-shakes. Eles observaram, estupefatos, Quinn dizer algumas palavras para as garotas, que rapidamente enfiaram seus guardanapos nos copos quase vazios e deixaram a mesa felizes, com sorrisos nos rostos.

Quinn se sentou, deslizando no banco, enxugou a mesa com um guardanapo e, então, acenou para Finn, deixando seu olhar pousar em Kurt e Mercedes por alguns segundos.

— Ah, não, ela não fez isso. — Mercedes limpou uma gota de sorvete que escorria do seu milk-shake. Ela olhou para o restaurante cheio. Ninguém parecia sequer remotamente interessado em deixar seu assento.

— Hum... Desculpem por isso. — Finn olhou para trás, nervoso, em direção a Quinn, que se recostava no banco e falava com os jogadores de futebol sentados atrás dela. Uma pequena parte da sua pele ficou à mostra quando a camisa enrolou sobre a barriga perfeitamente lisa. — Vocês estavam esperando aquela mesa?

A boca de Kurt se abriu, mas nenhuma palavra saiu. Finn. Hudson. Falando com ele. Claro, Finn não era o cara mais inteligente do mundo, mas ele não estava interessado no seu cérebro. Finn era lindo. Ele era o único cara no time de futebol que sempre se oferecia para segurar os casacos caros de Kurt antes que os outros o jogassem na lixeira. Além disso, o cabelo de Finn estava sempre perfeitamente desarrumado. Suas maçãs do rosto eram altas e firmes, e seus olhos castanhos pareciam os rios de chocolate no

filme *A fantástica fábrica de chocolate*. Kurt o admirava a distância desde o dia em que, no primeiro ano, Puck Puckerman e Jack Kurpatwinski tentaram jogá-lo em um tonel de gordura na cozinha do refeitório após o almoço, no qual serviram frango frito. Finn mandou que eles parassem com aquilo, e eles pararam. Ele era como o Super-Homem.

— É, estávamos — respondeu Mercedes enquanto pisava no pé de Kurt. Por que ele estava agindo como um idiota na frente de Finn Hudson? Só porque Finn era popular não significava que Kurt deveria agir como um retardado. Aquilo fazia com que ela se lembrasse do seu golden retriever, que se jogava no chão e ficava de barriga para cima toda vez que um cachorro grande aparecia; “clássico comportamento de submissão”, dizia seu pai. Kurt não estava exatamente rolando no chão, mas, nossa, ele podia demonstrar um pouco mais de personalidade. — Não se preocupe. Ficaremos em pé no balcão mesmo. Quem precisa de um lugar para sentar? — disse Mercedes com um sorriso falso.

— Legal. — Finn pediu duas Vacas Pretas, sem perceber a ironia na voz de Mercedes. Enquanto esperava, observou o lugar e depois virou-se novamente para Kurt e Mercedes. — Vocês dois não estão naquele clube de canto?

Mercedes e Kurt se olharam. Kurt ainda não conseguia falar. Como era possível que Finn Hudson soubesse alguma coisa — qualquer coisa — sobre ele? Mercedes precisou responder.

— Ahã, estamos. — Ela tomou um pouco do milk-shake. — O que você tem com isso?

Finn olhou para seus sapatos. Ele ficou aliviado quando a atendente lhe entregou as bebidas. Era outra coisa para a qual ele poderia olhar. Estava um pouco envergonhado por ter sido tão afetado pela apresentação de Rachel.

— Eu, hã, vi a Rachel. Cantando depois das aulas. Ela disse que vocês se apresentariam. No recital.

“Ai, meu Deus”, Kurt pensou. Era tão lindo o jeito como Finn não conseguia construir frases completas.

— Sexta-feira — conseguiu dizer Kurt.

Finn sorriu para eles. Até Mercedes sentiu seus joelhos bambearem. Era bom ter um dos caras do time de futebol americano, popular e lindo, falando com eles como se fossem seres humanos.

— Bem, boa sorte — disse Finn. — É melhor eu, hã, ir andando.

— Finn. — Quinn passou gloss nos lábios e abriu-os e fechou-os várias vezes, para uma distribuição uniforme. Ela observou enquanto Finn colocava a bebida diet na mesa, em frente a ela. — O que você estava fazendo?

— O quê? Ah. — Finn deslizou no banco. Um dos jogadores passou e levantou a mão para bater na de Finn. Ele o cumprimentou. — Eu só estava falando com eles. — Ele abriu a embalagem do canudo e o enfiou na bebida.

— Eu vi. — Quinn bebeu um pequeno gole. Será que ele se lembrara de pedir frozen yogurt? E o refrigerante era diet? Estava terrivelmente doce. E Quinn não conquistara aquele corpo tomando sorvetes gordurosos. — Por que você estava perdendo seu tempo falando com eles? Eles estão, tipo, milhões de quilômetros abaixo de você.

Finn tomou seu sorvete. Quinn conseguia ser tão... má.

— Eu estava apenas sendo simpático.

— Bem, você não deveria gastar suas energias com isso. — Quinn bebeu outro gole e colocou o copo novamente na mesa. Ela podia praticamente sentir sua saia ficando mais apertada. Ela tinha certeza de que Finn fizera alguma confusão no pedido enquanto estava muito ocupado conversando com aquele garoto gay e aquela

garota que nem deveria pedir um milk-shake. — Algumas Cheerios estão planejando um trote para o recital na sexta-feira. Alguma coisa para deixar aquela garota, Rachel, realmente sem graça.

— O quê? — Finn quase engasgou. — Por que vocês fariam isso? — Seria porque Finn conversou com Rachel no auditório? Quinn não percebeu que ele estava a fim de Rachel, percebeu? De repente, Finn se lembrou de um filme antigo bizarro, em que a namorada enlouquecida jogava o coelho do namorado em uma panela de água fervente.

— Você realmente precisa perguntar? — Quinn bateu levemente sua colher contra a mesa pegajosa. — Foi humilhante o que aquela louca insignificante falou sobre a cabine de votação das Cheerios nos avisos matinais. Na frente de toda a escola. — Ela esfregou seus lábios um no outro novamente. — Ela tem que pagar, definitivamente.

— Não sei. — Finn enxugou a boca com as costas da mão. — Não pareceu grande coisa. Ela estava apenas expressando sua opinião, certo?

— E quem deu a ela o direito de fazer isso? — Quinn cruzou os braços. — O que aconteceria se deixássemos por isso mesmo? Haveria uma revolta social completa se todos os perdedores achassem que podem falar sobre nós dessa maneira. — Quinn podia ver que Finn não estava convencido. Ela mordeu o lábio. Estava perdendo-o, e nem o ganhara ainda. Ela nunca teria que se esforçar tanto para que Puck ficasse do seu lado. Ele teria feito qualquer coisa que ela desejasse, sem que precisasse implorar.

Mas, se ela queria Finn, não seria pela metade. Ela precisava da sua cooperação total nesse relacionamento, ou eles não se tornariam o casal mais importante do colégio. Ela colocou sua mão sobre a de Finn. Ele largou a colher, mas ela não retirou a mão.

— Tive uma ideia, e preciso de você. Alguns dos garotos do time de futebol americano também participarão. — Ela moveu seus longos cílios para ele. — Você está dentro? Ou fora?

Finn olhou para as mãos de Quinn. Elas eram tão macias e perfeitas. Ele imaginou aquelas mãos suaves no seu ombro enquanto dançavam uma música lenta no baile de Boas-Vindas. Se ele quisesse ir à festa com Quinn, não poderia brigar com ela por causa daquilo. Ele não achava que Rachel era tão ruim. Mesmo que ela parecesse um pouco louca falando pelos alto-falantes, ela não estava certa? E, mesmo que não estivesse, ela até que era legal e não merecia ser humilhada.

Quinn bateu levemente seus dedos contra a mão de Finn, incitando-o. Ainda que não a conhecesse tão bem, podia ver que ela era o tipo de garota acostumada a ter o que queria. E, se Finn não pudesse dar isso a ela, algum outro cara ficaria mais do que feliz em fazê-lo.

— Tudo bem. — Finn ouviu-se dizer, em uma voz que não parecia a sua. — O que você quer que eu faça?

nove

Sala do coral, quarta-feira pela manhã

Na quarta-feira, Rachel insistiu que os alunos do Glee pedissem dispensa das aulas para realizarem um ensaio extra na sala do coral. Durante meia hora, eles se reuniram ao redor do piano para cantar "Tonight" e tentar reproduzir a coreografia que ela havia criado para eles na noite anterior, enquanto assistia à versão cinematográfica de *Amor, sublime amor* como forma de inspiração. Eles já haviam ensaiado a apresentação algumas vezes até que Artie seguiu na sua cadeira de rodas em direção a um dos cantos da sala.

— O que você está fazendo? — perguntou Rachel. Ela vestia uma camisa social branca com mangas bufantes sob um vestido de lã com capuz, mas ainda conseguia se movimentar com tanta energia quanto uma dançarina profissional ou, ao menos, uma Cheerio durante um dos treinos "eliminatórios" da treinadora Sylvester.

— Você não quer me ver desidratado. — Artie pegou uma garrafa de água na mochila e bebeu um gole. — Não é bonito.

— Estou com Artie. Acho que podíamos fazer um intervalo — admitiu Mercedes, jogando-se em uma das cadeiras de plástico. — Meus ossos não estão acostumados a trabalhar tanto.

— Eu estou começando a suar. — Kurt passou as costas da mão pela testa. — E não fico bem com o visual suado. — Ele pegou um papel e abanou seu rosto.

— S-s-sim, Rachel — disse Tina. — Estamos cansados. E eu ainda tenho deveres de casa para amanhã.

Rachel colocou as mãos na cintura, em sinal de frustração. Dois dias. Eles tinham apenas dois dias para a apresentação estar perfeita, e aquilo ainda não estava perfeito. Eles eram bons, mas não ótimos. Se quisessem impressionar a escola inteira, não poderiam perder tempo com coisas insignificantes como um intervalo para beber água. Ela ouvira que, quando Madonna se preparava para uma nova turnê, ensaiava por 18 horas seguidas sem parar nem para ir ao banheiro.

Tudo bem, Artie usava uma cadeira de rodas. Talvez fosse preciso dar um tempo a ele. Mas era muito pedir que os outros — com duas pernas perfeitas — trabalhassem com mais afinco? “Escolha suas batalhas”, pensou. Rachel suspirou e se sentou no banquinho do piano.

— Cinco minutos.

Mercedes se recostou na cadeira.

— Não vou ensaiar — cantou ela, improvisando. — *I said no, no, no.* — Os outros, com exceção de Rachel, riram.

— Vocês viram o clipe da Lady Gaga de “Just Dance”? Eu amei — disse Tina, e bebeu um gole da sua Coca-Cola diet.

— Ela estava fantástica em estilo eurotrash. Parecia um comercial da American Apparel — completou Kurt, que amava a marca; a loja mais próxima, porém, ficava em Dayton, a uma hora de carro. Ele ia

uma vez por mês para comprar camisas justas, cardigãs até o joelho e qualquer coisa que fosse azul-turquesa.

Tina cantou alguns versos da música, com suas plataformas Mary Janes deslizando sobre o piso de linóleo. A saia plissada xadrez, preta e vermelha, tinha cinco enormes alfinetes de fralda prendendo suas pregas uma na outra, e abria-se na base enquanto ela se movimentava.

— Nossa, garota! — Mercedes começou a cantarolar, fazendo o backing vocal. — Você está se achando a Lady Gaga hoje.

— *What's going on on the floor?*

— Tina, o que mais você está escondendo da gente? — Kurt levantou suas sobrancelhas enquanto todos a olhavam, espantados.

Rachel revirou os olhos. Claro, ela estava feliz por Tina sair do seu casulo. Talvez cantar trouxesse confiança suficiente para que ela superasse sua gagueira, mas isso não significava que Rachel queria que Tina roubasse seu show.

— Você deveria guardar esses passos para sexta-feira à noite — deixou escapar Rachel. — Você não quer gastar todos eles aqui.

Todos trocaram olhares.

— O que vai acontecer na sexta-feira à noite? — perguntou Artie, cautelosamente.

— Hum, apenas o baile de Boas-Vindas? — Os olhos de Rachel se arregalaram. — Podemos celebrar nossa deslumbrante apresentação na festa.

— Como faremos isso se não estaremos l-l-lá? — Tina se deixou cair em uma das cadeiras de plástico e bebeu um longo gole de água. Rachel suspirou, aliviada. Ela não concordava com a frase de Andy Warhol que dizia que todos teriam 15 minutos de fama; era um pouco igualitário demais. Em vez disso, ela preferia que a fama fosse baseada nas habilidades pessoais.

— Vocês não vão? — Rachel sempre sonhara em ir a bailes da escola. Ela tinha um armário cheio de fantasias quando era criança, e seus pais a ajudavam a transformar a sala de jantar no salão de um baile.

— Óbvio que não — disse Mercedes, olhando em direção ao piano. Ela até gostaria de ir, mas somente com Kurt, e, se ele fosse convidá-la, provavelmente já teria feito isso. Ela o olhou. Ele estava ajeitando o cabelo.

— Não estou exatamente equipado para dançar no meio de um monte de gente. — Artie deslizou para perto em sua cadeira de rodas. A única pessoa com quem ele se imaginava indo ao baile era Tina, e provavelmente seria embaraçoso para ela ser a única garota com um par em uma cadeira de rodas.

— Eu fico n-n-nervosa em multidões. — Tina mexia na sua pulseira de couro preto, no pulso esquerdo.

— Nenhum de vocês vai? — Rachel não conseguia acreditar. — Essa festa é um dos eventos mais importantes da carreira de qualquer aluno no ensino médio. Kurt?

— Eu considere isso. — Kurt tocou no cabelo. Ele usava sua camisa Marc Jacobs preferida e a única calça jeans que admitia usar, um modelo skinny e em tom escuro e lavado, da Rock & Republic. — Comprei um terno Tom Ford novo e maravilhoso no eBay, e seria o único lugar onde poderia usá-lo.

Rachel bateu palmas.

— Sim! Vamos todos, então. — Ela achava perturbador que Kurt entendesse tanto sobre moda.

— Eu só disse que considere ir. — Kurt olhou para Rachel. Ela precisava estar sempre tão empolgada? — Mas realmente não quero lidar com os garotos populares. Estarão todos na festa, com força total, provavelmente bêbados e prontos para aterrorizar. — Ele

alisou a camisa e continuou: — É mesmo um terno ótimo. Não sei se posso arriscá-lo.

— Isso é vergonhoso, gente! — Rachel bateu com a mão no piano. Ela sentia tanta raiva quanto no momento em que viu as Cheerios venderem votos aos alunos. — Por que os garotos do futebol americano são os únicos que podem participar das atividades do colégio McKinley? Eles já possuem a maior parte dos recursos financeiros para seus esportes e clubes, e ainda se safam ao jogar bebidas em todo mundo. Não podemos aceitar isso passivamente.

Artie ajeitou sua gravata.

— É porque eles são as pessoas bonitas. — Embora Tina fosse mais bonita do que qualquer pessoa na escola, na opinião de Artie. As mechas azuis que ela fizera há algumas semanas eram como fitas em seus longos e brilhantes cabelos negros. Ele gostava, inclusive, da maquiagem estranha que ela usava nos olhos: cor-de-rosa ou azul brilhante, como cores de algodão-doce. E ela era uma boa pessoa, o que não tinha preço. — Pessoas bonitas são, historicamente, capazes de se safar de tudo.

Rachel jogou suas mãos para o ar.

— Isso não justifica! — Ela se voltou para Tina, sentindo que poderia ter uma aliada. — Tina, você é uma ótima dançarina. Não seria divertido usar um... — olhou para a roupa gótica de Tina. — Vestido preto extravagante e novas pulseiras estranhas de couro? Entrar na pista de dança e mostrar às pessoas como se faz?

Tina balançou sua mão.

— E-e-eu acho que não — olhou para o chão. — Eu posso dançar na frente de v-v-vocês, mas não diante da escola inteira. Alguém provavelmente colocaria o pé para que eu tropeçasse, só para me ver caindo no chão.

— Vocês... — Rachel deu um passo para trás. Aquilo era chocante. — Nós *precisamos* ir. Precisamos mostrar para o restante

da escola que não seremos perturbados ou influenciados pelo que eles pensam. — Na primavera passada, Rachel ficara em casa durante a festa de final de ano, cujo tema era “Embaixo do Mar”, fingindo estar ocupada trabalhando na sua página do MySpace. Mas, na realidade, ela estava envergonhada demais pelo fiasco nas eleições para presidente da escola. Ela não deixaria que isso acontecesse outra vez. Acompanhada ou não, ela queria ir ao baile de Boas-Vindas.

Kurt suspirou. Ao mesmo tempo em que admirava a tentativa de Rachel de “mudar o mundo”, aquilo também o cansava.

— Tudo isso é muito legal e bom na teoria, mas simplesmente não funciona na prática. Eles *nos* perseguem e todos *são* influenciados pelo que eles pensam.

— Eu estou com Kurt. — Mercedes parecia triste. — Qual é o objetivo de ir à festa e chamar mais atenção? Não sou muito difícil de notar. Sou um dos dez negros na escola e não sou exatamente um palito.

Artie e Tina balançavam a cabeça em acordo. Rachel queria arrancar os cabelos. Ela não podia acreditar que eles desistiriam sem lutar. Eles nunca assistiram a um musical da Broadway? Não sabiam que nunca devem desistir? Que deveriam sempre continuar lutando? Era ainda mais frustrante porque ela podia notar que eles *queriam* ir — ela podia ver isso em todos os rostos —, mas estavam assustados demais. Por quê? Por que alguns garotos populares ririam deles?

Rachel olhou para o relógio acima da porta, desejando que estivesse no horário da próxima aula. A sala do coral de repente se tornara sufocante. Se os garotos do Glee eram tão tímidos, talvez ela não devesse apostar todas as suas fichas neles.

O que ela precisava era de um plano B.

dez

Sala de orientação da Srta. Pillsbury,
quarta-feira, mais tarde

A Srta. Pillsbury era a conselheira do colégio McKinley havia apenas um ano e meio, o que representara uma enorme melhoria depois da Sra. Delzer, que havia sido forçada a pedir demissão depois que um recrutador militar local se declarou culpado por suborná-la para encorajar alunos particularmente atléticos a se alistarem. Ela fugiu do estado antes que pudesse ser acusada. A Srta. Pillsbury era jovem, com cabelos laranja-avermelhados em um corte chanel, e não andava pelos corredores com aquele olhar esgotado que quase todos os professores tinham depois de alguns anos. Ela tinha olhos arregalados que a faziam parecer uma boneca Precious Moments, da Disney.

— Rachel, em que posso ajudá-la? — A Srta. Pillsbury sorriu docemente e cruzou as mãos sobre sua mesa absurdamente limpa. Atrás dela, o monitor do computador mostrava um fundo de tela com frases inspiradoras piscando sobre uma imagem do espaço

sideral. Rachel leu “Você consegue”, “Não desista dos seus sonhos” e “O mundo é seu: vá em frente e abrace-o” antes de desviar o olhar.

Havia uma grande planta em um vaso no canto da sala, cujos ramos apontavam para o sol. Guias de estudo e catálogos de faculdades se alinhavam nas prateleiras embutidas, mas Rachel suspeitava de que a maioria deles nunca houvesse sido tocada. Os alunos do colégio McKinley não eram muito ambiciosos.

Rachel limpou seus pés no capacho escrito “Bem-vindo”, dentro da sala. Ele estava ali ainda que a sala ficasse em uma área coberta do colégio. Rachel ouvira falar que a Srta. Pillsbury tinha um problema com sujeira.

— Eu realmente preciso de conselhos.

— Você veio ao lugar certo. — disse a Srta. Pillsbury que, em sua blusa verde-bandeira com um laço enorme no pescoço, parecia uma pequena escoteira vendendo biscoitos de porta em porta. — Sente-se.

Rachel olhou para trás enquanto afundava na poltrona de vinil diante da mesa da Srta. Pillsbury. Uma parede de vidro da sala mostrava o corredor principal, e Rachel tinha a assustadora sensação de que alguém fazia biquinho, imitando um peixe, contra o vidro atrás dela. — Acho que fui o mais longe possível no colégio McKinley.

A Srta. Pillsbury piscou. Sua voz era como um copo de leite morno.

— Tudo bem, Rachel. Diga-me porque você acha isso. Não está se sentindo desafiada?

— Eu li na internet sobre escolas especializadas em artes cênicas; como a Fame, sabe? E acho que me encaixaria melhor em lugares como esses. — Ela imaginou uma agenda perfeita: treinamento vocal, aeróbica, sapateado, artes dramáticas, almoço.

A Srta. Pillsbury assentiu, evasiva. Às vezes, ela recebia alunos que falavam sobre seus medos quanto a não exercitar todo o seu potencial, mas muito mais frequentemente ela conversava com alunos sem qualquer interesse em trabalhar seu potencial. Rachel Berry era um caso interessante. Ela era uma daquelas alunas que os professores amam ou odeiam; embora ela tivesse notas excelentes e participasse das aulas com um entusiasmo que a maioria dos alunos só tinha na hora do almoço, sua personalidade era um pouco... irritante.

— Você está tendo problemas em se adaptar ao colégio McKinley? — perguntou a Srta. Pillsbury.

— O quê? Não. — Rachel empinou o nariz. — Quero dizer, não ligo se me adaptar ou não. Não é sobre isso que estou falando.

A Srta. Pillsbury assentiu vagarosamente. Ela nunca vira Rachel conversando com amigos ou se divertindo com um grupo de alunos no refeitório. Não que a Srta. Pillsbury pudesse culpá-la por isso. O refeitório era um dos lugares mais sujos de toda a escola. Uma pia de cozinha abrigava mais germes do que um botão de descarga de um banheiro, ela havia lido, e estava bastante certa de que as pias do refeitório não eram limpas como deveriam. De repente, ela se sentiu um pouco enjoada. Esguichou rapidamente um pouco do seu álcool em gel nas palmas das mãos, deixando que o perfume cítrico flutuasse até suas narinas. Aquilo tinha um efeito calmante.

— Sobre o que está falando, então? — A Srta. Pillsbury estava acostumada a fazer uma série de perguntas aos alunos, tentando fazer com que os adolescentes descobrissem o que queriam da vida e por que estavam ali.

Rachel respirou fundo e olhou para a prateleira com panfletos de autoajuda atrás da mesa. A Srta. Pillsbury não a entendia, o que não parecia uma característica muito boa em uma conselheira. Rachel falou com uma voz calma.

— Apenas acho que faz sentido que alguém do meu calibre e com meu talento receba uma formação à altura.

A Srta. Pillsbury esfregou as têmporas com as pontas das unhas claras e polidas, tentando dizer a si mesma que, se todos os seus alunos fossem ambiciosos como Rachel, seu trabalho seria bem mais fácil.

— Sim, entendo o que quer dizer.

— Ótimo. — Rachel sorriu.

Mas a Srta. Pillsbury soubera que Rachel Berry tinha uma tendência a exagerar. A conselheira tentou manter um olhar simpático.

— Rachel, sei que você é uma moça muito talentosa. Eu a ouvi cantar durante os avisos, e acho que estava encantadora. — O que era verdade, embora, enquanto Rachel cantava naquela manhã, tudo o que a Srta. Pillsbury conseguia pensar era em como os microfones eram anti-higiênicos, com tantas pessoas os utilizando. Deviam conter milhares de gotas de saliva e germes.

— Obrigada. — Rachel assentiu. Ela percebera a hesitação da Srta. Pillsbury, mas, como conselheira da escola, não era obrigada a tentar satisfazer as necessidades dos alunos?

— Eu certamente poderia procurar sobre escolas especializadas para você, fazer uma pequena pesquisa. Mas você tem certeza de que procurou exaustivamente todas as saídas criativas que o McKinley tem a oferecer? Há a banda de jazz, o musical da escola e... Ah! O clube Glee. — Olhando sobre o ombro de Rachel, a Srta. Pillsbury avistou uma marca de impressão digital no vidro. Suas mãos se coçaram para pegar o limpa-vidros. — Eu ouvi dizer que eles estão procurando novos integrantes.

Rachel afundou novamente na cadeira.

— Eu conheço o clube Glee. Eles pediram, especialmente, que eu me juntasse a eles e os ajudasse, e foi o que fiz. — Ela deu de

ombros. Sua camisa polo cor-de-rosa claro, com mangas fofas, ainda não tinha manchas de raspadinhas, e ela tinha esperanças de mantê-la assim. — Mas eles não levam o trabalho a sério. Além disso, o Sr. Ryerson dificilmente pode ser considerado um preparador vocal. Ele nem está presente nos ensaios.

— Há quanto tempo você participa do clube?

Rachel enrijeceu.

— Desde segunda-feira. — Sua voz soou defensiva.

A Srta. Pillsbury assentiu, como se aquela fosse uma quantidade razoável de tempo.

— Bem, talvez o que eles precisam seja alguém como você para ajudá-los a levar o trabalho mais a sério. — A Srta. Pillsbury viu rapidamente Will Schuester no corredor, entregando uma folha de papel a uma aluna que tinha uma expressão estranha. — Por que você não fica mais umas duas semanas no Glee e vê o que acontece? Ainda estamos muito no começo do ano para que decisões desse porte sejam tomadas.

— É que me sinto correndo contra o tempo... Não serei tão jovem e treinável para sempre.

— Eu sei. — O Sr. Schuester ainda falava com a aluna, e a Srta. Pillsbury achou que, se controlasse seu tempo, poderia sair da sala exatamente quando ele terminasse de falar e, então, eles poderiam andar até o refeitório dos professores juntos. Ela pegou um Tupperware com cenouras e alface cortadas e lavadas três vezes no canto da sua mesa e levantou-se. — Mas o colégio tem muito a oferecer, e uma aluna com seu talento pode realmente fazer a diferença e se destacar.

— Acho que está certa. — Rachel se levantou. Sua única ressalva em relação a uma escola especializada em artes cênicas era a de que ela seria mais uma entre muitos, muitos alunos talentosos. Talvez ela quisesse continuar naquele lago menor, onde ela poderia

ser o maior peixe que se poderia imaginar. — Ficarei no Glee por um tempo, pelo menos. Talvez eu possa transformar o grupo. Obrigada por me encorajar.

— Estou à disposição, Rachel. — A Srta. Pillsbury esperava que a aluna não a levasse tão a sério. Ela tinha o pressentimento de que Rachel a usaria como uma terapeuta se houvesse abertura para isso. Ela levou Rachel até a porta e pegou sua bolsa de um cabide no canto. — Boa sorte com o Glee.

Rachel se sentia melhor ao sair da sala. Mas isso foi antes de ver que o enorme cartaz preso à vidraça onde ficavam os principais troféus da escola, anunciando o recital Apaixone-se pela Música, fora completamente profanado. A palavra “música” fora riscada e substituída por “um monte de cocô”. Os alunos se cutucavam e riam enquanto passavam em frente ao cartaz. Rachel sentiu a raiva ruborizar suas bochechas. Talvez ela fosse boa para o colégio McKinley, mas ele claramente não era bom o suficiente para ela.

— Pensando bem, Srta. Pillsbury, eu ainda assim gostaria de informações sobre escolas especializadas. Para conhecer minhas opções. — Ela saiu pelo corredor, debatendo-se, em direção ao seu armário.

— O que aconteceu? — O Sr. Schuester olhou para o corredor em direção à garota emburrada, que lhe parecia vagamente familiar. Ele tentara explicar a uma aluna do segundo ano por que havia se dado mal na prova de espanhol, mas, assim que ela foi embora, ele conseguiu ouvir o final da conversa da Srta. Pillsbury. — Tem alguém procurando por escolas de artes cênicas?

A Srta. Pillsbury trancou a porta da sua sala. Mesmo estando em uma posição entre querida e ignorada pelos alunos, ela tinha um pânico paralisante de que eles entrassem sorrateiramente enquanto ela não estivesse e fizessem algo depravado no seu carpete.

— Sim. Você conhece Rachel Berry? — sussurrou para Will. Embora ela não costumasse discutir sobre os alunos com outros professores, Will não contava, visto que era seu parceiro de almoço.

— Claro. Ela estava na minha turma no ano passado — disse. — Agora ela está cantando nos avisos matinais, certo?

— Exatamente. — Ela balançou a cabeça quando avistou o cartaz profanado. — Precisarei pedir a um zelador para tirar isso daqui. — Ela nem sequer conseguia olhar naquela direção.

— Rachel está realmente pensando em se transferir para outra escola, com melhores programas de música? — O Sr. Schuester pendurou sua pasta de couro no ombro. — É uma pena. Ela sabe mesmo cantar.

Eles andaram pelos corredores silenciosos em direção ao refeitório dos professores.

— É uma pena — concordou a Srta. Pillsbury, parando em frente à vitrine com os troféus. — Sei que o McKinley tem uma história rica com o Glee.

— Exatamente. Vê esses troféus? Quando eu estudava aqui, ganhávamos os campeonatos locais todos os anos, e ainda ganhamos o campeonato regional. Uma vez. — Ele olhou para a brilhante estatueta de ouro, com uma figura cantando em um microfone. — Havia tantos alunos fazendo testes para o Glee que tínhamos substitutos, e substitutos dos substitutos. — Ele olhou para a Srta. Pillsbury. — A gente mandava nessa escola. Você deveria ter visto.

— Gostaria de ter tido a oportunidade — disse, suavemente, a Srta. Pillsbury, imaginando como Will seria quando adolescente. Provavelmente apenas mais magro, com o mesmo cabelo encaracolado.

O Sr. Schuester virou a cabeça e seus olhos pararam num troféu das Cheerios. Um, dois, dez, quinze troféus das Cheerios, todos com

garotas douradas erguendo pompons. “Não havia nada errado com as atividades físicas,” o Sr. Schuester pensou, “mas a escola costumava ser capaz de atender mais alunos do que somente os favorecidos fisicamente”. As coisas haviam realmente entrado em decadência desde os seus dias de estudante, quando alguém com talentos musicais era tão admirado quanto um jogador de futebol americano, alguém que conseguia fazer um lançamento incrível em direção a um rebatedor ou uma atleta capaz de executar uma estrela com perfeição.

Aquilo meio que partia seu coração.

onze

Corredor do colégio McKinley,
quinta-feira pela manhã

— **P**osso copiar a redação de vocês? Eu me esqueci de fazer. — Brittany juntou seus longos cabelos loiros no alto da cabeça em um rabo de cavalo enquanto andava pelo corredor com Santana e Quinn. O uniforme das Cheerios exibia suas pernas longas e esguias.

— Brit, o trabalho era uma dissertação com o tema “O que eu fiz nas férias de verão”. — Santana pegou um gloss na sua bolsa *hobo* e espalhou um pouco nos lábios. — Acho que o Sr. Horn saberia que você não foi à Nicarágua visitar sua avó Maria.

— Droga. — Brittany se desanimou. — O que *você* fez nas férias, Quinn?

Quinn revirou os olhos. Embora Brittany e Santana supostamente fossem suas melhores amigas, ela sempre se surpreendia quando Brittany conseguia raciocinar, considerando seu QI quase inexistente. Quinn preferiria simplesmente curtir os passeios com suas amigas de uma sala para outra a escutar as perguntas idiotas de Brittany.

Todos sabiam quem elas eram. E todos as olhavam de um jeito bom e invejoso, e não do jeito você-tem-brócolis-nos dentes.

Enquanto ela formulava uma resposta inteligente para Brittany, sentiu sua mochila vibrar. Rapidamente, ela procurou seu iPhone, um presente de volta às aulas do seu apaixonado pai. Era uma mensagem de texto. Ela não reconheceu o número, mas, quando a abriu, soube de cara quem a havia enviado. Ela praticamente podia ouvir a provocação na voz conquistadora de Puck. “Livre-se das garotas e me encontre no almoxarifado do zelador, perto da biblioteca. Não é embaixo das arquibancadas, mas quero te ver.”

O coração de Quinn bateu tão forte que ela teve certeza de que Brittany e Santana poderiam ouvir. Embora elas fossem suas amigas mais próximas, não poderiam, sob nenhuma circunstância, descobrir sobre Puck. Santana, por razões óbvias — ela já tinha inveja suficiente de Quinn, se descobrisse que estava ficando com o cara que ela queria, haveria sérios problemas. E Brittany era simplesmente muito burra para guardar um segredo. A menina tinha boas intenções, mas seus neurônios eram seriamente deficientes.

— É do Finn — mentiu Quinn. — Ele é um amor.

— Uau! — Brittany e Santana gritaram, em uníssono. Um grupo de calouras saiu do caminho delas. Uma das vantagens de ser uma Cheerio era que você podia andar em linha reta, pelo meio do corredor, e as pessoas desviariam para não te incomodar. — Tão fofo.

— Vocês realmente são o casal perfeito. — Santana ergueu sua mão para cumprimentar uma Cheerio que passava. — Não acredito que demorou tanto para vocês ficarem juntos.

— Como a Cinderela e o príncipe... Príncipe... William. — Brittany sorriu.

— Príncipe Encantado — corrigiu Santana.

Quinn se esforçou para não revirar os olhos novamente. (Sua mãe sempre a lembrava de que rolar os olhos causava rugas mais tarde). Todos viviam dizendo exatamente a mesma coisa, como se ela e Finn fossem feitos um para o outro. Ela não tinha certeza se acreditava nisso. Além do mais, aquilo acabava com todo o romance.

Era diferente com Puck, com quem ela claramente não deveria ficar. Ele era totalmente errado para ela. Todo mundo sabia que ele dormia com todo tipo de coroas, nessa brincadeira de limpar piscinas durante o verão, e, embora ele tenha ido na última reunião do Clube do Celibato, ela duvidava seriamente do seu comprometimento.

O que o tornava ainda mais excitante.

— Há uma séria carência de caras de qualidade nessa maldita escola. Também não sei por que demorei tanto para encontrá-lo. — Quinn tentou guardar seu telefone sem responder a mensagem.

— Puck é sexy — disse Brittany. — Ele e aquele cara da aula de matemática, que sempre se senta na frente da sala e usa suéteres.

— Esse é o Sr. DeWitt. — Santana fez uma careta para ela. — O professor? Lembra?

Quinn desistiu. Ela olhou a mensagem de Puck mais uma vez antes de respondê-la. “Não posso. Tenho que ir para a aula.” Seu polegar parou. “E essa coisa entre nós não pode continuar.” Elas passaram por uma sala com as janelas abertas e o cheiro da grama recém-aparada invadiu os corredores, levando Quinn de volta àquela tarde, embaixo das arquibancadas. Aquela loucura com Puck precisava acabar.

Quase no mesmo instante, seu telefone vibrou novamente. “Só quero conversar. Por favor.”

Foi o “por favor” que a convenceu. Fez com que o pedido de Puck soasse tão simples que ela achou despropositado responder que não. Ele só queria conversar. Era justo. Eles se encontrariam na escuridão do almoxarifado do zelador e concordariam que, embora

houvesse algum nível de atração física entre os dois, não fazia sentido seguir adiante com aquilo. Quinn admitiria para si que caíra em tentação em um momento de fraqueza moral no qual se desviara brevemente do seu caminho, e pediria a Deus para perdoar sua rápida imprudência.

“Tudo bem”, escreveu ela antes de jogar seu telefone na bolsa.

— Acabei de lembrar... Preciso voltar para devolver um livro na biblioteca. — As palavras soaram como uma mentira evidente saídas da boca de Quinn, mas Santana e Brittany discutiam sobre o que tinha mais calorias, uma cenoura ou um talo de aipo, e apenas assentiram para Quinn. — E vou ao banheiro também, então não esperem por mim.

— Tá bom, nós nos vemos na aula. — Santana acenou para trás enquanto Quinn subia as escadas em direção à biblioteca.

No caminho, Quinn tentou organizar seus pensamentos. Ela seria honesta — ou meio honesta — com Puck. Ela diria que gostava dele, mas que eles não tinham futuro juntos. Não mencionaria o fato de que seus joelhos enfraqueciam quando pensava no jeito como ele tocava sua nuca quando a beijava ou que o cheiro de grama era algo que ela passara a associar exclusivamente a ele.

O corredor do andar acima estava quase vazio após os alunos correrem para as aulas. Quinn olhou para a biblioteca, quase desejando que realmente tivesse um livro para devolver e não precisasse mentir. Mentir nunca era bom, porque as mentiras eram sempre descobertas. Ela avistou o almoxarifado do zelador; sua porta verde-escura passava despercebida, pois combinava com os azulejos na parede. O almoxarifado ficava perto do banheiro feminino, então qualquer um que a visse poderia pensar que ela fora retocar sua maquiagem. Quinn respirou fundo, sentindo-se como quando ficava em pé no topo da pirâmide das Cheerios: em uma linha estreita entre a euforia e o desastre.

Ela abriu a porta.

doze

Almoxarifado do zelador,
quinta-feira pela manhã

Puck estava encostado na parede do almoxarifado do zelador, no escuro, esperando por Quinn. Abriu o celular para checar a hora.

Parte dele achava que ela não apareceria. E se ela tivesse dito que viria apenas para que ele a deixasse em paz e agora estivesse assistindo à sua aula idiota de inglês, rindo com Santana e Brittany e provavelmente conversando sobre como ele era uma farsa, que fingia ser um conquistador mas era supercarinhoso com uma garota como Quinn? Ali estava ele, esperando por ela em um almoxarifado escuro que só sabia que existia porque, certa vez, ele e seus amigos trancaram um calouro qualquer ali. O rosto de Puck queimou.

Então, algo mágico aconteceu. A porta se abriu, e Quinn Fabray entrou rapidamente.

— Por que a luz está apagada? — Ela tateou ao redor, procurando por um interruptor perto da porta.

Imediatamente, a confiança de Puck retornou. Se Quinn Fabray, fundadora e presidente do Clube do Celibato, concordara em

encontrá-lo em um almoxarifado escuro, ele com certeza estava fazendo algo direito.

— Você não quer que alguém nos veja, quer? — Ele procurou a mão de Quinn e a segurou.

Quinn se manteve quieta enquanto seus olhos se ajustavam à escuridão. Aquilo já começara errado. Sua igreja — O Reino da Comunhão da Fé do Senhor — financiara, uma vez, uma excursão à fazenda Old Miller, onde havia uma casa assombrada que consistia em um longo túnel cujas paredes eram feitas de um plástico preto que se movia com o vento. Cada pessoa precisava atravessar o túnel sozinha, na escuridão completa, enquanto uma música assustadora era tocada. Ocasionalmente, alguém coberto com um lençol pulava em você. Havia sido a sensação mais assustadora do mundo — não ser capaz de ver qualquer coisa à sua frente mesmo quando você sabia que havia alguma coisa lá. Quinn quase fizera xixi nas calças na primeira vez em que alguém pulou em cima dela.

Aquela situação, de alguma forma, era mais assustadora. Ela sacudiu sua mão, para separá-la da dele. O almoxarifado cheirava a Lysol e a Puck. Ao contrário de Finn, ele não usava perfume, o que tornava seu cheiro uma mistura de desodorante e um aroma almiscarado que só podia ser dele.

— Eu sabia que você apareceria — disse Puck, desdenhoso, aproximando-se de Quinn. Ela deu alguns passos para trás, até suas costas tocarem a porta do almoxarifado. Ela mal podia ver o rosto dele na escuridão, mas sentia que estava a poucos centímetros. Ah, droga. Todos os seus planos foram por água abaixo quando seu coração começou a bater forte contra suas costelas.

— E como você sabia? — Quinn perguntou, mas, antes que pudesse terminar, os lábios de Puck tocaram os seus; suavemente no início, depois com mais intensidade. Ela não conseguiu evitar beijá-lo também. Sua boca tinha sabor de chocolate. Quinn se

lembrou dos brownies de chocolate que costumava comprar no Auntie Amy's, no shopping — mornos e deliciosos, eles derretem na boca, mas são péssimos para você. Era como Puck, dentro de uma casca de noz.

— Você tem um gosto tão bom — disse Puck enquanto sua boca se movia em direção ao pescoço de Quinn. — Como uma fruta cítrica realmente deliciosa.

— É o meu gloss. — Quinn fechou os olhos ao sentir os lábios dele no seu pescoço. — É de manga.

— Manga — repetiu Puck, movendo os lábios contra sua pele. Ela estremeceu.

Do lado de fora, o sinal tocou, quebrando o feitiço que envolvia Quinn. Rapidamente, enquanto ainda conseguia raciocinar, ela passou as mãos pela parede e encontrou o interruptor, inundando o lugar de luz.

— Por que você fez isso? — Puck colocou a mão sobre os olhos para protegê-los da claridade súbita. Quinn parecia totalmente deslocada naquele almoxarifado sujo, em seu uniforme das Cheerios.

— Eu vim para conversar. — Quinn cruzou os braços, piscando para se acostumar à luz. No que ela estava pensando, indo até ali para se agarrar com Puck? Ela não estava pensando, esse era o problema. Ao menos, não com o cérebro. Iluminado, o lugar era muito menos exótico e emocionante. Uma estante modular enorme ocupava uma das paredes, cheia de desinfetantes, limpa-vidros e outros materiais de limpeza de várias formas e tamanhos. No canto, havia um grande balde de metal com rodinhas e um esfregão que parecia limpar sujeiras há cinquenta anos. — Você disse que queria conversar.

Puck abaixou a cabeça.

— Eu sei, mas quando você entrou por aquela porta... — Ele se calou, olhando para Quinn como um cachorrinho e, de alguma forma, parecendo ainda mais perdido. — Não consegui resistir.

Quinn ajeitou o cabelo.

— E, então? Sobre o que você queria falar? — Seus olhos pararam em um grande balde branco, com um rótulo que dizia “Pó desinfetante e absorvente para vômitos”. Parecia haver suprimento para um ano daquele pó cor-de-rosa alaranjado que o zelador jogava no chão sempre que um pobre adolescente vomitava. Nada romântico.

— Não sei. — Puck se sentiu tímido de súbito. — Achei que, como obviamente existe alguma coisa entre nós, talvez você gostasse de ir ao baile de Boas-Vindas comigo.

— O quê? — Ela se sentiu triunfante por ele preferir ir ao baile com ela em vez de com Santana. Em vez de com qualquer outra. Com ela. — Isso é realmente fofo, Puck, mas sem chance.

Puck deu um passo para trás. Ela estava dizendo que ele não era bom o bastante? Ele ganhara quase 4 mil dólares limpando piscinas naquele verão e ainda haviam sobrado uns 200 após todas as cervejas e videogames que ele comprara. O bastante para comprar ingressos para a festa, um corsage e algumas bebidas.

— Por que não?

— Cai na real, Puck. — Ela balançou a cabeça, tristemente, e tentou não pensar em como seria dançar com ele. Ela tinha certeza de que ele sabia dançar. Seu corpo parecia saber várias coisas. — Jamais apareceremos em público como um casal. Eu tenho uma reputação a zelar.

Puck passou a mão pelo seu moicano.

— O que isso quer dizer? Eu também tenho uma reputação a zelar.

— Exatamente. — Quinn suspirou. — Sua reputação de transar com qualquer garota solteira que sorrir para você.

— Ei, não fique brava comigo porque as garotas gostam de mim.

Quinn olhou para o balde de pó absorvente para vômito. A petulância de Puck a irritava, mas era também incrivelmente sexy. Puck era famoso por usar as garotas como se fossem Kleenex, deixando cada uma delas um pouco mais suja do que quando a encontrou. Quinn tentou imaginar o que seu pai diria se abrisse a porta de casa e visse Puck, com o seu moicano olhe-para-mim e seu sorriso bobo e sexy. Ele colocaria um cinto de castidade em Quinn.

— Além disso, estou saindo com Finn.

Puck se inclinou contra a parede oposta. Sua calça jeans se ajustou sobre a cintura definida e a blusa de mangas compridas ficou colada no seu peitoral. Quinn tentou não pensar nele tomando banho após o treino de futebol.

— Isso é oficial? — perguntou ele.

Quinn assentiu.

— Praticamente. — Então deu um suspiro profundo, sentindo uma necessidade de atingir Puck de alguma forma. Ela precisava acabar com essa coisa insana entre eles, e já estava provado que não podia confiar em si mesma quando estava perto dele. — Provavelmente ganharemos os prêmios de rei e rainha do baile. Ao menos é o que todos me dizem.

Puck balançou as mãos e fez uma breve reverência sarcástica.

— Bem, não quero ficar entre você e sua coroa, se é isso o que te deixa excitada.

— Você é nojento. — Quinn colocou sua mochila no ombro. — Nem sei por que vim até aqui.

— Porque você gosta de mim. — Puck se aproximou, tão perto que ela podia ver como seus cílios eram longos. — Você não consegue dizer não para mim.

— Isso serve como um não? — perguntou Quinn, fechando o zíper do seu casaco. Estava quente no almoxarifado, mas ela sentiu que precisava de mais uma camada de proteção entre ela e Puck. — Seja lá o que aconteceu entre nós, acabou. De verdade.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, ela abriu a porta. O corredor estava completamente vazio, e ela saiu ligeiro do almoxarifado, esperando que Puck tivesse bom-senso suficiente para esperar ela ir embora. Além disso, ela realmente não queria vê-lo outra vez. Não agora. Ela parou, percebendo o quanto estava atrasada para a aula de inglês, e entrou furtivamente no banheiro feminino. Ainda precisava de mais um minuto para se recompor.

Na aula de inglês, o Sr. Horn, sentado no canto da sua mesa, começava a contar sobre sua viagem ao sul da França quatro anos atrás. Eles haviam acabado de ler — ou fingido ter lido — o romance de F. Scott Fitzgerald, *Suave é a noite*, que se passa na Riviera Francesa, por isso a história era ostensivamente relevante. A turma estava acostumada a esse tipo de “divagação educacional” do professor, então todos se recostavam nas cadeiras e continuavam as próprias conversas sem que ele percebesse.

Santana olhou para o enorme relógio em cima do quadro de giz. O que teria acontecido com Quinn? Ela vivia desaparecendo! Outro dia chegara dez minutos atrasada para o encontro do Clube do Celibato, de que Santana aceitara participar apenas por insistência de Quinn. E agora estava absurdamente atrasada para a aula. Aquilo não era típico dela. Além disso, Santana trouxera uma cópia da revista *Lucky*, cheia de marcações nas páginas, para pedir conselhos a Quinn sobre o vestido que usaria na festa. O Sr. Horn tagarelava sobre as mercearias locais dos fazendeiros franceses, e aquela era a oportunidade perfeita para que Quinn a ajudasse a decidir entre o vestido vermelho, que chamaria mais a atenção, ou outro, verde-escuro, que realçaria seu tom de pele oliva.

Entediada, Santana olhou ao redor da sala. Puck também não estava, o que era bem menos surpreendente. Ele nem sempre assistia às aulas e, quando não ia, Santana se sentia sem ter o que fazer. Para quem ela olharia agora? Ele sempre se sentava na fileira ao lado e duas carteiras à frente, o ângulo perfeito para Santana contemplar como era sexy a parte de trás das orelhas dele.

A porta da sala de aula se abriu um pouco. Santana observou Quinn entrar sorrateiramente e deslizar na carteira atrás dela. O Sr. Horn permaneceu alheio. Ele levava slides, que exibia no projetor emprestado da sala de audiovisual.

— Por que demorou tanto? — sussurrou Santana, olhando para trás. Seus olhos examinaram o rosto de Quinn, que estava ruborizado de um modo esquisito.

Quinn não respondeu. Em vez disso, ela se esticou para frente e apontou para a revista de Santana.

— Ahh, essa é a nova edição? Eu vi um vestido que ficaria maravilhoso em você. Deixe-me procurar.

Santana entregou a revista, esquecendo o olhar estranho de Quinn. E seu gloss borrado.

treze

Sala do coral, quinta-feira após as aulas

Na quinta-feira após as aulas, as janelas da sala do coral estavam abertas, deixando que se espalhasse pela sala o barulho dos apitos durante os treinos e o zumbido fraco de um cortador de grama. Kurt estava sentado no banquinho do piano de cauda preto reluzente tocando distraidamente a melodia de “How Do You Solve a Problem Like Maria?”, de um dos seus musicais favoritos, *A noviça rebelde*. Ele costumava sonhar que era uma das crianças Von Trapp; parecia perfeito viver numa casa onde se cantava todas as noites antes de dormir. (Na verdade, uma das lindas crianças loiras do filme chamava-se Kurt — embora fosse pelo irmão mais velho, Friedrich, que Kurt sempre tivera uma queda.) Ou seja, perfeito antes de chegarem os nazistas e arruinarem tudo.

Artie olhou para o relógio na parede. Mercedes e Rachel estavam atrasadas e a banda de jazz ensaiaria na sala do coral depois do clube do coral. Duas guitarras já haviam sido afinadas.

— Gente, cadê elas? — As palmas das suas mãos começavam a suar sempre que pensava na apresentação que se aproximava. Era o último dia para ensaiar antes do dia D, e é claro que Artie estava nervoso. Apavorado, na verdade. Ele realmente queria estar em um palco na frente da escola inteira? Todos já o odiavam. Até as pessoas que não o consideravam um completo nerd o tratavam como se ele fosse algum tipo de leproso, como se estar em uma cadeira de rodas fosse, de alguma forma, contagioso. Mas também era isso o que o fazia querer participar. Ele queria subir ao palco e mostrar a todos que era bom em alguma coisa. Talvez fosse dispensado permanentemente das aulas de educação física porque nunca poderia chutar uma bola ou pular uma corda, mas ele podia cantar.

— Vocês ouviram Rachel nos avisos matinais? — perguntou Tina. Ela usava um arco com tachinhas de metal e uma camiseta da Hello Kitty. Suas pálpebras estavam coloridas de azul neon brilhante. Ela desenhava alguma coisa na parte interna do braço, com um pilot verde. — Ou estou me acostumando a ela ou Rachel está menos irritante. — Ela levantou a caneta.

— Acostumando. — Kurt deixou o piano por um instante. — Definitivamente.

— Ei, está muito bom. — Artie se aproximou da cadeira de Tina. O desenho que cobria seu braço era a imagem de uma fênix com as asas erguidas triunfantemente. Ele olhou ao redor, procurando por uma imagem de revista ou algo de onde ela pudesse ter copiado. — Você simplesmente, hum, criou isso? Tipo, desenhou do nada?

— É. — Tina se ruborizou. Ela sempre foi boa em copiar imagens, mesmo que elas já não estivessem na sua frente. Quando era criança, enchia seus cadernos de desenho com rabiscos de coisas que vira durante o dia: animais, pessoas, objetos, qualquer coisa.

Até hoje seus cadernos eram cheios de desenhos. Era algo que ela podia fazer enquanto tentava não ser notada.

— Você é uma artista fantástica. Eu não tinha ideia.

— O-o-obrigada — murmurou Tina. Artie era tão legal. Ela imaginou se ele talvez não houvesse mudado de ideia sobre ir ao baile. Ela enrolou uma mecha de cabelo ao redor do dedo indicador. Talvez devesse simplesmente convidá-lo. Mesmo que ele não pensasse nela dessa forma, não negaria. Era gentil demais para isso. E, então, quem sabe? Talvez se divertissem.

— Isso não vai funcionar, princesa. — Os três pararam o que faziam e olharam para a porta. Mercedes, com uma expressão irritada, entrou com tudo, seguida por Rachel. Era óbvio que elas discutiam.

— Por que não? Seria perfeito. — Rachel jogou sua mochila JanSport cor-de-rosa em uma cadeira. Kurt se levantou e andou até Mercedes, colocando-se automaticamente ao lado dela. Rachel apoiou suas mãos nos quadris numa pose eu-não-vou-recuar. — Mercedes e eu estávamos discutindo figurinos para a apresentação, e eu acho que devemos usar um tema anos 1950.

— Tipo, saias rodadas? — perguntou Tina, cética.

— Exatamente! — Rachel sorriu. — Um dos meus pais participa ativamente do teatro de Lima e, como vocês provavelmente se lembram, a produção desse verão foi *Grease*. Tenho certeza de que podemos pegar emprestado as saias rodadas.

— E para os cavaleiros? — perguntou Kurt. Até ele se recusaria a usar uma saia rodada.

— Algo simples, estilo James Dean. Calças jeans pretas e justas, camisas brancas. — Ela olhou para Artie e Kurt. — Gel nos cabelos. Vocês não teriam jaquetas de couro, teriam?

— Olha, não vamos subir no palco parecendo restos da apresentação de *Grease* da sua avó. É ridículo... — Mercedes

sacudiu os braços. — Saias rodadas e sapatos Oxford. É tão coisa de ensino fundamental.

— E o que você sugere? — perguntou Rachel, colocando o cabelo atrás da orelha. De todos no clube Glee, ela era a única com alguma formação em artes cênicas. Participara de vários concursos de beleza quando criança, destacandose sempre nos shows de talentos, e só parou quando um dos seus pais flagrou uma criança de 7 anos se forçando a vomitar no camarim. Mas Rachel sabia que a aparência era muito importante e que era essencial um figurino padronizado. E quem não sorria ao ver uma saia rodada?

— Algo com mais classe, talvez um pouco mais chamativo. — Mercedes fechou os olhos. Quando ela pensava em uma grande artista, sempre imaginava Madonna. Não que achasse que eles deveriam subir ao palco vestindo roupas coladas e sutiãs pontudos, mas precisavam de algo teatral.

— O grupo de teatro tem algumas roupas com strass, que foram usadas no último musical de primavera. — O rosto de Kurt se iluminou diante daquela possibilidade.

— Talvez com blusas pretas? — sugeriu Tina. — E calças jeans pretas e justas, como Rachel sugeriu.

Rachel fungou. Ela sabia que Tina apenas tentava apaziguá-la. Claro que eles seriam contra seu tema dos anos 1950. Era sua sugestão, afinal, e eles não gostavam dela. Talvez porque ela entrou mais tarde no grupo ou porque eles sentiam inveja do seu talento. De qualquer forma, todos estavam determinados a atrapalhar sua carreira.

— Tudo bem — disse ela.

Mercedes olhou para Rachel. Ela estava feliz por vencer a discussão, mas não queria que Rachel ficasse chateada a ponto de querer sair do grupo.

— Não acho que uma saia rodada ficaria bonita no meu corpo, de qualquer forma.

Rachel forçou um sorriso.

— É melhor ensaiarmos — disse, formalmente. — Ainda não decoramos todos os movimentos. Kurt, você continua conduzindo com o pé errado.

Kurt fez uma breve saudação:

— Sim, capitão.

Rachel suspirou e sinalizou para que recomeçassem. Não adiantaria ficar chateada por causa disso. Ela, provavelmente, não ficaria por muito tempo no colégio McKinley. E mesmo que pudesse ser satisfatório dizer isso a todos eles, ela queria ter certeza de que ainda escutariam suas instruções para a apresentação.

Ela precisava que essa apresentação fosse incrível — queria sair com estilo.

quatorze

Corredor do colégio McKinley,
quinta-feira após as aulas

— **V**ocê acha que Rachel realmente sabe todas as falas de *Amor, sublime amor*? — Tina perguntou a Artie ao saírem, ambos exaustos, do ensaio. Enquanto Rachel obrigava todos a “entrarem em forma”, segundo suas palavras, afirmara que havia decorado todas as músicas do seu musical favorito quando tinha 8 anos.

— Eu não me surpreenderia — disse Artie. — Ela parece ser bem obsessiva.

Tina riu. Ela desamarrou o casaco que envolvia sua cintura e deslizou os braços para dentro das mangas compridas.

— É realmente um musical longo.

— Ainda assim, eu não ficaria surpreso. — Artie sorriu e parou. — Preciso ir por aqui. — Ele inclinou a cabeça em direção à entrada nos fundos da escola, atrás do refeitório. — Meu pai veio me buscar.

— Por que ele te pega ali? — perguntou Tina, enrugando o nariz. — Não é onde ficam todas aquelas caçambas de lixo nojentas?

O corredor atrás do refeitório estava sempre fedendo a peixe frito queimado, mesmo quando não faziam parte do cardápio do dia. Sua mãe a buscava perto da entrada principal da escola. Tina geralmente voltava para casa no ônibus escolar, mas, quando ficava até mais tarde nos ensaios do Glee, conseguia escapar dessa humilhação.

Artie riu, lamentando-se.

— É também a única entrada com rampa para deficientes. — Ele deu de ombros. — É por onde eu sempre passo.

Tina ficou totalmente vermelha.

— Me d-d-desculpe — gaguejou. Ela imaginou se Artie a consideraria uma idiota. Tina sempre dizia coisas idiotas quando estava perto dele. Ela estava tão acostumada ao fato dele usar uma cadeira de rodas que nem pensava mais sobre isso. — Eu não me liguei.

— Não se preocupe. — Artie balançou a mão para mostrar que não era um problema. Ele estava tão acostumado a usar aquela entrada que o cheiro de peixe frito nem o incomodava mais. Ele realmente nunca havia usado a entrada principal, que consistia de cinco largos degraus de concreto pelos quais alguém precisaria carregá-lo. Mas ele estava acostumado a ver as coisas por ângulos diferentes. — Descanse suas cordas vocais essa noite. Temos uma apresentação amanhã.

Tina observou Artie ir embora. Quando se virou, imediatamente viu um cartaz amarelo e brilhante pendurado na parede: “Todos os artistas estão convocados! O comitê de decoração do baile de Boas-Vindas precisa da sua ajuda. Encontro no ginásio para discutir ideias criativas: sexta-feira, durante o almoço.”

Tina olhou para o cartaz, que era surpreendentemente ruim. A única decoração era um clip-art tosco colado no cartaz. Se o comitê de decoração era tão pouco habilidoso, definitivamente precisaria de

quantos artistas conseguisse. Talvez fosse porque Artie acabara de dizer que ela era uma artista fantástica, mas ela começava a achar que tinha algo artístico a oferecer.

Além disso, embora Rachel fosse irritante, o que ela dissera não saía da cabeça de Tina. Por que pessoas como ela não poderiam se envolver em atividades extracurriculares? Os garotos populares não deveriam controlar tudo. Ela tinha tanto direito quanto qualquer um de trabalhar na decoração da festa.

— Saia da frente, gótica. — Dois garotos da equipe de natação passaram, batendo suas mochilas nela. Eles exalavam cloro, o que fez os olhos de Tina arderem.

Normalmente, ela se esquivava de qualquer atividade que a fizesse interagir com outros alunos. Esse foi o motivo pelo qual, no sexto ano, ela fingiu, pela primeira vez, ser gaga. Era sua vez de apresentar um trabalho — sobre o Compromisso do Missouri — e ela não conseguira dormir na noite anterior. Era a primeira vez que alguém pedia a ela para ir à frente da sala e falar — por cinco minutos, o que parecia uma eternidade —, e isso a aterrorizou.

Quando ela chegou à frente da sala, puxou a Srta. Marcy até um canto e disse, às lágrimas, que não poderia fazer a apresentação porque... tinha m-m-muita vergonha da sua g-g-gagueira. Se a Srta. Marcy ainda não havia percebido sua gagueira, não era culpa dela — Tina já tendia ao silêncio, e a turma tinha mais de 35 alunos.

Os resultados foram fenomenais. Tina queria apenas escapar de uma apresentação idiota, mas, em vez disso, deram a ela uma espécie de passe livre para *todas* as apresentações futuras. Quando havia trabalhos de grupo, era sempre ela quem fazia a pesquisa enquanto os outros apresentavam os resultados. Ela começou a usar sua gagueira como um escudo — ninguém esperaria que fosse socialmente ativa com um impedimento na fala, e, assim, permitiram que ela se tornasse a solitária que sempre foi, preferindo rabiscar e

desenhar a conversar com outras pessoas. E ela não se incomodava com isso, na maior parte do tempo. Era mais fácil e seguro desse jeito.

Porém, recentemente, sentia-se como um caranguejo ermitão que, aos poucos, percebia que era hora de sair da concha, esticar os braços e descobrir o que era capaz de fazer. (Eles tinham braços? Ou eram apenas garras?)

Talvez fosse porque o Glee finalmente começara a mostrar que havia uma luz no fim do túnel ou porque havia algo diferente nas novas multivitaminas que sua mãe começara a lhe dar, mas Tina se sentia... incontrolável. Sem pensar duas vezes, pegou uma caneta na bolsa, tirou a tampa e assinou seu nome na lista. Ela era habilidosa com artes, e sabia que poderia ajudar.

E, talvez, no fundo, ela esperasse que aquilo fizesse com que Artie quisesse ir à festa. Será que ele ficaria tão curioso para ver a decoração criada por Tina que se disporia a participar de uma atividade escolar potencialmente chata? Uma garota pode sonhar.

quinze

Casa de Rachel, quinta-feira à noite

Rachel Berry colocou os pratos verde-limão da família na lava-louças. Ela e seus pais alternavam as tarefas do jantar, que consistiam principalmente em tirar a mesa e limpar. Essa noite havia sido a vez de Rachel cozinhar. Ela preparara — usando uma receita tirada de um livro bastante usado da Martha Stewart — um delicioso tartare de atum sobre uma salada verde envolvida por aspargos grelhados e batatas assadas. Cozinhar era uma atividade mundana o suficiente para distraí-la — e Rachel sabia que precisava relaxar para estar pronta para a grande apresentação do dia seguinte.

Normalmente, quem cozinhava escapava de lavar os pratos, mas aquela quinta-feira coincidia com o décimo nono aniversário do dia em que seus pais se conheceram, e eles planejavam ir ao cinema que passava filmes antigos, no centro da cidade — haveria uma única exibição de *Quanto mais quente melhor*.

— Tem certeza de que não quer ir? — perguntou seu pai Leroy, espiando a cozinha enquanto Rachel lavava a bancada com uma esponja ensaboada. Ele era afro-americano, o que fez Rachel se sentir no direito de juntar-se à União dos Estudantes de Minorias Étnicas. Ela amava aumentar seu currículo com atividades extracurriculares.

— Saiam e se divirtam essa noite. — Rachel pegou uma pétala branca que caíra do vaso com as duas dúzias de rosas que ela dera aos seus pais pela manhã. — Tenho muito dever de casa e preciso fazer meus exercícios de relaxamento para me preparar para o recital de amanhã.

— Você vai arrasar! — O outro pai de Rachel, Hiram, entrou na cozinha e pegou sua carteira de couro preto sobre o balcão. Ele deu um beijo rápido em sua bochecha. — Não trabalhe demais.

Logo Rachel ouviu o barulho do Subaru saindo da garagem. Era bom ter a casa para ela, embora isso a fizesse desejar ter um namorado para quem pudesse enviar uma mensagem e combinar um encontro improvisado. Ela só beijara dois garotos, no acampamento de artes cênicas, e um deles decidiu ser gay após beijar Rachel. Ela sabia que era uma jovem talentosa, atraente, com um excelente senso de humor e dentes brancos perfeitamente alinhados — em outras palavras, um ótimo partido. Infelizmente, os únicos garotos do colégio McKinley que talvez concordassem com ela eram exatamente os que ela nunca conseguiria se imaginar beijando.

Rachel suspirou e se sentou à sua escrivaninha branca de madeira. Mais tarde ela tomaria um banho de espuma com lavanda e faria suas visualizações. Ela havia feito um workshop na faculdade comunitária, com um terapeuta motivacional, e passara a se dedicar à visualização de eventos futuros exatamente como desejava que acontecessem. O auditório no dia seguinte, quase sem iluminação. O

público prendendo a respiração. Então, uma luz se acende sobre Rachel — e sobre os outros integrantes do Glee, embora eles estejam mais ao fundo. Ela abre a boca e sua voz preenche o lugar. Aplausos estrondosos.

Talvez visualizar fosse uma besteira, mas não faria mal. Porém, antes de qualquer coisa, ela precisava atualizar sua página no MySpace. Ela era viciada. Era uma ferramenta excelente para divulgar seus talentos musicais. Vários cantores e bandas conseguiram contratos de gravação porque construíram uma base de fãs, e Rachel se dedicava a postar um vídeo ou uma gravação todos os dias.

Ela apertou o controle remoto para ligar seu aparelho de som ligado ao iPod. Ela selecionou sua playlist “Mulheres Poderosas” e a voz de Gwen Stefani inundou o ambiente. O quarto de Rachel, com paredes amarelas no tom da luz do sol, cobertor sob medida e um pufe enorme em um dos cantos, nunca falhava em animá-la. Era onde ela fazia seu melhor trabalho — naquela tarde, filmara a si mesma cantando “Bleeding Love”, de Leona Lewis, e o vídeo ficara bom.

Após apagar os comentários de algumas Cheerios que tinham muito tempo sobrando e de alguns garotos estranhos que diziam que as amídalas dela eram lindas, Rachel continuou a carregar o vídeo. Todas as vezes em que clicava em “Carregar”, ela sentia um arrepio de excitação — sua descoberta poderia estar a apenas um clique. Era preciso apenas que uma pessoa bem-nascida, e que entendesse alguma coisa sobre talento, a visse e ficasse impressionada, então sua vida se revelaria diante dela como um mágico tapete vermelho.

Rachel estava prestes a começar seu dever de história quando um bipe a avisou de que ela recebera uma mensagem. Uma janela apareceu, com um texto de Sharkfinn5: “P.S.: Tenha cuidado na

apresentação. Algumas Cheerios estão planejando um tipo de trote. Ass: estranho.”

Rachel olhou para a tela. Após três segundos, percebeu que a mensagem só poderia ser de Finn Hudson. As letras do nome — com dois “n” — combinadas com seu número no time de futebol americano e o uso incorreto do “P.S.” (você não pode usar um “P.S.” se não houver nada escrito antes) apontavam para ele. Além disso, quem saberia que as Cheerios armavam alguma coisa com exceção de alguém como ele? E ela sabia que eles tiveram um momento no auditório outro dia. Ela não imaginara aquilo. Seus dedos começaram a tremer. Finn Hudson estava preocupado com o que poderia acontecer a *ela*!

Ele estava indo contra seus amigos e encarando uma potencial reprimenda para alertá-la? Ele traía a confiança das Cheerios — e da sua namorada Quinn — porque estava preocupado com Rachel?

“Obrigada pelo aviso, estranho”, ela digitou. “Mas qual tipo de trote devo esperar?”

Um minuto se passou; então, dois. Rachel não achava que ele responderia. Então, subitamente, uma mensagem apareceu: “Não sei. Mas eu precisava dizer alguma coisa. Tchau.”

Rachel olhou para a tela. Ela não queria escrever algo mais e assustá-lo. Ele, com certeza, acreditava que estava sendo misterioso e que a alertava anonimamente. Ele podia não ser o cara mais sagaz do mundo, mas era bonzinho, ao menos. E muito fofo.

Aquela era uma reviravolta interessante. Ela deveria ter imaginado que seu ataque ao esquema fraudulento de votação das Cheerios para os prêmios de rei e rainha do baile não passaria impune. Pensando nisso, era realmente estranho que ainda não houvessem jogado nada no seu rosto. As Cheerios certamente armavam algo.

Mas a alegria que Rachel sentiu ao saber que Finn tentou ajudá-la tornava difícil levar a ameaça a sério. Ela decidiu colocar seu pijama para pensar em tudo aquilo. Geralmente pensava melhor quando usava suas roupas mais confortáveis. Pegou um pijama listrado em cor-de-rosa e branco, bem dobrado, da sua gaveta mais alta e rapidamente o vestiu, jogando as outras roupas na cesta de roupa suja, de vime branco. Pelo seu ponto de vista, havia duas saídas: a primeira era avisar aos outros integrantes do Glee sobre a mensagem que recebera. Se eles soubessem, provavelmente desistiriam de se apresentar em vez de tentarem. Ela precisava encarar: eles eram covardes. Não tinham a atitude determinada de Rachel.

O que a levou à segunda opção. Ela precisava da apresentação para se transformar, e ali estava uma oportunidade de subir ao palco e mostrar ao mundo seu talento. E ela gostava — tudo bem, ela *amava* — ser o centro das atenções. Na verdade, ela vivia para isso. Estar no palco naquele dia, com Finn olhando-a no auditório escuro, tinha sido tão bom. Ela fechava os olhos e podia sentir o palco de madeira sob seus pés. Podia ouvir o murmurinho da multidão enquanto esperavam os alunos do Glee entrarem no palco e o silêncio quando os cantores finalmente aparecessem.

Ela podia ver os olhares pasmos observando-a enquanto se perguntavam o que o colégio McKinley havia escondido por tanto tempo.

Sua escolha estava bastante clara. O show precisava continuar.

dezesseis

Ginásio do colégio McKinley,
sexta-feira durante as aulas

Na sexta-feira pela manhã, Tina pegou sua bolsa transpassada e com estampas de caveiras e ossos e saiu rapidamente do laboratório de biologia assim que o sinal tocou. Três dias por semana ela tinha aula no laboratório de biologia exatamente antes do almoço, o que parecia a receita para um desastre quando precisavam fazer dissecações. Mercedes, que se sentava à sua frente, saiu ainda mais rapidamente.

— De quem foi a brilhante ideia de exigir que todos os alunos saibam como dissecar um sapo antes de se graduarem? — reclamou Mercedes, abanando o rosto com um caderno roxo. — O Sr. Rochna nunca ouviu falar de aprendizado on-line? Eu encontrei um tutorial sobre dissecação de sapos ontem à noite.

Tina olhou para a amiga, que estava com o rosto quase esverdeado. Mercedes era sua parceira no laboratório de biologia e, mesmo com Tina se oferecendo para fazer todas as incisões, o Sr.

Rochna se aproximou e insistiu que Mercedes fizesse a remoção dos rins. Ela quase vomitou na mesa do laboratório.

— Isso não soa muito melhor.

— Você está falando sério? Eu posso lidar com as tripas dos sapinhos quando eles não estão estirados na minha frente. Como vou almoçar agora? — continuou Mercedes. — Eu só consigo sentir cheiro de entranhas de sapo.

Tina riu. Ela não se importava tanto com as dissecações, e Mercedes a divertia quando exagerava nas reações. Até que era interessante, de um jeito nojento, ver o funcionamento interno de alguma coisa. Os sapos em si já eram um pouco pegajosos — muito mais do que qualquer um que Tina houvesse visto nadando na sua piscina ou pulando nos tanques de carpas dos seus vizinhos.

— Na verdade, não vou almoçar hoje — disse Tina. — Vou à reunião do comitê de decoração para a festa, no ginásio.

Mercedes parou. Seus olhos se arregalaram. Tina estava interessada em fazer algo em equipe?

— Com certeza não ouvi direito o que você disse. Repete.

Tina repetiu o que havia dito, gaguejando dessa vez.

— Para a festa de Boas-Vindas? — perguntou Mercedes, devagar. Ela finalmente voltou a andar quando alguns garotos do time de futebol passaram, jogando um sapo morto de um lado para outro. — Ai, meu Deus, eu preciso sair dessa escola.

— É. — Tina deu de ombros, feliz por Mercedes estar distraída. Ela sempre tinha opiniões fortes sobre tudo e se dissesse a Tina que se juntar ao comitê de decoração era um grande erro, Tina talvez a levasse em consideração. — Achei que poderia ser divertido.

Mercedes assentiu vagarosamente. Seus enormes olhos castanhos se viraram para Tina.

— Não deixe que impliquem com você. — Ela balançou um dedo de um lado para outro no ar. — Lena Horne não deixava ninguém

implicar com ela.

Tina parou em frente à entrada do ginásio. Ele era tão comum quanto qualquer outro ginásio escolar. Tinha fileiras de arquibancadas que cobriam um dos lados, paredes altas com janelas de vidro fosco e todos os tipos de vigas e aparatos presos ao teto, que pareciam não fazer nada além de levantar e abaixar as cestas de basquete. O ginásio cheirava a suor e à borracha das bolas de basquete, e lembrava à Tina do ensino fundamental, quando costumavam jogar queimado — quem decidiu que *aquilo* seria uma boa ideia? Ela sempre era atingida pela bola vermelha que, embora devesse ser macia, realmente machucava quando alguém atingia você no rosto.

Ela respirou profundamente e lutou contra o impulso de fugir.

Sentado no canto das arquibancadas, estava o comitê de decoração, que era composto principalmente de Cheerios e de garotas que queriam ser Cheerios. Não havia garotos, apenas uma dúzia de meninas relaxando, checando seus celulares e brincando com iPods. Havia várias caixas grandes com cartolinas no chão do ginásio, que pareciam ter sido retiradas de um porão onde passaram os últimos duzentos anos. Uma garota fazia tranças nos cabelos de outra, enquanto uma terceira fazia tranças nela.

Esse era o comitê de decoração? Por alguma razão, a aparência de inacreditável incompetência inspirou Tina. Definitivamente, ela poderia contribuir com algo.

As garotas levantaram o olhar quando a bota Doc Matens de Tina chiou contra o piso brilhante. Por que eles precisavam polir tanto o chão? Dava para deslizar nele. Tina se concentrou em não tropeçar e finalmente chegou à arquibancada, depois do que pareceu uma eternidade. Ela se sentou no degrau mais baixo.

— O-o-oi — disse ela, visto que todas a olhavam com expectativa. — Eu vim para a reunião.

— Certo. — Santana Lopez trocou olhares com Kirsten Niedenhoffer, uma garota loira e curvilínea do último ano, que estava sob instruções rigorosas da treinadora Sylvester para perder cinco quilos ou não ficaria mais na segunda fileira da pirâmide das Cheerios.

— Nós já vamos começar — declarou Kirsten, autoritariamente. Ela havia se voluntariado para conduzir a reunião. — Como sabemos, o baile de Boas-Vindas é um evento extremamente importante no colégio McKinley, e é absolutamente essencial que a decoração seja devidamente descolada.

Santana olhou para a garota que acabara de se sentar. Ela usava calças jeans pretas com buracos enormes no joelho, uma camiseta branca e uma blusa de flanela com estampa xadrez, preta e azul, que combinava com as mechas nos seus cabelos. Suas botas pareciam aquelas usadas na guerra. Ninguém dissera a ela que o gótico já era? Santana sabia que tinha sido um erro anunciar a reunião. Qualquer um que importasse já saberia sobre ela.

Tina correu os olhos pelo ginásio enquanto Kirsten continuava sua introdução. Ela achou difícil pensar naquele espaço como algo diferente do lugar onde era constantemente humilhada a cada vez que a Sra. Tuft, a professora de educação física para meninas, insistia para que Tina tentasse sacar a bola de vôlei e ela acertava a cabeça de alguém do seu time. Mas ela tentou imaginar luzes fracas, talvez apenas a da lua, atravessando as janelas altas e brilhando sobre a pista de dança enquanto casais se moviam de um lado para outro. Então visualizou tons dourados e prateados, as cores do sol e da lua, refletidos no chão.

— Precisamos de algumas voluntárias que se responsabilizem pela decoração do palco, onde o rei e a rainha serão coroados — continuou Kirsten. — Eu nem preciso dizer o quanto isso é importante.

Algumas Cheerios levantaram as mãos para se candidatarem, assim como Tina. Não que ela se importasse com o palco de coroação do rei e da rainha; ela apenas queria mostrar que estaria disponível para qualquer função.

— Tudo bem, Alice, Olívia e Olívia K., vocês três serão responsáveis por isso. — Kirsten consultou a lista nas suas mãos. — Agora precisamos de pessoas com ideias sobre o que espalhar pelo ginásio. Luzes? Fitas? Quem quer fazer isso?

Tina levantou a mão outra vez, mas novamente Kirsten não pareceu notá-la.

— Precisaremos de voluntárias para cuidar das paredes... Como podemos cobrir esses tatames horrorosos? — Ela apontou para algumas pessoas e instruiu que fossem até as paredes e tentassem pensar sobre o que fazer. Tina olhou ao redor. Ninguém parecia muito concentrado nas tarefas, e até Kirsten parara de dar instruções para responder a uma mensagem de texto.

Tina se levantou e agachou-se ao lado da caixa mais próxima. Estava coberta de mofo e cheirava como o porão da casa da sua avó. A caixa continha dúzias de palmeiras feitas com cartolina e imagens de garotas havaianas, que certamente foram usadas em uma ocasião com tema tropical. Ridículo.

Ela teve mais sorte com a caixa seguinte, onde encontrou centenas de recortes legais de estrelas em tamanhos variados, embora não estivessem em seu melhor estado. Algumas eram gigantes, quase tão grandes quanto a caixa, e outras eram menores e mais delicadas. Elas foram feitas com um tipo grosso de cartolina que se deformou um pouco com o tempo, e a cor dourada estava gasta e lascada em alguns pontos. Ainda assim, Tina talvez conseguisse fazer alguma coisa com elas. Talvez pudesse ajeitá-las e cobri-las com uma tinta brilhante em spray. Subitamente, ela se sentiu empolgada. Poderia contribuir com isso, afinal.

Ela levou uma estrela até Kirsten, que mastigava um pedaço de cenoura e conversava com Santana.

— Você acha que eu poderia trabalhar a-a-ajeitando essas estrelas? — perguntou Tina. — Há centenas delas e p-p-podíamos, tipo, pendurar estrelas douradas por todo o ginásio.

Kirsten sorriu gentilmente.

— Claro — disse com o tom de voz que usava com seu irritante irmão de 12 anos. — Vá em frente.

Tina assentiu. Ela sabia que Kirsten estava apenas sendo condescendente, mas não se importava. Já podia ver o ginásio, brilhante e totalmente diferente, e imaginou Artie lhe dizendo novamente como ela era uma artista fantástica. Como era uma *garota* fantástica.

Tina voltou rapidamente a vasculhar as caixas, procurando por outras estrelas. Começou a cantar baixinho enquanto examinava cada uma das estrelas, procurando as menos danificadas.

— Até parece, perdedora. — Kirsten balançou a cabeça enquanto olhava para Tina nas suas botas pretas desengonçadas. — Como se fôssemos fazer alguma coisa que você disser.

Santana apenas observou Tina. De onde conhecia aquela garota? Ela não costumava prestar atenção em pessoas assim. Então, lembrou-se: outro dia, quando passou pela sala do coral, ouviu algumas pessoas cantando uma música idiota de um antigo espetáculo da Broadway, que seu pai sempre cantava para sua mãe. Santana deu uma olhada na sala e quase vomitou. A irritante Rachel Berry dava ordens a todos, dizendo que cantassem novamente algumas partes, e Tina era uma das garotas.

— Ela é do Glee — sussurrou Santana para Kirsten.

Os olhos azuis de Kirsten se arregalaram.

— Aaaaaah... — Ela abaixou o tom de voz. — O que você vai fazer?

— Observe. — Santana se levantou. Perto das caixas com objetos de decoração que o zelador tirara do depósito para elas (ele disse que usassem o que precisassem porque incineraria o restante) havia uma caixa com uma máquina de fumaça. As Cheerios tentaram usá-la no treino do dia anterior, durante um número da música “Don’t Phunk with My Heart”, do Black Eyed Peas, mas a máquina era horrível e praticamente intoxicante, soltando nuvens de fumaça grandes e espessas. Todas começaram a tossir e foram obrigadas a parar por cinco minutos, para o desgosto da treinadora Sylvester, até a fumaça se dissipar. E isso foi em campo aberto. Santana podia imaginar o que a máquina faria no palco de um auditório fechado quando certo alguém irritante e seus amigos tentassem se apresentar para a escola inteira. Ela e Quinn haviam decidido arrumar uma forma de ligar a máquina enquanto o Glee estivesse se apresentando, mas seria ainda melhor se Santana a oferecesse para Tina e ela mesma ligasse.

Santana pegou a caixa e andou na direção de Tina. Ela fez sua cara mais inocente e prestativa.

— Ei... — disse ela, não sabendo o nome de Tina. — Você vai se apresentar hoje à noite, né?

Tina deixou cair várias das estrelas que segurava e se inclinou para pegá-las; para sua surpresa, Santana fez o mesmo. A Cheerio pegou duas estrelas com a mão livre. Com a outra, segurava a caixa contra o corpo.

— Sim. C-c-com o clube Glee — respondeu Tina.

— Pensei que talvez você quisesse usar essa máquina de fumaça durante a apresentação. — Santana tentou sorrir gentilmente. Ela sabia atuar; tivera três falas na apresentação de primavera do colégio McKinley, que encenou *Anything Goes*, e sua mãe disse que estava bastante convincente como a “senhora com monóculo”. — Usamos a máquina no nosso treino um dia e teve um efeito

realmente maneiro. Ficaria superprofissional se vocês tivessem alguém para ligá-la durante a apresentação.

Tina olhou para a caixa que Santana segurava. Aquilo era estranho.

Mas também era legal. Talvez as Cheerios não fossem tão ruins quanto ela pensava. Mesmo que elas não houvessem dado atenção a ela durante a reunião, ao menos não jogaram raspadinhas no seu rosto ou implicaram com ela. Santana até se inclinara para pegar algumas estrelas que Tina derrubara — aquele era um gesto normal e bondoso, que Tina nunca esperaria de uma Cheerio. E agora Santana estava realmente dividindo o equipamento das Cheerios com ela?

— I-i-isso é realmente legal da sua parte. — Tina jogou as estrelas dentro da caixa e pegou a máquina de fumaça das mãos de Santana. Ela já conseguia imaginar a fumaça subindo pelo palco e o Glee emergindo dela, cantando nos seus uniformes com strass. Seria demais. — Obrigada.

— Sem problema — respondeu Santana, girando nas pontas dos seus tênis. Isso seria ainda melhor do que imaginara.

Quando Rachel Berry percebesse com quem estava mexendo, talvez aprendesse a manter a boca fechada.

dezesete

Auditório do colégio McKinley, sexta-feira à noite

O nervosismo pairava no ar como uma névoa pesada na sexta-feira à noite, enquanto os alunos do Glee se reuniam nos bastidores antes do recital *Apaixone-se pela Música*. Não existia realmente um camarim, então os alunos se amontoavam com seus instrumentos nas laterais do palco, tentando não prender as guitarras nas longas cordas que movimentavam as pesadas cortinas vermelhas do palco. Os integrantes da banda de jazz seguraram seus instrumentos com a boca e começaram a poli-los. Um garoto chamado Jacob, cujo cabelo crespo e castanho-claro lhe rendera o apelido dúbio de “J-Fro”, era um dos ajudantes de palco. Ele segurava uma prancheta e seguia de grupo em grupo, para ter certeza de que todos estavam presentes. Usava uma gravata preta e grossa sobre uma camisa social azul de mangas curtas, cuja área das axilas já estava molhada.

Rachel se manteve perto de um painel pintado com uma paisagem de uma casa de campo russa, utilizado em uma antiga

apresentação de *Um violinista no telhado*. Ela havia explorado todos os bastidores em busca das Cheerios, mas não vira uma única sequer se espreitando entre os alunos e conspirando contra o clube Glee. Talvez Finn estivesse errado. Era totalmente possível, uma vez que ele nem sempre parecia ligado no que estava acontecendo.

Ou, mais provável, as Cheerios apenas ameaçavam. O que elas poderiam fazer, afinal? Rumores evidentemente falsos e nojentos sobre Rachel já estavam pichados nas paredes dos banheiros femininos. Talvez as líderes de torcida houvessem apenas começado o boato de um trote para enlouquecer Rachel. Era isso. Bem, não funcionaria.

Ela fechou os olhos e soprou o ar pela boca, deixando seus lábios vibrarem e fazerem um som de "brrr".

— Ela está mandando beijos para seu namorado imaginário? — sussurrou Kurt, não muito baixo, ao ouvido de Mercedes. Em sua camisa preta da American Apparel e calças justas Armani, ele sabia que estava bem.

— Chama-se trinado labial ou "borbulha", como meu antigo instrutor de voz gostava de dizer — respondeu Rachel rapidamente para Kurt. — É um exercício de aquecimento extremamente útil para qualquer cantor, seja antes de uma apresentação... — Rachel fez um amplo gesto com o braço para indicar que era isso o que ela fazia, caso eles não conseguissem perceber. — Ou para desenvolver uma voz saudável e forte. — Seus olhos pousaram em Kurt, Mercedes e Artie. — Todos deveriam experimentar incorporá-lo à sua rotina de aquecimento vocal.

— Onde está Tina? — Mercedes imediatamente ficou de costas para Rachel. Não adiantaria perder a cabeça agora. Além disso, eles teriam um problema mais urgente se Tina não aparecesse. Seus olhos se arregalaram por um momento ao lembrar o quanto Tina ficara assustada no ano anterior, na aula de espanhol, quando o Sr.

Schuester fez com que todos atuassem numa paródia de *Os três porquinhos* ou *Los tres cerditos*. Mercedes ficara animada em ser o “*cerdito número dois*”. Tina, porém, entrara em pânico ao precisar representar uma árvore, que não tinha falas, e faltou a aula no dia em que apresentariam a paródia para um grupo de crianças do ensino fundamental. — É melhor que o episódio de *Los tres cerditos* não se repita.

— Está tudo desmoronando, não está? — perguntou Kurt com o olhar vidrado. — Eu preferia fugir agora a ser humilhado no palco.

— Ela vai chegar. — Alguém quase tropeçou na cadeira de rodas de Artie. Ele rolou para trás, batendo numa mesa com um vaso de plástico e flores falsas.

— Belo figurino. — Jacob apareceu subitamente ao lado direito de Rachel, tão perto que ela podia sentir o cheiro do seu desodorante; que, levando em consideração as manchas de suor crescente debaixo dos seus braços, não era suficientemente forte. Ela deu um passo para trás. — Você está deslumbrante — acrescentou ele.

— Obrigada. — Rachel sorriu para Kurt diplomaticamente. Mesmo após a pesquisa de figurino bastante elaborada que ele fizera, o efeito do grupo inteiro usando roupas idênticas tinha ficado — ele odiava admitir — um pouco nerd. Ela vestia uma minissaia preta e plissada que sabia que enfatizava suas pernas, delineadas devido às horas que gastava todas as semanas no transport. Mesmo que quase não tivesse roupas pretas, demorara uma hora para se vestir. Aquela seria sua primeira apresentação — de muitas, ela esperava — na frente dos seus colegas do colégio McKinley, e Rachel queria que fosse perfeita. Ela tinha escolhido sua blusa preta favorita, com mangas bufantes, e usava também sua lingerie preferida — de algodão branco com estrelas douradas — como um estímulo extra à

sua autoconfiança. Não que realmente precisasse. Eles se saíam muito bem.

— Eu não sei. — Artie olhou para seu colete, que ele vestira sobre uma camisa preta, conforme instruído, e seus suspensórios pretos. Os strass eram absurdamente brilhantes. Talvez não houvesse sido uma boa ideia deixar Kurt, que uma vez tinha ido à escola vestindo um casaco de pele de coelho, assumir o controle dos figurinos. — Eu sinto como se estivesse usando o colete da minha tia Linda.

— Sua tia Linda deve estar na moda, então. — Kurt jogou os ombros para trás. Para usar strass, manter a autoconfiança era tudo. — Estamos maravilhosos.

— Rachel, eu realmente acho que essa roupa acentua algumas das suas melhores qualidades. — Jacob riu, nervoso, para Rachel enquanto ajustava seus óculos pretos e grossos sobre o nariz.

“Eca”, ela pensou. Só porque ambos eram judeus não significava que Rachel Berry tivesse qualquer obrigação para com o nojento do Jacob. No entanto, o fato de ele haver criado um blog que relatava todos os fatos da vida no colégio McKinley fazia com que Rachel fosse um pouco mais bondosa com ele do que se ele fosse totalmente inútil para ela. Nunca valia a pena ser indelicado com a imprensa. E o clube Glee poderia se beneficiar de uma boa crítica.

— O que está fazendo aqui, Jacob? — perguntou Rachel, cruzando os braços e tentando manter a irritação na sua voz no nível mínimo.

Jacob olhou para sua prancheta.

— Garantindo que os grupos estão prontos. Vocês todos estão aqui?

— Sim, estamos todos aqui! — gritou Tina ao aparecer, quase empurrando um tubista que usava uma cartola. — Desculpem pelo

atraso. — Ela puxava a caixa com a máquina de fumaça e praticamente arfava. — Mas eu trouxe um presente.

— O que é isso? — perguntou Rachel, espreitando a caixa com curiosidade. Ela odiava surpresas.

— É uma m-m-máquina de fumaça — anunciou Tina orgulhosamente. — Estava junto com as caixas utilizadas na reunião do comitê de decoração.

Rachel suspirou.

— Isso é tão louco! Eu sonhei na noite passada que me apresentava nesse mesmo recital, cantando “On My Own”, de *Os miseráveis*, e a fumaça começava a subir ao meu redor, como se eu estivesse nas ruas de Paris enquanto a cidade era cercada. — Rachel tinha um olhar distante. Por que ela não pensara em usar uma máquina de fumaça para a apresentação? Ela amaria levar o crédito por isso.

— Perceba que nenhum de nós estava no seu sonho/fantasia — cochichou Kurt para Mercedes. — Não que eu fosse me sentir confortável se ela tivesse fantasias noturnas comigo.

— Parece incrível, mas como vamos controlá-la? — perguntou Artie.

— Eu posso ajudar — voluntariou-se Jacob, vendo como Rachel estava empolgada com a máquina de fumaça. Quem sabe seria isso o necessário para levá-la para a cama? — Fui o contrarregra em três das últimas quatro produções da escola. Sei onde estão todas as tomadas.

Tina lhe entregou a caixa e passou a mão sobre seu colete com strass para tirar a poeira. Ela usava uma saia preta, meias pretas $\frac{3}{4}$ e suas amadas botas Doc Marten.

— Vou te mostrar como usar. — Jacob e os outros observaram enquanto Tina montava a máquina, que fez um zumbido horrível quando ligada à tomada. — É só apontá-la para o palco e apertar

esse botão v-v-vermelho por dez segundos a cada vez. — Ela olhou para Jacob, em dúvida. — Você pode fazer isso?

Alunos corriam ao redor, empurrando uns aos outros e berrando sobre amplificadores e aparelhos de som. Os integrantes do Glee saíram do caminho, para se acalmar, tentando se afastar dos estranhos exercícios vocais de Rachel.

Jacob olhou para Rachel, que fazia o sexy “brrr” com seus lábios novamente. Ele umedeceu os próprios lábios e os esfregou.

— Definitivamente.

Quando a banda de jazz, a primeira a se apresentar, entrou no palco e começou a tocar “In the Mood”, de Glenn Miller, o nervosismo se espalhou. Artie se recostou na sua cadeira e começou a respirar dentro das mãos em forma de concha, tentando não hiperventilar.

— Você está bem, Artie? — perguntou Tina, inclinando-se sobre ele. As bochechas dele estavam azuis.

— Eu... Eu acho que talvez estejamos nos apressando nessa coisa de apresentações. — Ele olhou para o colete com strass, desejando estar no conforto da sua camisa social branca e seus suspensórios usuais. Aquilo não parecia certo. — Quero dizer, o quanto ensaiamos, de fato? Você acha que realmente podemos nos apresentar sem passar vergonha?

Tina sentia o pânico crescendo dentro dela. Era como quando sua irmã mais velha sentava sobre ela e fazia cócegas na sua barriga até ela começar a ficar azul. Como ela poderia cantar, na frente de todos, quando sentia que estava sufocando?

— Talvez Artie esteja certo.

— Olha, por que não desistimos agora, antes que cometamos um grande erro? — Mercedes imaginou o conforto da sua casa, com o enorme sofá de couro e a TV de tela plana. — Podemos ir para minha casa e rir de *High School Musical*.

— Não fale mal do Zac Efron — avisou Kurt. — Aquele garoto tem cabelos perfeitos.

O queixo de Rachel quase caiu até o chão.

— Eles são péssimos — declarou. — Não posso acreditar que vocês sequer considerem desistir agora. Esse tipo de atitude é o que está impedindo vocês de serem um ótimo clube do coral.

Ela respirou fundo. Apenas o fato de estar nos bastidores, esperando por sua chance sob o holofote, fazia com que os nervos de Rachel formigassem. As luzes quentes do palco, os aplausos educados do público quando a banda de jazz completou seu primeiro número, a forma como os letreiros vermelhos de “Saída” acima das portas nos fundos do auditório se destacavam no escuro — tudo a fazia querer aquilo ainda mais.

— Mas estamos com medo... — começou Mercedes.

Rachel a cortou.

— Todo mundo sente medo. Vocês precisam superar isso. Como a incomparável Cher disse certa vez: “Enquanto você não estiver preparado para errar, nunca poderá ser ótimo.”

As palavras de Rachel funcionaram. Imediatamente Artie parou de hiperventilar e Tina sentiu como se expulsasse a irmã de cima do seu peito. Kurt e Mercedes assentiram. Rachel estava certa.

— Vocês são os próximos. — Jacob assobiou para eles após a apresentação de uma banda de duas pessoas, chamada Aniquilação Justiceira. — Entrem no palco!

Rachel não hesitou, e os outros a seguiram pelo palco escuro. O auditório estava relativamente cheio, ocupado basicamente pelos pais dos alunos que participavam das bandas, alguns professores e uns vinte alunos. Rachel viu imediatamente seus dois pais, no lado esquerdo. Seu pai Hiram segurava uma minicâmera contra o rosto.

Mas ela não viu a pessoa por quem procurava: Finn. Ele tinha que aparecer, não tinha? Ele se preocupou tanto em alertá-la sobre

um possível ataque; não apareceria para ver se ela ficaria bem? E talvez, apenas talvez, quando ele a visse cantando no palco, seria levado de volta àquele dia no auditório, quando houve um momento entre eles.

A música começou. O holofote se acendeu e eles começaram a cantar "Tonight". A fumaça crescia misticamente ao redor deles e Rachel foi obrigada a se orgulhar de Tina por trazer um toque extra de profissionalismo para a apresentação. Nenhum deles percebeu que duas Cheerios se esgueiravam por uma das laterais, nos fundos do auditório, desaparecendo nos bastidores em seguida. Eles soavam... razoáveis. Não ótimos, mas nada mal, e certamente melhor do que eram antes de Rachel se juntar a eles. Ao final da primeira estrofe, começaram a se envolver mais, cantando ainda melhor.

No entanto, a fumaça se tornava bastante densa. Tina mostrara a J-Fro a importância de ligar e desligar a máquina em intervalos de dez segundos, para manter o ambiente claro. O palco começava a se encher de fumaça, como se ele houvesse esquecido. Tina quase tropeçou no apoio de pés da cadeira de Artie enquanto tentava seguir os passos que Rachel ensinara a eles. Estava ficando muito difícil enxergar qualquer coisa.

Rachel cantou corajosamente, conseguindo olhar ligeiro para os bastidores. Jacob estava perto da máquina de fumaça, onde deveria ficar, mas não estava sozinho. Perto dele, com seus cabelos loiros caindo sobre os ombros, estava Brittany nas suas minúsculas roupas de Cheerio. Em um movimento que parecia ter sido tirado de um comercial de cerveja, ela espalhava gloss sobre os lábios lentamente enquanto Jacob se mantinha completamente hipnotizado.

Rachel resistiu contra a tosse. Tina havia parado de cantar e tentava limpar a garganta. Rachel fez um sinal com a mão em

direção à frente do palco, tentando fazer com que os outros andassem até ali, onde o ar poderia estar um pouco mais limpo.

Foi um erro. Kurt, incapaz de ver o limite do palco, continuou andando. Um barulho de colisão se seguiu quando ele caiu sobre uma bateria da orquestra. Tina gritou uma nota aguda enquanto a cadeira de Artie passava sobre seus pés, e Mercedes, em um esforço para ajudar Kurt, caiu no chão e praticamente deslizou pelo palco.

— *What you are, what you do, what you say...* — Rachel, inabalável, foi a única que conseguiu cantar o verso final da música. Seu amplo treinamento vocal devia tê-la preparado para os desafios oferecidos pela inalação de fumaça. Mas ela não se sentia bem diante daquilo.

No fundo do auditório, várias Cheerios e jogadores do time de futebol americano se dobravam de tanto rir. As risadas agudas das líderes de torcida podiam ser ouvidas sobre os aplausos piedosos da plateia. Então os jogadores começaram a bater palmas alto, rindo.

Os participantes do Glee, com exceção de Kurt, saíram apressados do palco, humilhados.

Embaixo, no chão do auditório, Kurt rapidamente seguiu para os bastidores, quase tropeçando nos instrumentos musicais e nas cadeiras. Rachel sentia como se caminhasse em câmera lenta enquanto seguia os outros alunos para fora do palco, balançando as mãos na frente do rosto para afastar a fumaça. Já haviam rido dela antes — isso não era novidade. Mas os outros integrantes do Glee não estavam tão acostumados a se arriscar feito ela. Eles não tinham a forte determinação que Rachel desenvolvera ao longo dos anos. Quando desafiada, Rachel tendia a respirar fundo e seguir em frente. Porém, após passar uma semana com o clube do coral, ela sabia que eles eram mais de se sentar e torcer para desaparecer.

Rachel se preocupou com a possibilidade do Glee ter os dias contados.

dezoito

Sala do coral, segunda-feira pela manhã

No domingo à noite, após um longo final de semana sentindo pena de si mesma, Rachel mandou uma mensagem de texto para os outros integrantes do Glee marcando uma reunião de urgência para segunda-feira de manhã, na sala do coral. Ela não fora capaz de entrar em contato com ninguém durante o final de semana, pois estava deprimida demais diante da humilhação que as Cheerios fizeram o clube Glee passar. Em vez disso, ela assistiu a dois dos seus filmes favoritos, *Nasce uma estrela* e *Grease*, nos seus pijamas de flanela favoritos, deitada no sofá confortável da sala de estar e comendo pipoca de micro-ondas sabor manteiga até começar a se sentir melhor.

A apresentação havia sido horrível e eles nem sequer conseguiram terminar a música antes de começarem a tossir sem parar. Mas Rachel assistiu à gravação que seus pais fizeram — antes da fumaça tomar o palco e seu pai Hiram precisar deixar o lugar por causa da sua asma — e viu como foram as outras apresentações. A

banda de jazz era, no máximo, medíocre, e os três garotos que tentaram cantar a última música do Fray, mesmo quando acertaram algumas notas em suas guitarras, não foram melhores. Os dois meninos da banda Aniquilação Justiceira eram atletas — ambos atacantes do time de futebol — e a pequena plateia aplaudiu entusiasticamente quando terminaram; as famílias porque estavam gratas por aquele barulho abominável acabar, e os alunos porque aplaudiriam qualquer um que soubesse onde aconteciam as melhores festas nos finais de semana.

Quando Rachel entrou na sala do coral e viu os rostos abatidos dos seus colegas do Glee, soube que teria muito trabalho pela frente.

— Tudo bem — disse, animada. — Talvez a apresentação não tenha saído exatamente como esperávamos, mas acho que foi um bom começo.

— Você estava mesmo lá na sexta-feira? — perguntou Kurt, levantando-se em um sobressalto. Ele tirou o par de óculos escuros que decidira usar na esperança de que os garotos do time de futebol americano não o reconhecessem.

— Eu sei que a apresentação não foi ideal — continuou Rachel —, mas eu assisti a uma gravação do show e nós estávamos realmente bons. — Ela inspirou e achou que ainda sentia vestígios da fumaça. — Por uns dez segundos.

— Por dez segundos! — exclamou Mercedes. Andando pelos corredores naquela manhã, Mercedes sentiu que todos cochichavam sobre ela. Mesmo que não houvesse muitos alunos na plateia, fato pelo qual ela era incrivelmente grata, Mercedes sabia que as Cheerios haviam contado a todos sobre seu pequeno trote para humilhar o Glee. — Isso deveria nos fazer sentir melhor?

Artie e Tina trocaram olhares. Kurt e Mercedes pareciam querer pular no pescoço de Rachel, mas Artie estava um pouco

impressionado com a determinação dela. Ela usava uma saia plissada amarela e marrom, um suéter branco com gola rulê, meias até o joelho e uma boina marrom. Ela parecia uma Nancy Drew parisiense — animada, determinada e pronta para ganhar o mundo. Ele olhou para Tina, que se sentou ao seu lado enquanto saboreava uma bebida do Starbucks.

— Mas como disse Cher... — Rachel apertou suas mãos.

— Não quero ouvir nenhuma das suas citações inspiradoras — interrompeu Mercedes. — Não sei por que escutamos você. — Mercedes balançou a cabeça. — Você pode aceitar ser ridicularizada, mas não deveria nos levar junto.

— Eu? — falou Rachel, com uma voz aguda. Ela passou os olhos pela sala e percebeu, pela primeira vez, que todos estavam chateados com ela. *Ela*. Depois de tudo o que havia feito para levar esse clube ao topo, era esse o agradecimento que recebia. Era isso o que chamavam de gratidão?

— Se você não houvesse nos levado junto na sua ambição cega, nunca teríamos passado por aquela vergonha no palco. — Kurt tirou a tampa da sua garrafa de água e bebeu um gole. Seus poros estavam acabados após um final de semana de estresse, e ele podia sentir uma espinha gigante ameaçando surgir na sua bochecha esquerda. — Teríamos desistido dias atrás.

— Ao menos conhecíamos nossos limites antes de você chegar — falou Artie, finalmente. Ele achava que Kurt e Mercedes estavam parcialmente certos. Mesmo que Rachel soubesse que era uma intérprete maravilhosa, não significava que ela entendia alguma coisa sobre eles.

— Isso não é justo. — Rachel sentiu como se houvesse levado um tapa. Até Artie estava chateado com ela? — Eu exigi muito de vocês porque era o que precisavam. — Rachel não acreditava que

uma pessoa pudesse ser pressionada demais: ou ela se tornaria boa o suficiente para enfrentar a situação ou se deixaria ser derrotada.

Parte dela sabia que *era* culpada, ao menos um pouco, pelo desastre, mas ela não admitiria isso, nem para si mesma. Enterrada no fundo do seu subconsciente estava a verdade: Finn Hudson avisara sobre o que aconteceria, mas ela preferiu ignorar. Se houvesse contado isso aos outros, Tina teria percebido que o “presente” das Cheerios não era motivado por amor e sim por um desejo invejoso de arruinar Rachel. Mas ela não era alguém que sondava as profundezas do seu subconsciente, principalmente se isso pudesse revelar sua culpa.

Em vez disso, virou-se para Tina.

— Você não *achou* simplesmente a máquina de fumaça na reunião do comitê, achou?

Os olhos de Tina se arregalaram.

— N-n-não... Santana me deu.

— E você não achou isso estranho? — Rachel jogou suas mãos para o alto. Como Tina podia ser tão ingênua? Ela não sabia que os alunos do colégio McKinley se dividiam em uma hierarquia tão rígida que alguém de um escalão superior nunca ajudaria uma criatura inferior, como alguém do Glee? — Que uma das Cheerios *de repente* passasse a se importar com a apresentação do Glee?

— Eu não pensei nisso, tá? — Tina olhou para a ponta dos seus tênis pretos. — Achei que ela estava sendo legal.

— *Legal?* — Rachel balançou a cabeça, furiosa. — Se você não se esforçasse tanto para ser aceita por essas Cheerios inescrupulosas e burras, talvez não estivéssemos nessa situação.

— Ei, você está pegando pesado — falou Artie, aproximando-se de Rachel. — Você não pode culpar Tina por não saber quão más as Cheerios podem ser.

Rachel revirou os olhos. Ela sentiu como se o chão aos seus pés fosse desmoronar.

— Grande surpresa *você* defendê-la. Todo mundo sabe que *você* é super a fim dela.

— *Você* está ultrapassando os limites, garota. — Mercedes se sobressaltou e andou ameaçadoramente em direção a Rachel. — Seus dois pais não lhe deram educação?

— *Você* só está com inveja do meu talento. — Rachel se sentiu pressionada, e não poderia deixar que os outros continuassem colocando-a para baixo. Todos a culpavam e isso não era justo. — *Você* está com inveja desde o momento em que atravessei aquela porta.

— Ai, meu Deus. — Mercedes se sentou na cadeira e cobriu os olhos com as mãos. Talvez, se não pudesse ver Rachel, não sentisse esse desejo incontrolável de estrangulá-la. — Em que planeta nós estamos? Ela realmente disse isso para mim?

— Acho que sim. — Kurt cruzou os braços.

— Olha, vocês estão chateados comigo por mostrar como as coisas realmente são. — Rachel olhou para cada um deles. — Mas, na verdade, Cher estava totalmente certa. Se vocês não estão preparados para errar, não deveriam ser artistas. — Ela balançou a cabeça, subitamente triste. — E vocês não são artistas. Se importam demais com o que as outras pessoas pensam. E esse é um jeito idiota de viver. — Ela citaria Olívia Newton-John, mas percebeu que não faria diferença. — Não importa... Eu não vou mais contaminar o clube de vocês com minha presença. Estou me inscrevendo para escolas especializadas em artes cênicas e não preciso de vocês. — Assim, ela deu meia-volta dramaticamente e saiu da sala. Se havia uma coisa que Rachel sabia fazer bem, era sair de cena de maneira triunfal.

Por ser a semana da festa de Boas-Vindas, havia um tema diferente a cada dia. Na segunda-feira, o tema era anos 1970 e ela passou por várias Cheerios usando calças boca de sino, batas e vestidos obscenamente curtos. Elas riram quando passaram por Rachel.

— Bela voz, perdedora — falou uma delas.

Rachel seguiu até a sala da orientadora, mais determinada do que nunca. Dessa vez, não aceitaria um não como resposta.

— Srta. Pillsbury? — Rachel avistou a orientadora no corredor, usando um par de luvas de borracha azul-bebê. Ela tentava remover um chiclete que alguém grudara no vidro entre sua sala e o corredor. — Estou pronta para as inscrições de transferência.

— Rachel, você tem certeza? — A Srta. Pillsbury conseguiu remover o pedaço de chiclete e o carregou, no raspador que guardava somente para esse propósito, até a lixeira. Era preciso passar um pouco de limpa-vidro na mancha que ficara, mas ali estava Rachel, cheia de expectativas. A orientadora sabia que era seu dever tentar convencê-la a não desistir, mas não conseguia reunir energias, não com aquela mancha no vidro.

— Cento e dez por cento.

A Srta. Pillsbury soltou um breve suspiro e entrou na sala. Ainda usando as luvas, pegou um maço de folhas de uma pasta organizadora e o entregou a Rachel.

— Parece que a maioria das inscrições acontecerá logo, caso queira se transferir ainda esse semestre. — A Srta. Pillsbury pegou seu limpa-vidro, sentindo um pouco de culpa. — Se quiser conversar mais sobre isso, passe aqui mais tarde, por favor.

— Obrigada. — Rachel apertou as folhas contra o peito como se fossem um colete salva-vidas enquanto caminhava em direção ao seu armário pelos corredores que se enchiam rapidamente. Uma daquelas inscrições era seu bilhete de saída dali, e estava na hora de

usá-lo. Ela viu um garoto com um casaco esportivo lançar um outro, mais baixo, contra os armários abertos e depois beber um gole da sua bebida como se nada houvesse acontecido. Ela sabia que todas as escolas tinham suas hierarquias sociais, mas nenhuma seria tão imbecil quanto o colégio McKinley. Se ao menos essa diferenciação se baseasse em um talento verdadeiro... Rachel imediatamente reinaria como uma rainha.

Então, ela o viu. Finn. Ele estava encostado contra seu armário, segurando um grande livro de matemática em uma das mãos. Seus cabelos ainda estavam molhados do banho e ele usava uma camisa cinza que começava a se desgastar ao redor do pescoço.

Rachel parou de andar. Exatamente naquele momento, Finn olhou para frente. Ele a viu e deu um breve sorriso antes de se virar e ir embora.

Devido à sua raiva pós-apresentação, ela esquecerera completamente de Finn. Deixar o McKinley significaria desistir de qualquer chance que pudesse ter com ele. Mesmo sabendo que a possibilidade de um dia saber como era beijá-lo eram pequenas, elas seriam nulas caso Rachel se transferisse para outra escola. Mas a transferência poderia ser sua única chance de ter um futuro como cantora. Todo mundo sabia que os anos no ensino médio eram os que realmente formavam os alunos. Ela realmente queria desperdiçá-los no McKinley em vez de desenvolver seu talento?

Por outro lado, e se desperdiçar seus anos no McKinley fosse a única chance de um dia ficar com Finn?

Seu cérebro começou a trabalhar rapidamente. Talvez não estivesse tudo acabado para o clube do coral. Se houvesse uma forma de mantê-lo vivo — torná-lo melhor, mais forte — e fazer com que todos no colégio percebessem como o Glee poderia ser bom, talvez ela pudesse continuar ali.

A semente de uma ideia apareceu na sua cabeça. O baile de Boas-Vindas. Toda a escola estaria no ginásio. Pronta para ser surpreendida.

Mas ela não poderia fazer aquilo sozinha. Ela precisaria da ajuda dos outros integrantes do Glee, o que talvez fosse difícil de conseguir agora que todos a odiavam.

Mas ela não seria Rachel Berry se desistisse diante de um desafio, não importava o quão insuperável parecesse.

dezenove

Treino de futebol, terça-feira depois das aulas

— **V**amos lá, Brit. Você está parecendo uma anciã hoje. A minha avó faz melhor do que isso — gritou a treinadora Sylvester no seu megafone branco. — Tudo bem, nenhuma de vocês merece descanso, mas, se eu não o der, o Serviço Social baterá na minha porta novamente e eu não preciso ver mais ninguém usando um conjuntinho do Kmart. Cinco minutos. — Ela balançou sua cabeça, com desgosto. A treinadora Sylvester era sempre mais exigente na semana da festa de Boas-Vindas. O time de futebol do colégio McKinley era notoriamente ruim, e Sue gostava de lembrar às Cheerios de que elas eram as verdadeiras estrelas.

Quinn não ligava para os insultos estimulantes da treinadora Sylvester. Ela sabia que estava bem. Ótima, até. Isso era porque estava furiosa, e a raiva era um combustível incrível para as suas cambalhotas.

Ela pegou sua toalha no banco e a passou pelo pescoço. Quinn ficara observando Puck do outro lado do campo o tempo todo, o que

a deixou com mais raiva ainda e tornou mais poderosos seus movimentos no ar. Durante toda a semana, ela havia esperado uma continuação da conversa que tiveram no almoxarifado do zelador. Mas Puck nunca mais tentara ficar sozinho com ela, fazendo com que Quinn se sentisse estranhamente rejeitada. Mesmo sabendo que aquele era um jogo idiota, ela não estava preparada para o seu fim.

Sim, ela dissera a ele que o jogo havia acabado, mas não esperava que ele desistisse tão rapidamente. Será que ela realmente era apenas um desejo passageiro? Será que Puck só correria atrás dela porque ela era Quinn Fabray, presidente do Clube do Celibato, e ele achou que seria divertido tentar transar com ela? Esse pensamento fez seu sangue ferver.

No campo, ela podia ver a equipe de Puck terminar algum tipo de exercício. Jogar futebol parecia tão fácil se comparado a ser uma líder de torcida. Os jogadores de futebol apenas corriam por um campo enorme, tentando pegar uma bola ou impedir que outros a pegassem, e usavam proteções grandes e espessas o tempo todo, como se fossem bebês. As Cheerios, ao contrário, trabalhavam todos os músculos do corpo quando se lançavam no ar. A sincronia precisava ser perfeita — ou a pirâmide inteira cairia. Ela gostaria de ver esses jogadores de futebol tentando se equilibrar nos ombros uns dos outros ao mesmo tempo em que mantinham um sorriso no rosto.

Antes que percebesse o que fazia, Quinn estava no meio do campo, andando em direção ao banco do time de futebol. Em direção a Puck. Ela podia ver Finn — ele era o cara mais alto da escola, então era fácil localizá-lo — no final do campo. Ele estava ocupado treinando com outros jogadores, gritando os números das jogadas, e ela sentiu uma onda de carinho por ele. Ela sabia como aquele jogo era importante para ele.

— Parabéns. — Puck estava de costas para Quinn, então ela se inclinou para a frente e falou ao ouvido dele.

Ele se virou e sorriu ao vê-la atrás do banco, no seu uniforme de Cheerio. Em qualquer outro contexto, uma saia tão curta significaria que a garota era uma piranha, mas, sendo um uniforme, a roupa parecia pura e antiquada. E sexy. Os cabelos de Quinn estavam presos em um rabo de cavalo, como sempre ficavam durante os treinos, mostrando suas orelhas delicadas e sexy. Puck queria poder colocar uma delas na boca e lambê-la como se fosse um pirulito.

— Pelo quê? Você viu minha jogada? — Ele apertou os olhos contra a luz do sol.

— Não, por ir ao baile com Santana. — A voz de Quinn era formal demais, como se tentasse controlar seu temperamento. — Vocês formam um lindo casal.

Puck secou o suor na sua testa com a blusa de outra pessoa.

— Você já ficou sabendo?

— É claro que fiquei. Santana não parou de falar sobre isso durante todo o treino. — Quinn jogou seu rabo de cavalo sobre o ombro.

Santana havia corrido para o vestiário, onde Quinn e as outras garotas estavam antes do treino, e jogado seus braços ao redor da amiga, mesmo que Quinn houvesse acabado de tirar a camisa e estivesse usando apenas um top. “Ele me convidou!”, gritara Santana, e Quinn ficara feliz por ela durante um segundo — até perceber que “ele” significava *Puck*. O sorriso de satisfação continuou no rosto de Santana durante todo o treino, e sempre que havia um intervalo, Santana dizia algo como “Aposto que ele beija bem” ou “Será que Puck vai me trazer flores?”.

— Ei, você não está realmente com raiva de mim, está? Porque eu vou ao baile? — Puck olhou para Quinn. As bochechas dela estavam vermelhas e brilhantes, por causa do treino ou por ela estar

irritada com ele. O que, Puck precisava confessar, ele gostava. Talvez ela houvesse repensado sua decisão de esperar que o lerdo do Finn tivesse coragem suficiente para convidá-la.

— Pensei que você tivesse dito que não suportava Santana — falou Quinn. Alguns jogadores foram pegar garrafas de água no banco e olharam para Quinn com curiosidade. — Você disse que a voz dela faz sua cabeça querer explodir.

— Mas ela é gata. — Puck deu de ombros, pegando seu capacete no banco. — E está disponível.

— Você é inacreditável. — Quinn tentou desviar o olhar, mas os olhos castanhos dele pareciam segurá-la. Ela sentiu o frio já familiar na barriga; um sentimento que ela nunca tivera perto de Finn, não importasse o quanto desejasse. É impossível fingir certas coisas.

— Eu sou inacreditável? — revidou Puck. — Caso não se lembre, *eu* convidei *você* para ir ao baile comigo. E você recusou, lembra?

Quinn sentiu a raiva crescer dentro dela. Ela sempre tivera um pequeno problema de temperamento. Uma vez, no nono ano, Mindy Johannes deixou cair, acidentalmente, uma gota de esmalte no uniforme de Cheerio de Quinn enquanto fazia suas unhas antes de um jogo e Quinn agarrou o vidro de Pétala Rosa e derramou todo o conteúdo na falsa bolsa Gucci de Mindy. Ela não havia planejado aquilo — sequer pensou enquanto agia. E agora ela se sentia do mesmo jeito. Não importava se Puck estava sendo razoável — isso apenas tornava as coisas piores. Claro que ele estava certo. Quinn havia criado toda aquela situação.

Mas isso não a impediu de querer atingi-lo, de querer tirar aquele sorriso convencido do rosto dele com um tapa. E talvez beijá-lo depois.

— Lembra? — perguntou Puck novamente, aproximando-se. Quinn fechou os olhos. A lembrança do almoxarifado do zelador voltou rapidamente à sua cabeça. Até o cheiro de material de

limpeza era sexy quando envolvia Puck. “Já era”, ela pensou. Esse era o momento em que deixaria Puck beijá-la em público. Na frente do time de futebol inteiro, das Cheerios, de todos. Finn descobriria e talvez pudesse levar Santana ao baile, como um prêmio de consolação, enquanto Puck e Quinn dançariam agarradinhos no ginásio.

— E aí, gente?

Os olhos de Quinn se abriram. Finn aparecera entre eles, dando um tapa nas costas de Puck. Seu rosto parecia tão inocente e honesto que ela sentiu uma pontada de culpa. Então ele se virou para Quinn:

— Acabei de te ver aqui. Seu treino já terminou?

Quinn se esforçou para se concentrar em Finn. Puck se consumia de ciúmes.

— Não, estamos apenas no intervalo. — Ela tocou as costas de Finn com ousadia. — Você estava muito bem.

Finn sorriu timidamente. Ele era o tipo de garoto que sorria com todo o rosto, não somente com os lábios. Ele era um cara legal, Quinn lembrou a si mesma. Ela queria um cara legal, não queria?

— Olha, queria te perguntar uma coisa — começou Finn; então parou. — Você... Você gostaria de ir à festa de Boas-Vindas? Quero dizer, comigo?

Quinn sorriu. Estava acontecendo. Era o que ela esperava. Ainda assim, não conseguiu evitar olhar rapidamente para Puck, que estava com um dos pés no banco e se inclinava para a frente, alongando seu joelho.

— Sim, é claro. Eu adoraria ir com você, Finn.

Puck nem se moveu.

— Legal — disse Finn. — Eu queria te buscar com o carro da minha mãe, mas acho que vamos nos arrumar no vestiário depois do jogo.

— Tudo bem. — Quinn enroscou uma mecha de cabelo no dedo.
— Vou me arrumar na casa da Brit.

— Legal — repetiu Finn. — Então nos encontramos no ginásio? Tipo, às 21 horas?

— Parece perfeito — disse Quinn. Ainda nenhuma reação de Puck. Como ele podia ser tão inabalável? — Você sabe o que também seria perfeito? Se usássemos o ofurô dos meus pais depois da festa. Podemos pegar umas bebidas.

Quinn não acreditava no que estava fazendo. Ela nunca fora tão sugestiva. Os garotos já tinham a mente suja o bastante — era um dever das garotas mantê-los na linha. E ali estava ela, praticamente se jogando em Finn.

Mas valeu a pena. Ela viu Puck olhando para eles. E ele parecia furioso. Como se quisesse socar alguma coisa, ou alguém.

— Parece perfeito. — Finn estava, compreensivelmente, empolgado. Quinn Fabray, convidando-o para dividir um ofurô? A festa seria ótima, mas o ofurô... Seria mais do que ótimo.

— Ótimo. — A treinadora Sylvester apitou e Quinn deu alguns passos para trás, sobre a grama. Ela acenou com os dedos para Finn, ignorando Puck completamente. — Preciso voltar ao trabalho agora.

Quando se virou, sentiu que Puck e Finn olhavam para ela. Ela os tinha exatamente onde queria. Puck poderia até ir ao baile com Santana, mas estaria pensando em Quinn.

vinte

Corredor do colégio McKinley,
quarta-feira pela manhã

— Quer beber alguma coisa? — perguntou Kurt, parando ao lado do armário aberto de Mercedes. Ela passava um gloss sabor uva enquanto se olhava no espelhinho do armário. — Minha beleza não descansou o suficiente essa noite.

Mercedes checkou a hora no celular.

— Deus abençoe o Sr. Horn. — A primeira aula era com o professor notoriamente preguiçoso. Ele havia fumado tanta maconha nos anos 1970 que viajava regularmente durante as aulas, deixando os alunos irem e virem, desde que prometessem agir “pacificamente”. Ele tinha uma dessas correntes feitas de papel pendurada embaixo da mesa; as argolas representavam os dias que faltavam para sua aposentadoria, e todos os dias ele arrancava uma delas e a jogava no lixo. Ele fora eleito Professor do Ano por quatro vezes seguidas.

— Preciso de um pouco de cafeína. — Kurt olhou seu reflexo no vidro da sala da Srta. Pillsbury quando passaram e ajeitou o cabelo.

— Meu charme foi seriamente comprometido.

— O meu também. Seriamente.

— Bom trabalho no show! — Um enorme jogador de futebol americano bateu amigavelmente seu ombro contra Kurt, jogando-o numa fila de armários. — Vocês arrasaram.

— Obrigado — resmungou Kurt, ajeitando-se. Ele estava irritado com Rachel por dar a eles mais uma razão para serem sacaneados.

— Eu preferia quando simplesmente me jogavam na lixeira sem motivo. Odeio que eles tenham um motivo específico para me odiar.

Mercedes ajeitou o colarinho de Kurt.

— As pessoas não têm outro assunto? Não somos tão interessantes assim.

— Não sei. Tenho a sensação de que conseguíamos disfarçar nossa nerdice, mas a presença de Rachel no Glee trouxe tudo à tona. — Era verdade. Rachel parecia saber irritar todo o mundo.

— Eu sabia que isso aconteceria. — Mercedes parou antes de dizer “Eu te avisei”, mas era o que ela pensava. — Rachel é apenas uma diva que nunca se importou com nenhum de nós.

Eles chegaram à lanchonete, uma parte do refeitório que estava sempre aberta, para doses rápidas e urgentes de açúcar e de cafeína. Os movimentos que aconteciam nas escolas públicas por um cardápio com menos comida processada e açúcar eram ignorados em Lima, onde os alunos eram fortemente afeiçoados a raspadinhas (infelizmente para os nerds).

Kurt assentiu vagorosamente enquanto passava pela máquina de raspadinha — com seu ruído odioso — e pela longa fila de enormes copos de plástico ao lado.

— Talvez tenha sido um erro convidá-la para o clube. Ela enlouqueceu todo mundo — disse Kurt.

Ainda assim, ele se sentia culpado pela situação. Chamar Rachel para o Glee tinha sido ideia dele, mas Kurt não estava totalmente

convencido de que fora um erro. Uma vez, quando era criança, ele passara as férias em um acampamento de tênis em Nova York; seu pai queria que o filho tivesse alguma habilidade esportiva e Kurt tinha expressado certo interesse pelo tênis após ver algumas fotos antigas de tenistas vestindo shorts brancos e curtos. Seu instrutor, um adolescente alto chamado Stefan, com cabelos dourados e um saque de esquerda que parecia uma onda no mar, insistira que ele jogasse com meninos acima do seu nível. “É o jeito mais rápido de melhorar”, havia dito Stefan enquanto erguia sua raquete no ar e lançava a bola sobre a rede. Kurt poderia assisti-lo jogar o dia inteiro. De qualquer forma, Rachel realmente fez com que os outros quisessem melhorar.

— Mas eu ainda acho... — continuou Kurt.

— Não. — Mercedes estava inflexível. Ela se inclinou para examinar um muffin de amora enrolado em papel celofane. — Acabou.

— Bom-dia, colégio McKinley! — Houve um ruído de estática antes da voz de Rachel surgir através dos alto-falantes.

— Basta falar no diabo e ele aparece — sussurrou Mercedes, movendo as pontas dos dedos em um gesto assombrado.

Kurt pegou um copo de plástico. Havia um desenho de um copo de plástico nele, o que Kurt sempre achou bizarramente metalinguístico. Ele sabia que era um copo. Era por isso que ele o enchia com bebidas em primeiro lugar.

A voz de Rachel continuou:

— Parabéns ao time de futebol feminino, que acabou com o Maryvale Flyers com uma goleada de cinco a um. Um lembrete aos membros do Clube de Francês: haverá uma reunião na sala da Madame Smith após as aulas. Ela levará baguetes e *chocolat*.

Mercedes revirou os olhos quando Rachel começou a cantar “Wednesday Week”, de Elvis Costello. Onde ela conseguira esse

gosto musical tão terrível? A última coisa que Mercedes queria era ouvir Rachel tagarelando. Era um castigo estranho e cruel. Talvez ela escrevesse uma carta de protesto ao diretor Figgins durante a aula do Sr. Horn. Até a Sra. Applethorpe era melhor que Rachel.

— Agora, tenho algo pessoal a dizer — anunciou a voz desencarnada de Rachel.

— Essa garota é demais para mim. — Mercedes colocou as mãos sobre os ouvidos.

— Se ela disser algo sobre sua menstruação, vou desmaiar — disse Kurt enquanto apertava o botão “Cola Diet” na gigantesca máquina preta que cuspi refrigerantes.

— Eu gostaria apenas de aproveitar esse tempo para pedir desculpas aos alunos do clube Glee. Eu estava errada. Gostaria de dar a todos vocês o meu prêmio Estrela de Ouro da Semana, por serem cantores talentosos e pessoas boas.

Mercedes puxou uma das suas orelhas como se algo estivesse errado com sua audição.

— Ela disse o que eu acho que ouvi?

Kurt assentiu, em choque.

— Eu também ouvi. — Ele achava que Rachel Berry era o tipo de garota que nunca admitia estar errada. Ele podia imaginá-la brigando durante uma partida de *Perfil* e afirmando que era mais inteligente que os criadores do jogo.

Rachel continuou:

— Espero que possamos passar por cima das nossas diferenças criativas e espero vê-los no baile de Boas-Vindas. Tenham uma ótima quarta-feira, pessoal!

Kurt e Mercedes se olharam.

— Isso foi estranhamente legal da parte de Rachel — disse Kurt enquanto puxava uma nota de 5 dólares do bolso.

— Eu sei. É esquisito. Ela é tão egoísta que eu nem sabia se era capaz de perceber que magoou outras pessoas — disse Mercedes.

Kurt enfiou o troco em um dos bolsos da sua pasta de couro, pendurando-a no ombro.

— Você também está reconsiderando ir à festa de BoasVindas? — perguntou enquanto entravam no corredor.

Mercedes parou de desembrulhar o muffin de amora. Seu coração batia mais rápido.

— Por quê? Você está?

Kurt deu de ombros casualmente.

— Talvez. Quero dizer, se você estiver disposta a me acompanhar. — Ele já podia se imaginar entrando no ginásio no seu maravilhoso terno Tom Ford cinza. Todos olhariam para ele, se perguntando como ele conseguia ter tão bom gosto. E os sapatos! Ele precisava encontrar um par de sapatos que fizesse jus ao terno. Compras hoje.

— Tudo bem. — Mercedes tentou responder casualmente, mas podia sentir a empolgação crescendo na sua garganta. Kurt havia acabado de convidá-la para o baile. Era incrível. Ele gostava dela! Agora ela só precisava encontrar alguma coisa para vestir. — Mercado.

Quem sabe um dos planos de Rachel tivesse um resultado positivo, afinal.

vinte e um

Ginásio do colégio McKinley,
quinta-feira após as aulas

Na quinta-feira, o comitê de decoração realizava sua segunda e última reunião no ginásio. As Cheerios e as garotas que queriam ser Cheerios correram pelo ginásio por vinte minutos, juntando seus trabalhos — e o resultado era terrível. O ginásio parecia exatamente um ginásio. Alguém havia decorado os aros das cestas de basquete com papéis dourados, deixando-os parecidos com aqueles assentos fofos que as avós sempre colocavam nos seus vasos sanitários. Outra pessoa — talvez Brittany — tinha pendurado letras gigantes nos tatames da parede, que diziam “Boas-Vidas”. Uma palmeira aleatória feita de papel machê fora colocada em um dos cantos.

— Está horrível — anunciou Santana Lopez com desânimo. Ela não tivera tempo para fazer sua parte, mas a culpa não havia sido dela. Primeiro, ficara se perguntando ansiosamente se Puck a convidaria para o baile. Ela ficara tão nervosa que não conseguira comer outra coisa além de batatas fritas. Então, depois que ele

finalmente a convidou, havia tanta coisa no que pensar — qual vestido comprar, quais brincos roubar da Macy's, qual lingerie usar — que ela ignorara completamente o projeto de decoração, esperando que os outros dessem conta da sua parte.

Mas todos se distraíram da mesma forma e, conseqüentemente, nada substancial fora feito para disfarçar a cara de ginásio daquele ginásio. Kirsten Niedenhoffer pressionava suas têmporas como se sentisse que uma enxaqueca se aproximava.

— Quem ficou responsável pelo palco da coroação? — perguntou ela. A plataforma baixa em uma das extremidades do auditório fora decorada com papel metálico dourado. Na parte de trás havia um arco branco com trepadeiras que certamente fora roubado de algum jardim. — Parece a decoração de um casamento barato.

As garotas se entreolharam desconfortavelmente.

— Desculpe, mas a treinadora Sylvester exigiu tanto de nós durante a semana que simplesmente não tivemos energia para fazer mais nada — disse uma delas.

— E nós estávamos ocupadas vendendo votos para os prêmios de rei e rainha da festa. — Uma garota chamada Annie olhou para o palco, ansiando por ganhar. — Deu muito trabalho.

— Eu comprei um vestido curtinho e rosa-shocking, com um corpete preto, e ele vai ficar horrível ao lado dessa decoração horrorosa — choramingou Brittany. — Ela vai fazer meu vestido parecer barato.

— O vestido *sozinho* já parece barato — sussurrou alguém, mas Brittany não ouviu.

— O que vamos fazer? — perguntou Santana. Não era justo que seu primeiro encontro com Puck acontecesse num ginásio cafona. Não era nada romântico. Ela planejava ficar com Puck no banco de trás do carro dele, mas como entrariam no clima se o ginásio parecesse mais uma quadra de queimado do que um lugar mágico?

Como que em resposta àquela pergunta, Tina apareceu na entrada, vestindo uma blusa listrada de cinza e preto que deixava um ombro exposto sobre uma legging preta. Com um braço, segurava um saco preto cheio; com o outro, puxava um segundo, igualmente cheio. O saco fazia barulho ao ser arrastado contra as tábuas de madeira do chão. Todos se viraram para olhá-la.

— Quem deixou uma mendiga entrar na escola? — perguntou Santana, fazendo com que as outras meninas rissem. Na verdade, elas nunca poderiam ter deixado alguém como essa garota, Tina, vir à reunião. Provavelmente jogaram uma bebida no rosto dela no corredor e agora ela faria alguma loucura estilo *Carrie, a estranha*, tipo jogar absorventes por todo o ginásio.

— Você trouxe um pouco de lixo para a decoração? — perguntou Kirsten quando Tina se aproximou. — É assim que vocês fazem na sua casa?

— Não é l-l-lixo. — Tina colocou o saco de lixo no chão, cuidadosamente, e abriu um deles. Dentro, havia dúzias, ou melhor, centenas de lindas estrelas douradas e brilhantes. — Eu apenas levei algumas coisas para casa e trabalhei nelas.

O queixo de Santana praticamente caiu no chão.

— Elas são fantásticas. — Ela pegou uma do topo da pilha. — O que você fez?

Tina deu de ombros.

— Apenas peguei as estrelas velhas e pinte-as com uma tinta dourada em spray. — Ela pegou uma estrela e a segurou pelo fio transparente que estava preso em uma das pontas. — Acho que eu vi alguns fios nas caixas. Podíamos prendê-los pelo ginásio, formando uma teia, e distribuir as estrelas.

Todos imaginaram o ginásio com uma iluminação fraca e repleto de estrelas brilhantes penduradas sobre suas cabeças enquanto dançavam uma música lenta.

— Ficaria realmente maravilhoso — admitiu Kirsten.

— Eu sei — disse Tina com uma confiança atípica. Duas garotas já rasgavam os sacos, separando as estrelas por tamanho. Tina se virou para Santana. — Aliás, seu pequeno trote com a máquina de fumaça foi bem baixo. A gente queria apenas se apresentar.

Santana estreitou os olhos.

— Então, é isso? Essas estrelas douradas foram mergulhadas em arsênico ou algo parecido?

Tina revirou os olhos.

— Não, eu trabalhei nessas estrelas para mostrar a você o que significa estar acima de tudo isso. — Ela sorriu, confiante. — Além disso, a não ser que você planeje lambê-las, o arsênico não faria muito efeito.

Kirsten cheirou a estrela que estava segurando. Não parecia envenenada.

— Foi realmente legal da sua parte — disse com apenas um pouco de sarcasmo. Ao mesmo tempo em que não poderia deixar essa garota gótica e perdedora insultar suas colegas, Kirsten sabia que o comitê precisava das estrelas para o baile. Aquela palmeira no canto não resolveria o problema.

— Além disso — disse Tina, com as mãos na cintura —, vocês não têm *nenhuma* habilidade artística. E escreveram “Boas-Vindas” errado outra vez. — Tina sorriu para todas, orgulhosamente. Ela não sorria daquele jeito desde que colocara aparelho nos dentes, no sétimo ano.

Novamente, todas ficaram de boca aberta. Tina sentiu orgulho de si mesma. Dessa vez, ela havia confrontado as Cheerios e nem gaguejara. E agora... Todas olhavam para ela, aguardando mais instruções. *Dela*.

— Por que vocês não pegam aquelas escadas e começam a prender os fios pelo ginásio? Eu tenho mais dois sacos com estrelas

no carro — completou ela.

Tina deixou o auditório sentindo todo o seu corpo formigar. Ela havia conseguido! Dissera às Cheerios o que deveriam fazer e elas estavam fazendo. Ela precisava contar aquilo para Artie. Ele também havia ficado até mais tarde na escola, para trabalhar no jornal — ele estava escrevendo um artigo sobre o acesso ao elevador da escola. Em vez de seguir em direção ao estacionamento, Tina foi até a sala de redação.

Pela janela de vidro, ela viu Artie em frente a um computador, digitando. Tina bateu com o punho no vidro e ele olhou na sua direção. Ele estava totalmente fofo no seu suéter com estampa de losangos e uma blusa social de manga curta. Seus cabelos castanhos desgrenhados precisavam desesperadamente de um corte. Ele se aproximou.

— Ei — disse, abrindo a porta e indo em direção ao corredor. — Achei que você estaria decorando o ginásio.

— Eu precisei buscar outro saco de estrelas no carro. — Tina sentiu seu rosto se ruborizar. Ela estava um pouco envergonhada por correr até ali apenas para contar a Artie o que acontecera.

— Elas gostaram? — perguntou Artie. Enquanto conversavam durante a aula de álgebra, ela dissera que estava nervosa sobre aparecer na reunião do comitê. Ele fechou os punhos e simulou um soco no ar. — Você mostrou a elas quem é que manda?

Tina sorriu.

— Mais ou menos. Eu mostrei as estrelas e elas quase desmaiaram. — Ela riu ao se lembrar. — Depois eu d-d-disse que a decoração delas era péssima e que o trote tinha sido idiota. E, então, comecei a dar ordens.

— Isso é incrível! — Artie estava realmente orgulhoso dela. Tina era uma das pessoas mais legais que ele conhecia e o entristecia vê-

la deixar que os outros a maltratassem. — Eu queria ter visto a cara delas.

— Ao menos você pode ver a decoração. — Ela olhou para ele, envergonhada. — Quero dizer, se você for ao baile.

— Eu acho que Rachel estava certa. — Artie bateu com os dedos contra as rodas da sua cadeira. — Quero dizer, quando disse que não devemos deixar que os garotos populares digam aonde podemos ou não ir.

— Você quer ir?

— Definitivamente. — Artie se sentiu nervoso subitamente. Ele realmente iria a uma festa da escola? Ele pensou no que Tina vestiria: algo preto, sem dúvida, e muito bonito. Ele ainda não queria que Tina fosse embora. — E sobre Rachel? Você engoliu o pedido de desculpas dela?

Tina mordeu a bochecha por dentro.

— Sim, acho que talvez ela não seja tão r-r-ruim quanto parece.

— Acho que o pior que ela fez foi ter fé no nosso potencial — disse Artie, olhando para o chão. — Não é tão ruim.

Tina sorriu, envergonhada.

— Acho que podemos perdoá-la.

— Os nerds precisam ficar juntos — completou Artie.

Ela nem se incomodou em ser chamada de nerd por Artie. Ele fazia aquilo parecer um elogio.

vinte e dois

Casa de Quinn, sexta-feira à noite

— **É** lindo, querida — disse a mãe de Quinn, Judy, tocando o vestido de Quinn para a festa de Boas-Vindas enquanto segurava, com a outra mão, a usual taça de vinho tinto que bebia antes de dormir. O vestido estava pendurado em um cabide na porta do closet de Quinn e havia sido comprado no último final de semana numa pequena loja em Dayton, antes mesmo de Finn a convidar para a festa. — Ele me lembra o vestido que usei no meu baile de debutante. Quando eu vestia o seu tamanho.

Quinn observou o vestido, mantendo-se diante da penteadeira; era *realmente* adorável. Ele era amarelo-claro, tinha uma fita abaixo do busto, um decote em formato de coração e uma saia de seda que se armava, continuando até a altura dos joelhos. Era incrivelmente feminino e elegante, mas havia algo inegavelmente sexy nele. Quinn Fabray havia dominado a arte de parecer pura e, ao mesmo tempo, enlouquecer os garotos. As tiras finas, compostas por fitas de um tom amarelo pálido, pareciam inocentemente sedutoras contra sua

pele. Ela soube, assim que olhou para o vestido, que ele era perfeito. A maioria das garotas do colégio costumava exagerar na sensualidade dos seus vestidos, que eram sempre muito curtos e prometiam demais. Mas Quinn sabia que, para realmente atíçar os garotos, precisava parecer o mais pura possível — para deixá-los imaginando o que seria necessário para corrompê-la. O vestido, ela sabia, enlouqueceria Puck.

No entanto, ela iria à festa com Finn.

— Me fale sobre esse garoto, Finn, querida. — A mãe de Quinn afundou em uma das pontas da cama queen-size da filha. Ela empurrou para o lado o urso de pelúcia com o qual Quinn dormia. — Seu pai vai gostar dele?

Quinn se virou no banco da sua penteadeira e olhou seu reflexo no espelho.

— E o papai gosta de *alguém*? — perguntou Quinn, olhando para sua mãe pelo espelho. O pai tolerava os namorados, mas nunca “gostava” realmente deles. Ele só passou a chamar o namorado da sua irmã mais velha, Frannie, pelo primeiro nome quando eles ficaram noivos. Finn, um quarterback bonito e alto seria, definitivamente, tolerado pelo seu pai. Ainda que Finn às vezes fosse um pouco estranho e conversasse com os nerds e os perdedores da escola um pouco mais do que o estritamente necessário, ele era, superficialmente, o tipo de garoto que seu pai poderia, relutantemente, aprovar.

Puck, com o moicano, calças jeans rasgadas e aquela atitude insolente estampada no rosto, não passaria da porta de entrada da mansão no estilo Tudor dos Fabray. Havia “Perigo” escrito na sua testa e o Sr. Fabray o olharia uma única vez e chamaria a polícia.

— Ele ama *você*, querida. — A mãe de Quinn se levantou e andou até a filha. Seus sapatos, altos com sempre, criaram marcas

leves sobre o grosso carpete creme de Quinn. — Ele só quer que você seja feliz.

— Eu sei. — Quinn observou o próprio rosto no espelho por tanto tempo que seu reflexo já não parecia com ela. Seus cabelos dourados ainda tinham mechas mais claras como consequência de um verão cheio de aulas de tênis no clube e tardes na piscina da cidade, onde todos os garotos bonitos nadavam e praticavam seus saltos. Ela tentou imaginar essa garota sendo coroada rainha do baile de Boas-Vindas, em um lindo vestido creme que realçava seu bronzeado. Era isso o que ela queria. Estar no palco, ao lado de Finn, seu par. — Eu estou. Feliz, quero dizer.

— Ótimo. — Sua mãe a beijou no topo da cabeça. — Você será uma linda rainha. — Quinn observou o reflexo da sua mãe enquanto ela desaparecia pela porta.

Então, colocou uma música da Lady Gaga no seu iPod, para ouvi-la enquanto escovava os dentes. Ela sentia pena das adolescentes que cresceram sem o próprio banheiro. Nunca alguém reclamou que ela demorava muito no banho ou se irritou enquanto tomava um luxuoso banho de espuma. Mas, às vezes, seu quarto e seu banheiro enormes a faziam se sentir sozinha. Ela pensou em convidar Santana, mas percebeu que não conseguiria mais ouvir seus planos sobre até onde deixaria Puck chegar.

Quinn, sem muito ânimo, fez seu habitual tratamento facial, com os melhores e mais caros produtos suecos que sua mãe importava porque ainda não haviam sido oficialmente aprovados nos Estados Unidos. Sua mãe sempre afirmava que o momento de tratar as rugas era antes que elas aparecessem.

Enquanto escovava os dentes, Quinn tentou se imaginar sendo coroada rainha da festa no dia seguinte. Ela provavelmente venceria — algumas das Cheerios já haviam olhado os votos e disseram que nem haveria competição. E Finn estaria no palco com ela. Perfeito.

Ela usaria sua sandália prateada com tiras e um salto de sete centímetros, mais alto do que costumava usar, para não parecer pequena demais ao lado dele.

Após vestir seu pijama branco de seda, não conseguia deixar de pensar em como seria dançar tendo as mãos fortes e quentes de Puck na sua cintura. Ela levantou o pesado edredom e subiu na cama, imaginando como seria ir ao baile com Puck. As pessoas ficariam chocadas ao ver Quinn com um garoto com a reputação de Puck. Mesmo que nada acontecesse entre eles, rolariam muitas fofocas. Quinn nunca mais seria a pura garota de ouro.

Mas seu rosto ficou quente quando ela pensou nele vestindo um terno.

Quando estava prestes a dormir, seu telefone tocou sobre a cabeceira. Ela levantou a máscara de dormir e o olhou. "Olhe para a rua", dizia uma mensagem de texto. E o número era de Puck.

Ela estava sonhando? Quinn se endireitou sobre a cama. Ela meio que desejou estar dormindo. Jogou as cobertas para um lado e abriu as cortinas. Na rua, logo após sua garagem, um pouco escondido entre os carvalhos centenários que se alinhavam diante do jardim dos Fabray, havia uma Chevrolet Suburban.

Quinn respirou fundo. O que Puck estava fazendo? Se o pai dela visse um adolescente de moicano na frente da casa deles, ela teria sorte se ele apenas chamasse a polícia. Puck precisava sair dali.

Rapidamente, com o coração batendo forte, Quinn calçou um par de sapatilhas pretas e abriu a porta. No corredor, a porta do quarto dos seus pais estava fechada e ela podia ouvir o monólogo de Jay Leno. E os roncos profundos do seu pai. Perfeito. Ela desceu silenciosamente a escada dos fundos, sem ter certeza de por que tomava tanto cuidado. Afinal, ela estava apenas indo ao andar inferior. Se alguém perguntasse, ela não conseguira dormir e pensou em beber um copo de leite morno.

Quinn ficou surpresa ao descobrir como era fácil simplesmente sair da sua casa. Quando ela pisou na varanda, ficou novamente surpresa, dessa vez por causa do brilho da lua. Grilos cantavam barulhentos nos arbustos. A noite estava fria, mas não muito, e o ar parecia surpreendentemente fresco. Seus sapatos quase não fizeram barulho no asfalto enquanto ela caminhava até depois da entrada da garagem. Ela abriu a porta do passageiro do carro de Puck e deslizou sobre o assento.

— O que você está fazendo aqui?! — chiou, parecendo mais irritada do que realmente estava. Na verdade, não estava nem um pouco irritada.

Puck parecia saber disso. Ele umedeceu os lábios enquanto se inclinava contra sua porta e olhava para Quinn.

— Você não me respondeu. Achei que não viesse.

— Então por que não foi embora? — perguntou ela. O carro cheirava ligeiramente a fumaça e a desodorizante para carros. Uma música velha do Neil Diamond tocava no rádio. O carro estava surpreendentemente limpo; ela esperava encontrar embalagens de fast-food e latas vazias de Red Bull. — E o que você está ouvindo?

— Desculpe. — Puck mudou a estação. Surgiu uma música de Billy Joel, que era um pouco melhor. — Belo pijama. — Ele tocou no joelho de Quinn.

Ela se sentiu como se houvesse sido eletrocutada. Talvez fosse o pijama de seda. Mas, mesmo quando caminhava com ele sobre os carpetes da sua casa e depois tocava na sua gata, a Srta. Cleo, ela não sentia choques de estática. Ela se afastou dele.

— Sério, Puck. O que está fazendo aqui? — Ela tirou os cabelos do rosto. — O que você acha que aconteceria se meu pai te visse aqui? Ou Finn? — Esse pensamento trouxe outro tipo de arrepio. Ela não queria magoar Finn, independentemente do que acontecesse.

— Eu só queria conversar. — Ele usava uma camisa com gola em V, preta e com duas listras cinzentas nas laterais, e parecia ter feito a barba. Seu queixo parecia macio e perfeito para ser beijado.

Quinn se sentiu caindo em tentação novamente. Ela esfregou os braços, mesmo não estando com frio. Na verdade, a temperatura estava realmente agradável na caminhonete. Talvez porque estivesse tão perto de Puck. Ela tentou não pensar no que tinha acontecido na última vez.

— Tá, eu já ouvi isso antes.

— O que eu posso fazer se você está loucamente a fim de mim?
— Puck sorriu para ela. Ele tinha os cílios mais longos que ela já vira em um garoto. As janelas do carro começavam a se embaçar lentamente por causa da respiração deles.

Quinn tentou abrir a porta, mas Puck se inclinou e segurou seu braço.

— Não vá. Eu estava brincando.

— Então, fale. — Quinn tentou não olhar nos olhos de Puck. Era muito fácil ficar presa a eles. Como se ele fosse um tipo de hipnotizador maluco e tudo o que precisasse fazer fosse enclausurá-la em um espaço pequeno e olhá-la profundamente nos olhos e, então, ela seguiria na sua direção tão facilmente quanto um gatinho. Em vez disso, ela olhou para a testa dele. O que diabos acontecia com ele? Ou com ela? Ela estava tão acostumada a estar no controle quando se tratava de falar com garotos. Ela *gostava* de dizer não para eles. Era algo que vinha naturalmente, e era extremamente prazeroso.

Puck limpou a garganta.

— Eu quero esclarecer as coisas com Finn.

Os olhos castanhos de Quinn se arregalaram.

— “Esclarecer” o quê?

— Isso. Sobre nós. — Puck havia preparado um discurso durante o caminho, mas não conseguia pensar direito tendo Quinn tão perto dele. E seu pijama de seda sexy, como aquelas mulheres ricas que moram em hotéis usariam. Seu rosto estava totalmente sem maquiagem e ela cheirava a peras e a pasta de dente. — Vá à festa comigo. Eu danço muito melhor do que Finn, de qualquer forma.

Quinn olhou para o retrovisor. Era o único jeito de não se derreter com as palavras de Puck. Ela podia ver a caixa de correio do seu vizinho, o Sr. Lipanski, e pensou no que aconteceria se ele levasse seu boston terrier, Winston, para dar uma volta e visse Quinn sentada no carro de um garoto estranho. Ele diria alguma coisa ao seu pai? Provavelmente, não. Ela tinha a sensação de que o Sr. Lipanski não gostava do seu pai.

— Não posso ir com você. — Seus olhos se focaram na luz da varanda do Sr. Lipanski. — Você vai com Santana, lembra?

— Eu desmarco com ela. — Uma mecha dos cabelos de Quinn caiu sobre o rosto, formando uma cortina e escondendo seu rosto. Com seu polegar, Puck colocou-os atrás da orelha dela. Sua mão continuou no pescoço de Quinn por um tempo.

— Ela é minha amiga. Eu nunca faria isso com ela. — Quinn fechou os olhos. Sua voz soou estranha, até mesmo para ela. Uma música da banda Journey começou a tocar no rádio e nenhum deles se moveu para trocar a estação. Puck acariciava o queixo de Quinn, e era tão bom que ela não conseguia afastá-lo. Não ainda. — Nem com Finn. Ele é um cara legal. — Puck cheirava a creme de barbear.

— Precisamos fazer alguma coisa — disse Puck, sentindo o perfume dos cabelos de Quinn. — Eu não aguento mais isso.

Quinn se viu alcançando as mãos de Puck. Parte dela queria pedir a ele que rezasse com ela. Foi o que a esposa do pastor ensinou às garotas no grupo de jovens a fazer quando achassem

que as coisas estavam indo rápido demais. Mas Puck nem a beijara ainda.

— Não aguenta o quê?

Puck tocou a bochecha dela com o nariz.

— Não ficar com você. Está me enlouquecendo. — Sua voz era profunda e quente na orelha de Quinn. Os minúsculos fios de cabelo na sua nuca se arrepiaram.

Quinn sabia que deveria voltar para o seu quarto. Ela precisava sair do carro, entrar sorratamente em casa, tomar um copo de leite e ir para a cama. Esquecer que tudo isso acontecera. Talvez conseguisse se convencer de que fora um sonho. Parecia um sonho — igual a um que ela tinha desde que começou a pensar em Puck dessa maneira.

— Não há nada que possamos fazer. Simplesmente não existe nenhuma forma disso dar certo — disse ela após empurrá-lo.

Puck esfregou as mãos contra os olhos, parecendo cansado. Se ele dissesse alguma coisa — qualquer coisa — o feitiço poderia ser quebrado. Mas ele apenas continuou ali, olhando para o rádio do carro, ouvindo a música. Ele não se afastou de Quinn, e ela podia sentir o calor do corpo dele. Por que os garotos sempre emanavam tanto calor? Era a testosterona?

Antes mesmo de falar, ela sabia que aquilo era um erro, mas não conseguia se imaginar voltando para casa, subindo as escadas que levavam ao seu quarto silencioso e dormindo na sua gigante cama vazia. Não quando Puck estava tão perto dela, emanando calor suficiente para acender uma fogueira.

E ela sabia que era um erro pronunciar aquelas palavras, mas não conseguiu controlá-las enquanto saíam da sua boca. Era verdade que nunca daria certo com Puck, por um milhão de razões. Mas também era verdade que ela não conseguia se imaginar saindo do carro dele sem sentir mais uma vez o toque dos seus lábios.

— O que você acha de um último beijo, para terminarmos? — perguntou, finalmente olhando nos olhos dele.

Quase antes que ela terminasse a frase, ele a beijou. Uma das suas mãos deslizou pela nuca de Quinn, puxando-a na sua direção. Ela se esqueceu do que os vizinhos poderiam ver, o que seus pais poderiam pensar ou em como Finn e Santana poderiam se sentir se soubessem o que estava acontecendo naquele momento.

Em vez disso, pensou apenas em Puck e em como era bom sentir suas mãos e seus lábios no seu corpo. Então, de repente, tudo ficou fácil.

vinte e três

Ginásio do colégio McKinley,
sexta-feira à noite, baile de Boas-Vindas

Como todos esperavam, o time de futebol americano do colégio McKinley perdeu para o Central Valley de 18 a 6 no jogo das festividades de Boas-Vindas de sexta-feira, mas isso não afetou o ânimo dos alunos conforme chegavam à festa. O ginásio estava lindo, como um lugar mágico e estrelado. As luzes estavam fracas, e enormes estrelas douradas balançavam em fios de arame esticados pelo ginásio, seu brilho cintilando enquanto se moviam e oscilavam, como estrelas reais piscando no céu da noite.

A música saía do sistema de som, e um DJ meio desleixado comandava a sequência de músicas. Todos os alunos estavam com suas melhores roupas. O lugar estava cheio de garotos vestindo ternos ou blazers e garotas com vestidos de cores vibrantes e sapatos bem altos que estalavam delicadamente contra o chão. Alguns adultos responsáveis pela festa estavam agrupados em torno de uma longa mesa do refeitório, sob uma das cestas de basquete,

onde ponche e biscoitos haviam sido distribuídos em bandejas elegantes.

Rachel Berry estava sentada na arquibancada, esperando ansiosamente. Ela usava um vestido sem alças azul-esverdeado com uma saia em camadas e uma faixa preta na cintura. Seus sapatos pretos, com saltos baixos e abertos na frente, batiam contra o chão de madeira, revelando seu nervosismo. Ela chegara ao baile assim que ele começou, ansiosa para descobrir se seu pedido de desculpas fora o suficiente para os integrantes do Glee aparecerem. Ela queria que seu plano funcionasse perfeitamente, mas não era algo que pudesse fazer sozinha.

— Você está encantadora essa noite. — Jacob parou na frente de Rachel. Ele vestia um blazer azul-marinho e uma calça marrom apertada que estava alguns centímetros curta demais. Ele usava também uma gravata estampada marrom e cor-de-rosa, presa com uma firmeza desnecessária ao seu pescoço, cujo formato fez Rachel se lembrar dos desenhos de espermatozoides no seu livro de biologia.

— Obrigada pelo elogio, Jacob, mas não vou dançar com você outra vez. — Ela havia concordado em dançar com ele na festa de Fim de Ano no ano anterior, apenas porque ninguém mais a convidara, e as mãos de Jacob insistiram em ir um pouco além dos lugares permitidos. — Da última vez, você praticamente me apalpou no meio do salão. — Ele também havia deixado marcas das suas mãos suadas no vestido dela, mas Rachel achou que seria um golpe baixo demais mencionar isso.

— E se eu prometer deixar minhas mãos acima da linha do equador dessa vez? — Gotas de suor começavam a se formar na testa dele.

— Não — repetiu Rachel. Havia algum tipo de comoção na porta e Rachel tentou ver o que estava acontecendo. A multidão se dividiu

e Finn Hudson surgiu de braços dados com Quinn Fabray. Rachel sentiu o fôlego ficar preso na garganta. Finn usava um terno azul-marinho e uma blusa social azul-clara. Sua gravata tinha listras diagonais nos tons azul-escuro e amarelo. Ele estava incrivelmente bonito, todo arrumado, e parecia apenas um pouco desconfortável. Quinn, ao seu lado, parecia uma princesa dos contos de fada, no seu vestido amarelo-claro que combinava com a gravata de Finn. Esse pequeno detalhe quase partiu o coração de Rachel. O cabelo louro de Quinn caía sobre seus ombros em cachos soltos; perfeitos para receberem uma coroa.

— Se você tem acompanhado meu blog, sabe que as pesquisas praticamente confirmam que Finn Hudson e Quinn Fabray serão coroados rei e rainha hoje à noite. — Jacob ajustou os óculos sobre seu nariz.

Rachel não precisava do blog idiota de Jacob. O fato era evidente pela forma como todos olhavam para o casal de ouro, sentindo inveja enquanto Quinn segurava Finn pela mão e o levava até o meio do salão. Quinn tinha um sorriso de Miss América congelado no rosto, que brilhava diante de tanta atenção. Finn não poderia gostar realmente de Quinn, poderia? Ela *realmente* estava deslumbrante, mas era tão má e mandona...

Finn era muito mais profundo que isso — ou, ao menos, Rachel pensava que fosse. Esperava que fosse.

Enquanto Rachel assistia a Finn e Quinn dançarem, Artie e Tina entraram, chamando bem menos atenção. O pai de Artie buscara Tina em sua van acessível para cadeirantes e havia levado os dois à escola, mas ela não estava totalmente certa de que isso poderia ser definido como um encontro. Artie dissera que ela estava bonita quando Tina entrou no carro, mas o pai dele estava junto, então não foi exatamente romântico. Ela havia pegado um vestido da sua irmã emprestado — curto, preto e com mangas transparentes

esvoaçantes — e polido suas botas altas Doc Martens até elas brilharem.

— Você fez isso? — perguntou Artie, olhando com admiração o céu de estrelas sobre sua cabeça. — Ficou maravilhoso, como se estivéssemos em um filme.

Tina olhou para todas as estrelas. Ela havia feito algumas pequenas e médias, que estavam penduradas aleatoriamente nas cordas para parecerem grupos de estrelas que haviam caído sobre a Terra.

— Você gostou mesmo?

— Está brincando? Você poderia ser cenógrafa e trabalhar no cinema ou algo assim. — Artie ajustou sua gravata. Ele se sentia um pouco estranho no seu terno preto, como se fosse a um funeral. Sua mãe havia comprado para ele uma nova camisa social azul-escura da Ralph Lauren no shopping, onde ele detestava ir porque as pessoas sempre o olhavam como se estivesse atrapalhando a passagem. — Isso é... mágico.

Tina ficou vermelha. Ela estava realmente orgulhosa do seu trabalho e era legal ouvir os elogios de Artie. Ela ia dizer alguma coisa — havia esquecido de falar que ele também estava bonito — quando Rachel correu em direção a eles, destruindo o momento.

— Tina, a decoração está magnífica. — Rachel sorriu para Artie e Tina. Ela estava verdadeiramente feliz em vê-los. — Estou lisonjeada e honrada por você escolher minhas estrelas douradas características como inspiração para esse trabalho incrível. — Ela parou de falar subitamente. — Quero dizer, ao menos em parte.

Artie e Tina se olharam. Era impossível continuarem chateados com Rachel quando ela era tão sem-noção.

— Rachel, nós concordamos em perdoá-la, mas não abuse da sorte.

— Vocês são os melhores. E estão muito bonitos também. — Rachel sorriu novamente e virou a cabeça para trás, em direção ao palco. — Estou realmente feliz por aparecerem porque tenho um plano para compensar o que aconteceu com a gente na apresentação.

— U-u-um plano? — gaguejou Tina, subitamente nervosa. Ela estava feliz por estar na grande festa e observar todas as pessoas que entravam admirarem suas estrelas. Não precisava de mais um plano. Por que Rachel precisava ter tantos planos?

— Sim. — Rachel recuou um pouco quando viu um jogador de futebol, carregando um copo de ponche, vir em sua direção. Não era uma raspadinha, mas, ainda assim, Rachel não a queria esparramada em seu vestido. No entanto, o garoto entregou o copo à sua acompanhante em vez de jogar a bebida em Rachel. — Nós vamos cantar hoje à noite, aqui, para toda a escola.

— Aqui? — perguntou Artie. Ele olhou para o ginásio lotado. — E como faremos isso?

— Eu já pensei em tudo — disse Rachel. Ela apontou para a cabine do DJ. — Só precisamos sabotar o esquema de som por um tempinho e pegar alguns microfones.

— Não sei se é uma boa ideia — disse Tina, devagar. Ela gostava de pensar sobre as coisas cuidadosamente antes de tomar uma decisão, e aquilo parecia apressado. Como um desastre esperando para acontecer. E se fosse mais um grande erro? — Não nos humilhamos o suficiente?

— Sim, e agora é nossa chance de compensar isso. — Rachel cantarolava de empolgação. Ela sabia que esse plano funcionaria. Eles deveriam ter feito algo assim na primeira vez, e não cantar uma antiga canção da Broadway que não tinha a ver com eles. — Tina, essa é sua noite. Sua decoração está maravilhosa e todas as Cheerios sabem que essa festa só está bonita por sua causa.

— É verdade — concordou Artie, virando-se para Tina. — Você já tem uma vitória sobre as Cheerios.

— Essa é sua chance. — Rachel olhou para trás, em direção a Finn. As mãos de Quinn estavam sobre seu ombro e, para Rachel, suas unhas cor-de-rosa pareciam garras.

— Não sei. — Tina mexeu a cabeça em direção à entrada. — Vamos ver o que eles acham. — Kurt e Mercedes haviam acabado de entrar, fabulosos. Kurt usava seu terno Tom Ford cinza-escuro e com uma única fileira de botões, uma camisa branca e uma gravata preta e fina. Ele entrou no ginásio com a confiança de alguém que sabe que é a pessoa mais bem-vestida do lugar. Mercedes, com suas curvas, sabia que precisaria estar ainda mais bonita ao lado de Kurt, então pegou o cartão de crédito do pai emprestado e comprou um corpete roxo que realçava suas melhores qualidades e uma saia tulipa preta. Uma fita de strass prendia seus cabelos para trás.

Rachel sorriu, sem resposta, enquanto acenava para Kurt e Mercedes. Ambos eram divas, e Rachel não conseguia imaginá-los recusando uma chance de se apresentar outra vez, especialmente tão bem-vestidos. As coisas estavam, definitivamente, começando a melhorar para ela.

Nem todos estavam tão felizes. Do outro lado do ginásio, Quinn Fabray estava tendo dificuldades em manter um sorriso no rosto. Brittany morava a poucos quarteirões da escola e convidara Quinn e Santana para se arrumarem na sua casa após o jogo. Quinn, portanto, passara uma torturante hora ouvindo Santana tagarelar sobre como Puck era gato e que ela não sabia se seria capaz de se controlar perto dele. Quinn quis vomitar.

Ela não fora capaz de pensar em outra coisa além de Puck. Na verdade, ela esperava que a noite anterior funcionasse como um ponto final naquela loucura e que finalmente pudesse voltar ao normal, mas não acontecera dessa forma. Ela vira Puck na aula mais

cedo, é claro, mas não tiveram a chance de conversar; apenas trocaram sorrisos.

Porém, depois de ver Santana envolver seu corpo magro e flexível em um pequeno vestido vermelho da Express que deixava suas costas expostas, Quinn só conseguia torcer para que Puck não aparecesse na festa. Ela não teve essa sorte. Quando chegaram, Puck, Finn e os outros garotos do time de futebol americano já estavam no ginásio, depois de se arrumarem no vestiário.

— Você está muito gata. — Puck conseguira sussurrar no ouvido de Quinn enquanto Finn buscava um copo de ponche para ela, mas, desde então, ela não o vira ou a Santana. Sua amiga estava ansiosa para afastar Puck da multidão e atacá-lo, mas não poderia ter feito isso tão rapidamente, poderia? Quinn não os via em lugar algum. Ela tentou não imaginar os dois no carro dele, embaçando as janelas.

— Você está bem? — perguntou Finn, tocando o braço de Quinn.
— Parece nervosa.

Quinn sorriu para ele, tentando clarear a mente. Ela estava com Finn, não Puck, e precisava se concentrar nisso. Aquela deveria ser a *sua* noite. Ela seria coroada rainha e, quando o diretor Figgins colocasse a coroa em sua cabeça, todos a aplaudiriam e comentariam o quanto ela é bonita.

— Acho que estou apenas desejando que sejamos coroados rei e rainha da festa.

— Ah. — Finn pareceu confuso por um segundo. Ele estava feliz por estar ali com Quinn e tudo o mais, e ela estava realmente bonita com os cabelos soltos, mas não conseguia se importar com algo tão sem sentido quanto ser o rei da festa de Boas-Vindas. Ele mal ligava de ter perdido o jogo, que era muito mais importante para ele. Se não conseguisse uma bolsa de estudos através do futebol, o que faria da sua vida? Ele olhou para Quinn, cujos lábios cintilavam sob a luz fraca. Era um pouco estranho ela ter falado do ofurô naquele dia

e depois não tocar mais no assunto, por isso ele não sabia se a oferta ainda estava valendo.

— Nós deveríamos socializar mais — disse Quinn, segurando o braço de Finn. Se ela ficaria ali com Finn, o mínimo que poderia fazer era curtir o fato de ser a mais bonita naquela festa. Finn era um dos caras mais populares da escola e ela sabia que todas as Cheerios estavam morrendo de inveja de Quinn por tê-lo conquistado.

Além disso, se ela se concentrasse em encenar aquele papel, talvez começasse a esquecer o que estava perdendo.

— Vamos conversar com Kirsten e o namorado dela. Ele está na faculdade.

Finn se deixou ser arrastado. Seu olhar se perdeu na multidão e ele desejou estar em casa jogando Halo. Então, viu uma garota num vestido azul-esverdeado. Era Rachel Berry? As laterais dos seus longos cabelos escuros haviam sido puxadas para trás num daqueles penteados torcidos que as garotas fazem, e ela estava realmente bonita. Ele quis andar até ela e dizer alguma coisa. Sentia muito por as Cheerios terem conseguido colocar em prática aquele trote idiota, e se sentia mal por seu aviso não ter sido suficiente para protegê-la. Ele não tinha certeza de por que se importava, mas sentia que havia algo mais em Rachel, algo além do que todos os outros viam.

— Ei? — Quinn bateu levemente no seu braço. — Você vem?

— Sim — disse ele. Rachel havia desaparecido na multidão, e ele sentiu algo diferente no peito, como se houvesse perdido alguma coisa.

vinte e quatro

Ginásio do colégio McKinley, festa
de Boas-Vindas, mais tarde

Como Rachel suspeitava, Mercedes e Kurt não precisaram de muita insistência para concordarem com seu plano.

— Como minha primeira apresentação deixou a desejar, a ideia de ter uma segunda chance é bastante atraente. — disse Kurt, alisando a lapela do seu terno. — Além disso, com que frequência estou bonito assim?

— Você está sempre bonito. — Mercedes bateu delicadamente no seu braço. Ela estava com um bom humor incrível; adorava ser acompanhada em um evento, ao menos uma vez. O ginásio estava realmente lindo, graças a Tina. Mercedes usava roupas novas, sapatos plataforma roxos sexy e joias: um enorme pingente de strass em formato de M, argolas douradas novas e um grande anel cintilante da loja Claire, que Kurt achara fantástico. Ela se sentia uma estrela do rock. E agora teria a chance de se apresentar? Era bom demais para ser verdade. — Quando faremos isso?

— Em breve. Talvez depois daquela coisa chata de coroação. — Rachel se sentia viva de tão empolgada. Era isso. Ela podia sentir que chegava a hora. — Eu preciso dar uma olhada na cabine do DJ. — Seus saltos estalavam no chão enquanto ela passava por casais dançando uma música do Coldplay. Quando estava no meio do caminho, em direção à cabine do DJ, a música terminou.

Todos se viraram em direção ao palco. As pessoas se cutucavam enquanto observavam Brittany subir as escadas até o palco, cambaleando nos seus sapatos prateados e com salto agulha. Ela parecia uma Barbie em seu curto e justo vestido rosa-shocking e preto e os cabelos puxados para trás em um coque.

Brittany se aproximou do microfone. Depois de algum barulho dos alunos, ela começou a falar de um jeito superrápido, quase impossível de entender.

— Agora vamos ao momento da noite pelo qual todos esperavam: a coroação do rei e da rainha do baile de BoasVindas. — Ela leu o texto de um cartão, sem respirar.

Todos murmuraram, entusiasmados. Enquanto Rachel se movia lentamente em direção à cabine do DJ, ouviu as pessoas cochichando sobre Quinn e Finn e sobre como eles ganhariam. Quando terminou de contornar a multidão, passou pela treinadora Sylvester, que conversava com a tímida professora de economia.

— Foi um investimento que valeu a pena. — Rachel ouviu, por acaso, a treinadora Sylvester dizer. — Fiquei mais do que feliz em comprar votos com o dinheiro dos programas de arte da escola para garantir que fosse mantida a delicada estrutura social que os adolescentes precisam para separar os fracos e os fortes.

— E isso é justo? — sussurrou a Sra. Iggulden, soando ligeiramente horrorizada. Rachel parou de repente, esforçando-se para ouvir cada palavra.

— Usar o dinheiro deles? — A treinadora Sylvester vestia um conjunto esportivo preto. — O dinheiro vai direto para as sessões de bronzamento das Cheerios, de qualquer forma. Todos saem ganhando.

As mãos de Rachel começaram a tremer. Ela sabia que a treinadora Sylvester era desonesta, mas isso era um absurdo. Ela tinha comprado votos para a eleição? *Tudo* era fraudado — a corrida das festividades de Boas-Vindas, o recital Apaixone-se pela Música. Porém, dessa vez, em vez de querer arrancar seus cabelos e se transferir para outra escola, Rachel deixou que esse absurdo a inspirasse. Ela mostraria a eles.

— E os vencedores são Quinn Fabray e Finn Hudson — anunciou Brittany, esquecendo de abrir o envelope selado com os resultados. O ginásio inteiro explodiu em aplausos enquanto Quinn e Finn, posicionados estrategicamente perto do palco, subiram os degraus e se aproximaram do microfone. Os jogadores de futebol americano fizeram aqueles barulhos de “u-hu” e bateram seus punhos no ar. O diretor Figgins apareceu no palco, levando uma tiara e uma coroa de plástico brilhante.

Quinn sentiu como se tudo acontecesse em câmera lenta. Durante todo o dia, as pessoas disseram que votaram nela e em Finn, portanto ela não estava exatamente surpresa por ouvir Brittany anunciar seu nome. Mas não acreditou que seria tão bom subir ao palco diante de aplausos estrondosos, com todos olhando para ela e as garotas desejando ser ela. Nunca sentira um poder tão grande e verdadeiro antes e sentiu-se um pouco tonta ao perceber que era realmente a garota mais importante do colégio McKinley. E Finn, seu par bonito e alto, embora talvez um pouco lerdo, estava ao seu lado.

Era mais do que ela havia sonhado. Era absolutamente perfeito.

— Parabéns. — Enquanto se inclinava um pouco para que o diretor Figgins colocasse a tiara na sua cabeça, Quinn ouvia o

barulho das câmeras nos celulares tirando fotos suas, e sentiu um sorriso, o primeiro sorriso verdadeiro daquela noite, se espalhar lentamente pelo seu rosto.

— Incline-se, por favor. — O diretor Figgins instruiu Finn, que era mais alto que ele. Finn dobrou os joelhos, sem jeito, e deixou que o diretor Figgins colocasse a coroa na sua cabeça. Quinn, sorrindo para a coroa, notou que seu olhar se prendia em alguém que surgira no centro do ginásio.

Era Puck. Os olhos dele encontraram os dela. Com seu terno e camisa pretos, sem gravata, ele estava bonito de um jeito elegante e perigoso. Quinn ainda sentia seus joelhos tremerem um pouco quando pensava no que acontecera na noite anterior, mas havia algo além da tensão sexual nos olhares dos dois. Enquanto Santana segurava o braço de Puck, Finn colocou sua mão na cintura de Quinn, e houve um entendimento silencioso entre os dois.

Era como deveria ser. Era isso o que ela sempre quisera. O que ainda queria. Estar no palco com seu acompanhante, pronta para reinar sobre aquela escola. Ela era uma boa garota. Era a rainha da festa, e agora teria que viver aquele papel.

E não havia espaço para Puck.

Quando encostou sua bochecha contra a de Finn, na pista de dança, Quinn sabia que seria para o bem de todos. Puck havia sido apenas uma insanidade temporária — talvez algo relacionado aos ciclos da lua — mas ela voltara para onde pertencia. Exalou um suspiro de alívio.

Após a coroação, o DJ começou a tocar novamente. Depois de uma música lenta para o rei e a rainha dançarem, o ritmo mudou para melodias mais rápidas, que todos poderiam dançar. A festa começou a bombar.

— Está na hora? — perguntou Mercedes, ajeitando sua saia. — Estou pronta para arrasar.

Kurt revirou os olhos. Ele ainda assistia a Finn e Quinn em sua tentativa desajeitada de dançar enquanto falavam com o bando de pessoas que se apressaram para cumprimentá-los.

— Por favor, vamos logo com isso. Não vou aguentar ver os garotos populares puxarem o saco uns dos outros por muito mais tempo.

— É agora ou nunca — concordou Artie.

— Me desejem sorte! — disse Rachel, animadamente, enquanto se virava e andava em direção à mesa do DJ. Era um cara magro, de uns 25 anos, com um cavanhaque e cabelos oleosos amarrados em um rabo de cavalo. Rabo de cavalo? Sério? Eles não tinham voltado a ser só para garotas? Quando Rachel chegou à cabine, inclinou-se e sorriu para o DJ.

— Você está fazendo um trabalho incrível essa noite — disse ela ao DJ.

Ele piscou, como se não estivesse acostumado a garotas falando com ele.

— Você acha? — Ele se inclinou para ouvir o que Rachel dizia, por causa do barulho da música.

— Definitivamente. — Rachel piscou seus cílios sedutoramente para ele. Ela não gostava de maquiagem pesada, mas estava feliz por ter passado uma camada extra de rímel naquela noite. — Qual é o seu nome? — Ela fixou o olhar na pinta que ele tinha na bochecha para que seu olhar não acompanhasse Kurt e Tina, que se esgueiravam por trás dele. Eles procuraram em duas caixas até encontrarem cinco microfones sem fio.

— Ricky — disse ele, com a mão em concha ao redor da boca. Sua pele era excessivamente pálida, como se houvesse passado a vida inteira em espaços fechados. — Eu posso... Você quer que eu toque uma música para você?

— Sim — respondeu Rachel, sorrindo.

Dois minutos depois, as primeiras notas de "Just Dance", de Lady Gaga, pulsaram através das caixas de som, enlouquecendo os alunos. Até as pessoas que continuavam nas laterais entraram na pista e começaram a se mover no ritmo da música. Todos menos Kurt, que estava agachado atrás da cabine do DJ. Os outros integrantes do Glee se aproximaram aos poucos do palco, cada um segurando um microfone. Finalmente, assim que a música começava a ficar agitada, Kurt arrancou o fio do aparelho de som e correu para a pista de dança antes que Ricky pudesse perceber o que havia acontecido.

A música parou subitamente. "Que porra é essa?", gritou alguém. Os outros alunos vaiaram e riram até começarem a ouvir alguma coisa. Gradativamente, um silêncio tomou conta da multidão. Alguém estava cantando.

Os alunos do Glee cantavam exatamente a partir do ponto em que a música havia parado. As pessoas perto do palco chegaram para trás para dar espaço aos alunos com microfones e as pessoas no final da multidão tentavam ver quem estava cantando. Após alguns momentos de surpresa, todos começaram a bater seus pés no chão e a dançar, como se aquela mudança fosse combinada. Alguns deles aplaudiram.

O rosto de Rachel queimava com entusiasmo enquanto ela cantava, nutrindo-se dos olhares da multidão. Eles cantavam incrivelmente bem, ela já conseguia perceber. Talvez fosse a música, talvez só precisassem estar relaxados.

Ou, talvez, tenham percebido que poderiam perder o que tinham no Glee se não cantassem com todo o coração.

Ricky, o DJ, rapidamente usou uma batida maravilhosa para acompanhá-los, e até os adultos se viram batendo os pés no chão ao ritmo da música. O Sr. Schuester, que aguentava uma conversa torturante com o técnico Ken Tanaka sobre doenças como o pé de

atleta, ficou encantado. Quem eram esses meninos? Eles não apenas eram talentosos como também corajosos, animando a entediante festa de BoasVindas com sua pequena apresentação improvisada.

— Esses meninos têm muito potencial — disse o Sr. Schuester para Ken.

— Acho que sim. — O treinador afrouxou seu cinto. Sua bermuda de alfaiataria era um pouco apertada demais e ele se sentiu desconfortável em um lugar cheio de alunos que não estavam vestindo suas roupas de treino.

O Sr. Schuester não era a única pessoa impressionada. Quando os integrantes do Glee começaram a cantar, o grupo que cercava Quinn e Finn correu para ver o que acontecia, deixando ambos sozinhos no centro do salão. Quinn arrastou Finn para a frente, avançando lentamente por entre as pessoas até chegarem à frente da multidão.

Quinn olhou para Finn, que parecia completamente em transe diante da apresentação. Ela seguiu seu olhar, o que a levou a Rachel Berry, que dançava pela pista como se fosse sua dona. Onde eles conseguiram essas porcarias desses microfones?

— Isso não faz parte da programação — disse Quinn, irritada. Aquela deveria ser a sua noite, mas Rachel Berry e seus amigos perdedores tinham estragado tudo.

Finn mal podia ouvir Quinn por causa da música e dos pés da multidão batendo sobre o chão.

— Eles são muito bons, não são? — Ele falava principalmente de Rachel, que se movimentava de um lado para outro com o microfone, como uma verdadeira artista. Ela soava melhor que a Lady Gaga e não parecia nada nervosa. Apenas parecia realmente se divertir.

Os olhos de Quinn se estreitaram.

— Se você gosta desse tipo de coisa — respondeu. E ela não gostava. Não gostava mesmo.

Suas palavras sumiram na explosão de aplausos.

vinte e cinco

Sala do diretor Figgins, segunda-feira pela manhã

Na segunda-feira, os alunos do Glee foram chamados à sala do diretor Figgins. O final de semana havia sido exatamente o oposto do anterior, após a apresentação humilhante no recital. Agora, em vez de humilhados, estavam completamente exultantes, e todos os participantes do Glee sentiam uma onda de generosidade em relação a Rachel. Mesmo quando ela rapidamente reivindicou o crédito pela ideia e pela chance de redenção do Glee, eles não conseguiram realmente odiá-la por se gabar, mesmo que admitir isso enlouquecesse Mercedes.

Tina, Kurt, Mercedes e Rachel se aglomeraram ao redor da mesa do diretor Figgins. Artie não conseguiu passar pelas poltronas e foi obrigado a ficar perto da porta. A treinadora Sylvester, usando um conjunto esportivo amarelo e azul-escuro estava ao lado, encostada no aquecedor.

Rachel limpou a garganta. O que a treinadora Sylvester estava fazendo ali? Ela não conseguia entender como os alunos do Glee

poderiam estar em algum tipo de encrenca, mas estava confiante de que seria capaz de livrá-los de qualquer problema. Na verdade, ela estava confiante em tudo naquela segunda-feira. O baile de Boas-Vindas não poderia ter sido mais bem-sucedido, e vários alunos tinham ido falar com os membros do Glee após a apresentação, comentando sobre como eles eram incríveis. Mesmo que as Cheerios e os jogadores de futebol tenham fingido que nada havia acontecido, Rachel sabia que eles estavam furiosos.

O que tornava tudo ainda mais saboroso.

— Eu os chamei aqui para falar sobre o que aconteceu na festa de Boas-Vindas de sexta-feira — anunciou o diretor Figgins com sua típica voz cansada. Ele olhou para a treinadora Sylvester. — Algumas pessoas se sentiram, hum, ofendidas com a apresentação de vocês.

— Mas fomos incríveis. Foi mágico — disse Kurt. A última vez em que estivera na sala do diretor Figgins fora após ser amarrado no alto da trave de um gol no campo de futebol, durante uma aula de educação física. Ele não conseguira identificar os autores, pois havia mantido os olhos fechados o tempo todo.

— Se, com “mágico”, você quer dizer desrespeitoso, abominável e apavorante, então vocês realmente foram incríveis. — Duas pequenas gotas de saliva grudaram nos cantos da boca da treinadora Sylvester.

O diretor Figgins levantou uma das mãos para silenciar a treinadora Sylvester.

— Em casos de problemas como esse, eu gosto de chamar os alunos e pedir que eles próprios expliquem o que aconteceu.

— Eu vou te dizer o que aconteceu — zombou a treinadora Sylvester. — Esses pequenos ratinhos interromperam um dos momentos mais importantes de uma garota durante o ensino médio, surgindo no salão no meio da festa de Boas-Vindas e fazendo uma apresentação qualquer. Atuando como se fossem travestis? É

vergonhoso. — Ela balançou a cabeça, desgostosa. — Não sei como a pobre Quinn Fabray conseguiu dormir. Com certeza chorando, depois de vocês destruírem brutalmente a noite dela.

— Diretor Figgins, nós esperamos que a dança especial do rei e da rainha da festa acabasse antes de fazermos nossa apresentação, eu juro. — Rachel tentou não olhar para a treinadora Sylvester, a qual ela suspeitava que não teria medo de socá-la caso se esbarrassem em um corredor vazio.

— Esse tipo de desculpa não funcionou para os nazistas. — A treinadora Sylvester olhou para o diretor Figgins, buscando apoio, mas ele apenas sugeriu que Rachel continuasse explicando. Ele desejou estar jogando golfe.

— Olha, nós fizemos isso porque fomos praticamente forçados. O clube Glee nunca tem oportunidades de se apresentar porque não há dinheiro para nós no orçamento da escola. E o Sr. Ryerson nunca está perto para ajudar. — Rachel colocou seus cabelos atrás da orelha. Tina deu um pequeno sorriso para mantê-la motivada. Ela se sentiu bem representando os alunos do Glee para o Sr. Figgins, especialmente porque sabia que tinha uma relação especial com o diretor.

— Mas vocês se apresentaram no recital Apaixone-se pela Música. — O diretor Figgins olhou, através da janela, o cortador de grama indo de um lado para outro pelo gramado. Ele se perguntou quem o conduzia. Provavelmente aquele cara horrível que a prefeitura havia enviado, Hank.

— Sim, mas fomos sabotados pelas Cheerios, que nos deram uma máquina de fumaça com problemas, a qual já haviam usado e sabiam que estava defeituosa. — A voz de Rachel se tornava ainda mais passional quando ela falava sobre as injustiças que sofria.

O diretor Figgins piscou.

— É verdade, Sue? As Cheerios foram responsáveis pela máquina de fumaça? Três pais precisaram ir à enfermaria do colégio por causa da fumaça que inalaram!

— Duvido que minhas garotas tenham alguma coisa a ver com isso. — A treinadora Sylvester bufou. — Elas estão muito concentradas em aperfeiçoar sua coreografia para o campeonato regional para gastarem o tempo com alunos barulhentos e imaturos como esses meninos do Glee.

— Falando em pessoas barulhentas, treinadora Sylvester — começou Rachel, sentindo seu peito se encher diante do triunfo iminente —, eu ouvi você dizer à Sra. Iggulden que você foi, pessoalmente, a responsável por garantir que sua principal Cheerio, Quinn Fabray, e seu namorado ganhassem as eleições, “comprando” duzentos votos.

— Você não pode votar na eleição da festa de Boas-Vindas, Sue. Você nem é aluna! — O diretor Figgins nunca se surpreendia com as atitudes da treinadora Sylvester, mas, dessa vez, ela parecia haver ultrapassado os limites. Ela estava sempre enganando alguém, e era somente porque as Cheerios ganhavam tantos campeonatos que o diretor a aturava. — Explique-se.

Kurt cutucou Mercedes. Aquilo era maravilhoso.

O rosto da treinadora Sylvester congelou. Ela não estava acostumada a ser desafiada, nem mesmo pelo diretor Figgins e principalmente não em frente a um grupo de fracassados metidos a cantores.

— Para manter a estrutura moral que os adolescentes necessitam... — começou ela.

O diretor Figgins a cortou.

— Para manter a estrutura moral que os adolescentes precisam, nós, administradores, precisamos dar um bom exemplo. — No entanto, a última coisa que ele queria era que houvesse outra

eleição porque alguém da sua equipe corrompera a primeira. Aquilo poderia se tornar uma grande dor de cabeça. — Para consertar esse problema, sugiro que os resultados da festa permaneçam os mesmos. De acordo com o que eu ouvi, Sue, sua contribuição nem era necessária. Todos amam Quinn e Finn. — O diretor deu de ombros. Finn Hudson era um bom garoto e Quinn Fabray, uma aluna exemplar, com exceção da sua insistência para que ele permitisse que ela fundasse o Clube do Celibato. — Mas todo o dinheiro arrecadado com os votos pelas Cheerios deve ser transferido para o clube Glee.

— Isso não será possível. — O rosto da treinadora Sylvester se empalideceu. — Esse dinheiro será canalizado diretamente para o bronzeamento das Cheerios. Você só pode estar brincando.

— Não estou brincando, Sue. — O diretor Figgins se levantou. Ele estava pronto para que todos deixassem sua sala.

Os olhos da treinadora Sylvester pareciam prestes a saltar das órbitas, mas ela saiu de maneira relativamente elegante.

— Tudo bem, mas falarei com os pais dos alunos sobre isso. Não podemos ganhar o campeonato estadual com um bando de albinos. — Ela olhou demoniacamente para Rachel, deixando claro que as coisas entre elas ainda não haviam terminado. Sem mais palavras, a treinadora desapareceu no corredor, chutando a lata de lixo da secretária.

Os garotos do Glee sorriram. Era bom demais para ser verdade.

— Obrigada, diretor Figgins, pelo seu real entendimento do que é justo. — Rachel amava o cheiro de vitória no ar.

O diretor Figgins falou antes que Rachel Berry continuasse.

— Sim, sim, mas nada mais de arrancar equipamentos caros da tomada. Eu não preciso lidar com mais uma ação judicial.

Os alunos agradeceram ao diretor e deixaram a sala rapidamente, antes que ele mudasse de ideia.

— Eu não acredito — sussurrou Tina enquanto saíam da sala em silêncio. — Isso realmente aconteceu? Nós teremos algum dinheiro?

— É um começo, ao menos — declarou Rachel. Ela já previa pilhas de partituras, figurinos elaborados e um equipamento de som novíssimo. Porém, talvez o que eles realmente precisassem era de um orientador, alguém que pudesse guiá-los para que se tornassem cantores e artistas melhores. Ou talvez camisetas!

— Você foi realmente muito legal, Rachel — disse Artie, ajeitando a gravata. — A forma como você se colocou diante do diretor Figgins e da treinadora Sylvester. — Ele percebeu que a persistência dela, em algumas situações, até era algo bom.

— Sugiro que celebremos nossa mais recente vitória com Mimosas sem álcool. — Kurt bateu palmas. — Quem está dentro?

Todos concordaram, com exceção de Rachel, que olhava para o corredor e observava Finn Hudson rondando um bebedouro, fingindo beber água. Ela podia ver o jato de água a centímetros da boca dele. Estaria ele... esperando para falar com ela?

— Encontrarei vocês em um minuto — disse Rachel, alisando a saia plissada cinza. — Preciso pegar uma coisa no meu armário.

Assim que os alunos do Glee foram embora, Finn se levantou e enxugou a boca. Ele olhou ao redor para ver se algum dos seus colegas do futebol estava à vista e então sentiu-se um pouco culpado. Por que ele se importava com quem seria visto conversando? Isso era tão idiota. Ele podia fazer o que quisesse. Era o rei do baile de Boas-Vindas, afinal.

Com isso, andou em direção a Rachel, que segurava sua mochila, fingindo procurar alguma coisa.

— Oi, Rachel. — Finn sentiu sua língua pesada, como na vez em que ele derrubara uma colmeia de abelhas com um taco de beisebol e todas elas foram atrás dele. Ele ficava meio nervoso quando falava com Rachel... Ela parecia tão inteligente, e um pouco louca.

— Oi, Finn. — Rachel ajustou sua postura e sorriu para ele. Ela pensou nele como um tipo de caranguejo-ermitão que relutava em deixar sua concha. Ele só precisava de um pouco de incentivo. — Parabéns por ganhar o disputado prêmio de rei da festa de Boas-Vindas.

— Ah, tá. Obrigado. — Finn balançou a cabeça. Parecia bobo ela parabenizá-lo quando tudo o que ele fizera fora subir ao palco e deixar que o diretor Figgins colocasse uma coroa em sua cabeça, o que tinha sido meio esquisito. Na verdade, Rachel era quem havia feito uma apresentação maravilhosa e espontânea na festa, com seus amigos nerds, mas talentosos, que toda a escola havia amado. Seria legal fazer algo criativo como isso. Quinn, no entanto, passara todo o caminho de volta para casa irritada e nem considerou a ideia do ofurô. — É que eu ouvi, tipo, um boato sobre você.

— Não é verdade — respondeu Rachel com veemência. — Eu nunca saí com nada que tivesse quatro patas.

— Não, não esse. — Finn passou a mão pela cabeça. — Que talvez você se transfira para uma escola especializada em artes.

— Ah... — Rachel havia quase esquecido essa ideia. Ela ficou surpresa pelo boato ter se espalhado; normalmente, se as novidades não fossem depravadas, ninguém ligava. — É algo em que eu estava pensando.

Talvez houvesse sido, em parte, o recente sucesso do clube Glee que a fizera pensar duas vezes antes de tentar uma transferência, mas, mesmo antes disso, seu coração não estava certo dessa decisão. Talvez existissem escolas onde ela desenvolveria melhor seu talento, mas o colégio McKinley tinha algo que nenhum outro teria: Finn Hudson. Ela sabia que era estúpido basear sua decisão — e possivelmente seu futuro — em um garoto com quem conversara umas três vezes, mas não conseguia evitar. Ela sabia que havia alguma coisa entre eles.

Finn assentiu e se apoiou nos armários. Ele parecia tão casual e bonito, como um garoto nos anúncios da JCPenney que chegavam pelo correio.

— Bem, eu só queria dizer que achei muito legal o que vocês fizeram na festa. Você cantou muito bem. E estava muito bonito. — Ele ficou vermelho. — Quero dizer, todos vocês. Não só você.

Os olhos de Rachel se arregalaram.

— Obrigada — disse ela, com o cérebro a mil. Finn parecia realmente nervoso ao falar com ela.

Ele deu de ombros.

— Só queria te dizer isso antes que você saísse do colégio.

Rachel sorriu docemente.

— Na verdade, eu decidi não me transferir. Uma pessoa me ajudou a mudar de ideia sobre o McKinley — acrescentou ela com veemência.

— Ah, legal. — Finn pareceu não entender a referência de Rachel, o que não era um problema. Ele estava namorando Quinn Fabray, afinal, e Rachel não se atiraria nele. Bem, não exatamente. Mas não havia nada errado em deixá-lo saber o que estava perdendo, havia? — O azar deles é a sorte do McKinley, então.

Além disso, a apresentação na festa — que fora praticamente improvisada — lembrou a Rachel como era fácil brilhar quando se está cercado pela mediocridade. Ela estava pronta para ser um peixe grande — o maior, mais brilhante, mais talentoso — no pequeno lago do colégio McKinley. Na verdade, ela nascera pronta para isso.

— É muito gentil da sua parte dizer isso. — Rachel olhou em direção ao refeitório e viu os outros integrantes do Glee esperando por ela na porta. — Então, acho que vejo você por aí, Shark Finn — disse ela, com atrevimento, antes de dar meia-volta e ir embora lentamente.

Finn olhou para ela, observando seu corpo desfilarem pelo corredor. Como ela sabia que fora ele?

— Ei, espere um segundo! — Suas pernas longas precisaram de apenas alguns passos para alcançá-la. Ele baixou seu tom de voz para que ninguém pudesse ouvi-lo. — Se você recebeu meu aviso sobre o trote das Cheerios, por que se apresentou?

— Sem querer ofender, visto que sei que você namora uma delas, mas as Cheerios não dominam o mundo, e eu não vou deixá-las me dizerem o que posso ou não fazer. — Os lábios de Rachel formigaram por estarem tão perto de Finn. Ela tivera um sonho, há algumas noites, no qual eles estavam sentados em uma biblioteca (uma boa biblioteca, com livros e cadeiras de couro, não a biblioteca da escola) e ele olhava por cima de um livro e se inclinava para beijá-la. Quando ela acordou, todo o seu corpo formigava. O beijo parecia real; tão real que ela sentiu que o sonho fora uma premonição. Ela beijaria Finn Hudson algum dia.

— É uma boa política. — Finn acenou para ela e se virou. Ele estava com uma sensação engraçada no estômago, como se houvesse comido muito camarão ou algo parecido.

Rachel sorriu para si mesma enquanto andava. À frente, podia ver um jogador do time de futebol americano jogar o livro de matemática de Kurt no lixo. Tudo bem, talvez as coisas ainda não estivessem completamente diferentes, mas, ao menos, estavam indo na direção certa. O clube Glee tinha divertido a escola inteira no baile, e Finn Hudson estava falando com ela. Algum dia, ela poderia até beijá-lo.

★ ★ ★

— Bom-dia, senhoras e senhores do colégio McKinley — disse Rachel ao microfone da sala de avisos, alguns minutos mais tarde.

Quando o diretor Figgins concordou em deixá-la cuidar dos avisos matinais por duas semanas, como um período de experiência, provavelmente não imaginava como ela seria excelente. Ele provavelmente ficaria com o coração partido ao saber que essa era a última transmissão de Rachel — não era assim *tão* inconcebível que seus animados avisos matinais fossem como um raio de sol nos seus dias deprimentes.

— Como vocês sabem, vimos, nesse fim de semana, nosso time de futebol americano do colégio McKinley se esforçar bravamente contra o Central Valley. Mesmo não ganhando o jogo, sei que todos, e me incluo, estão orgulhosos do nosso time.

Rachel fez uma pausa. Ela imaginou se Finn saberia que se referia a ele; não estava orgulhosa dos outros. Respirou fundo para que as próximas palavras não ficassem presas em sua garganta.

— Além disso, gostaria de estender meus parabéns ao rei e à rainha da festa de Boas-Vindas, Finn Hudson e Quinn Fabray. — Rachel realmente não estava com inveja. Nunca quis ser alguém admirado somente por sua beleza exterior, como Quinn. Talvez fosse bom por um tempo, mas Rachel preferia que as pessoas a admirassem por seu incrível talento.

Além disso, se o namorado de Quinn continuava tendo “momentos” com Rachel, a vida da garota não era assim *tão* perfeita.

— Acima de tudo — a voz de Rachel *voltou* a ressoar pelas salas de aula —, obrigada a todos por seu apoio durante a breve apresentação do Glee no baile. Todos ficarão felizes em saber que o clube Glee recebeu, enfim, um patrocínio substancial, e vocês definitivamente verão mais apresentações nossas.

Ela não ligava se a treinadora Sylvester pudesse entrar bufando na sala e ameaçando sufocá-la com um par de pompons vermelhos

e brancos; Rachel merecia dar a si própria um leve tapinha nas costas. E aos outros alunos do Glee também, é claro.

— Enquanto isso, eu os deixo com algumas palavras de Tom Petty. — Este não era seu artista preferido, mas Rachel não conseguiu achar uma música mais perfeita para aquele momento do que “I Won’t Back Down”. Ela cantou corajosamente e, então, se afastou do microfone, incapaz de tirar o sorriso do rosto. Imaginou a letra daquela canção entrando lentamente nos cérebros conscientizados dos alunos e dos professores do colégio McKinley, junto com sua voz encantadora.

Apesar de tudo, o ano parecia começar muito bem.

★ ★ ★

Enquanto Rachel saía da sala de avisos, o Sr. Schuester se aproximava da sala do Sr. Figgins pela entrada oposta.

— Figgins? Eu queria conversar com você sobre o Glee.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.